M.I.Uliánova

Lénine e a Família Uliánov

M.I. Uliánova

Lénine e a Família Uliánov

Recordações, cartas, notas

Edições Progresso
Moscovo
1985

Tradução de *L. Piatigórski*

М. И. Ульянова

О В. И. ЛЕНИНЕ И СЕМЬЕ УЛЬЯНОВЫХ

на португальском языке

© Политиздат, 1978
©Tradução para o português com alterações
Edições Progresso, 1985

Impresso na URSS

У $\frac{0103020000-249}{014(01)-85}$ 190–85

PREFÁCIO

Nas recordações sobre Vladímir Lénine, Maria Uliánova, sua irmã e companheira de luta, descreve com ternura a infância e a adolescência deste, a atmosfera sã que reinava na família. Recorda Volódia* ainda adolescente, o seu carácter e interesses, amizade que o unia aos irmãos, mostra-o atencioso, solícito, leal para com os que o rodeavam. Os seus ensaios sobre Lénine falam dos longos anos por ele passados no exílio, do enorme papel que desempenhou na Grande Revolução Socialista de Outubro e na criação do Estado soviético.

A presente obra abrange parte das cartas escritas por Maria Uliánova em várias épocas a Vladímir, Ana, Dmítri, à sua mãe, Maria Alexándrovna. Os ensaios de Maria Uliánova *O Pai de Vladímir Lénine – Iliá Nikoláevitch Uliánov*, *A Mãe de Vladímir Lénine – Maria Alexándrovna Uliánova*, *À Memória de Alexandre Uliánov* e *A*

* Diminutivo de Vladímir

Nossa Irmã Olga.

Nos ensaios sobre os pais, Maria Uliánova evoca-os com carinho e afeição, como pessoas cultas e avançadas para o seu tempo.

Formado em matemática pela Universidade de Kazán, Iliá Nikoláevitch Uliánov consagrou a sua vida ao ensino do povo, ofício que amava apaixonadamente e servia abnegadamente. Como inspector do ensino primário de Simbirsk (hoje região de Uliánovsk) Iliá Nikoláevitch abria novas escolas, esforçava-se por obter das autoridades os meios necessários à sua manutenção. Pelo seu trabalho infatigável, bondade, rectidão e inteligência, ele era profundamente respeitado pelo povo.

Maria Uliánova oferece-nos um quadro admirável da sua mãe, mulher de nobreza e coragem raras. "Muito bonita exteriormente, recorda ela, com seus traços regulares e olhos inteligentes e expressivos (...). Toda a sua pessoa irradiava grande força espiritual, carácter, integridade". Maria Alexándrovna tocava piano excelentemente, transmitia o amor à música aos filhos. A eles dedicou toda a sua vida, vivia dos seus interesses, ajudava-os sempre a superar as duras provas da luta revolucionária.

Em 1937, Maria Uliánova escreveu um ensaio sobre o irmão mais velho de Lénine, Alexandre, jovem inteligente e justo. Os professores da Universidade de Petersburgo (hoje Leninegrado), onde ele estudava, prediziam-lhe um futuro brilhante como cientista. Mas ele preferiu dedicar-se à actividade revolucionária. Pela participação nos preparativos do atentado contra o czar, Alexandre Uliánov e quatro companheiros seus foram presos e executados.

O ensaio *A Nossa Irmã Olga* foi publicado em 1978, por alturas do centenário do nascimento de Maria Uliánova. Nele ela descreve a vida notável, apesar de curta, desta jovem hábil, laboriosa.

Agora, ao escrever estas linhas, lembro-me das palavras de Maria Uliánova sobre a sua irmã Olga, sobre o carinho com que esta tratara a pequena Maniacha *. Olga aos quinze anos e meio, tendo terminado o liceu com medalha de ouro, era versada em belas-letras, matemáticas, conhecia várias línguas, tocava piano. Prosseguiu os estudos nos Cursos Superiores Bestujev de Petersburgo ** (estabelecimento de ensino superior para mulheres na Rússia czarista), sonhava ingressar na faculdade de medicina da Universidade de Helsingfors (hoje Helsínquia). As mulheres na altura não podiam receber instrução universitária na Rússia. Todavia, inesperadamente, uma doença grave arrancou-a ao mundo em plena juventude.

Maria Uliánova, irmã mais nova de Vladímir Lénine, nasceu a 18 de Fevereiro de 1878, em

---

* Diminutivo de Maria, pelo qual tratavam Maria Uliánova na família

** Petersburgo, Petrogrado, nomes anteriores da cidade de Leninegrado.

Simbirsk (hoje Uliánovsk). Depois do liceu, ingressou nos Cursos Superiores Femininos de Moscovo (estabelecimento do ensino superior para mulheres fundado no século XIX). Ainda adolescente, começou a divulgar o marxismo entre os operários e intelectuais, participava na organização de greves políticas e círculos clandestinos. "Vladímir ensinava-me, indicava-me o que devia ler, conversava comigo sobre diversas questões", recordaria mais tarde Maria Uliánova. Naqueles anos ela leu uma série de obras de Marx, Engels e outra literatura proibida.

Sendo insuficiente a instrução proporcionada pelos Cursos Superiores Femininos, Maria Uliánova decidiu ir estudar para o estrangeiro, para Bruxelas, numa das melhores universidades da época. A mãe e Vladímir apoiaram a sua decisão. "O plano de Maniacha de ir estudar para Bruxelas parece-me excelente, disse então Vladímir. Creio que o francês não será um problema para ela".

M. Uliánova começa a frequentar a Universidade de Bruxelas em 1898. Ao voltar à Rússia no Verão de 1899, restabelece as suas ligações com os social-democratas. No Outono do mesmo ano é presa e deportada para Níjni Nóvgorod (hoje Górki). A partir desta altura fica a ser vigiada pela polícia constantemente.

Em 1901, Maria Uliánova é presa de novo, sob a acusação de pertencer à organização social-democrata de Moscovo e condenada a dois anos de exílio em Samara (hoje Kúibichev), onde

continua a sua actividade revolucionária como responsável pela correspondência partidária e trabalha no bureau da organização do jornal *Iskra* na Rússia.

Em Outubro de 1903, Maria chega à cidade de Kiev com a mãe e a irmã Ana. A estada dos Uliánov nesta cidade situada perto da fronteira ocidental da Rússia permitiu a Lénine, emigrado na Suíça, estabelecer contactos com os social-democratas nos grandes centros industriais do país. Foi para Kiev que Lénine aconselhou o seu irmão Dmítri Uliánov, delegado ao II Congresso do POSDR, a mudar-se. Maria Alexándrovna, as filhas e o filho instalaram-se num pequeno apartamento, nos subúrbios de Kiev.

Com a chegada dos Uliánov, na cidade intensificou-se a actividade dos círculos clandestinos bolcheviques. A polícia czarista acompanhava todos os movimentos dos bolcheviques de Kiev, em particular dos Uliánov, estabeleceu vigilância especial sobre Maria Uliánova. Havia muito que esperava apanhar os revolucionários de Kiev. Em Dezembro de 1903, o Departamento da Polícia telegrafou para Kiev, ordenando prender todos os membros do CC e do Comité do Partido de Kiev. Na noite de 1 para 2 de Janeiro houve buscas e prisões em massa. Ao todo foram detidas 167 pessoas, entre as quais Maria Uliánova, Dmítri Uliánov e Ana Uliánova. Maria e Ana foram parar à prisão de Lukiánovsk, Dmítri, à fortaleza. A mãe, Maria Alexándrovna, que na altura contava 69 anos, ficou só.

Maria Alexándrovna, simpatizando com a actividade revolucionária dos filhos, nunca os criticava, apesar de se preocupar constantemente com a sua sorte.

Detidos e deportados, Vladímir, Maria, Dmítri e Ana viviam frequentemente em diversos pontos da Rússia e, mesmo, no estrangeiro. Mas esta circunstância não os afastava, uniam-nos não só os laços familiares mas também os interesses e aspirações comuns, as afinidades espirituais, a actividade revolucionária, o desejo de ajudar-se na vida espinhosa e cheia de dificuldades que levavam.

Lénine, numa das suas cartas a Maria Uliánova, escrevia: "Na nossa situação (tanto na tua como, sobretudo, na minha) é tão difícil corresponder-nos como gostaríamos...".

De 1908 a 1909, Maria vive em Paris, assistindo às aulas na Sorbonne. "Passei de novo cerca de um ano com Vladímir (...) em Paris, para onde ele se transferira na altura", recordaria Maria Uliánova. Voltando a Moscovo, ela recomeça a trabalhar na respectiva organização do partido.

Com o desvelo e o carinho que caracterizavam as suas relações com Maniacha, como costumava chamar a Maria, a irmã mais nova, Vladímir vendo-a certa vez sobrecarregada de tarefas disse-lho. Maria respondeu-lhe: "Ao fazer algo, é preciso fazer bem!" Estas palavras foram o "leitmotiv" da sua magnífica vida, a vida de uma revolucionária.

Maria Uliánova possuía raras qualidades espirituais: solicitude, simpatia, bondade, justiça. Recordo-me dessas qualidades sempre, assim como da sua figura esguia, olhar penetrante, olhos castanhos, cara aureolada de cabelos fartos e brancos, mãos delicadas, riso contagioso...

Nunca me esquecerei como Maria e Dmítri redigiam as suas recordações sobre Lénine. Faziam-no depois do trabalho no apartamento de Maria Uliánova ou, mais frequentemente, em casa do meu pai, que vivia perto. Ao longo de várias horas, no apartamento do meu pai, discutiam diversas questões, lembravam factos, episódios da juventude e infância, bem como dos últimos anos da vida de Lénine. Em algumas páginas do manuscrito de Maria Uliánova conservaram-se correcções de Dmítri. Maria recopiava os seus manuscritos várias vezes, emendando, acrescentando. Quando, em 1934, saiu do prelo a brochura de Maria e Dmítri *Sobre Lénine*, Maria ao mostrá-lo ao seu irmão não pôde conter a sua alegria.

Maria Uliánova com sua irmã Ana, preparou para publicação cartas de Lénine a seus parentes com notas circunstanciadas, participou na composição da Colectânea de escritos de Lénine.

Maria Uliánova dotada de grande poder de observação e invulgar talento literário, extraordinariamente laboriosa como seus irmãos e irmãs, escreveu numerosas recordações sobre Lénine, sobre os pais, Iliá Nikoláevitch e Maria Alexándrovna, sobre o irmão mais velho, Alexandre, e a irmã Olga. Muitas dessas recorda-

ções estão inseridas no presente trabalho, onde são publicadas igualmente diversas cartas de Maria a parentes.

Em 1912, Maria e Ana Uliánova-Elizárova foram presas por motivo do processo instaurado contra a organização social-democrata de Saratov, sendo a primeira exilada para a província de Vólogda (hoje região de Vólogda).

Após três anos de desterro, Maria continuou a sua actividade revolucionária em Moscovo e depois, durante a Primeira Guerra Mundial, na frente, como enfermeira.

Em 1916, Maria muda para Petrogrado. Depois da revolução de Fevereiro de 1917, torna-se secretária e membro da redacção do jornal *Pravda*, funções que exerceria até 1929. Maria Uliánova foi delegada a muitos congressos do Partido. No XIV Congresso do Partido (1925) elegeram-na membro da Comissão Central de Controlo. Em 1933 foi-lhe conferida a Ordem Lénine. No XVII Congresso do Partido (1934), elegeram Maria Uliánova para a Comissão de Controlo dos Sovietes junto ao Conselho dos Comissários do Povo e para chefe do bureau de reclamações da Comissão. "Ela revelou-se especialmente neste trabalho, defendendo com ardor a política do Partido e dedicando-se obstinada e habilmente a liquidar toda a sorte de erros e deturpações que impediam que o funcionamento dos Sovietes fosse organizado. Esta ocupação satisfazia-a como vivo concurso à construção socialista. Sem poupar forças, trabalhava desde a

manhã até às 3-4 horas da madrugada, sem descanso, sem interrupção", escreveu N. K. Krúpskaia.

Dmítri Uliánov insistia para que Maria cuidasse mais da sua saúde, não trabalhasse tanto. Certa vez, convidou-a a ir com ele a Kislovodsk, para descansar um pouco.

"Querido Mitiúcha*! respondeu-lhe ela. Agradeço a tua carinhosa carta, que recebi hoje. Os teus projectos são tentadores, sem dúvida, mas não são para mim, infelizmente. Tenho que organizar o trabalho, outras coisas (...), e antes de o fazer, não posso pensar em repouso..."

Maria Uliánova trabalhou até ao último suspiro. Morreu em 1937, no escritório.

O reputado historiador soviético, membro correspondente da Academia das Ciências da URSS, Alexei Iákovlev, amigo íntimo de meu pai e conhecido de Maria Uliánova, escreveu o seguinte a Dmítri Uliánov em Junho de 1937:

"A morte de Maria surpreendeu-nos tão inopinadamente que me é difícil concentrar-me. Desfilam diante de mim mais de cinquenta ânos vividos: a vossa casa e vosso jardim na rua Moskóvskaia **, o laboratório de Alexandre, terrível golpe de 1887, e, depois, a Sobátchia Plochtchadka **, o mercado de Smolensk, a rua Bakhmétievskaia **, Carouge em Genebra, o Kremlin...

---

* Diminutivo de Dmítri.

** Ruas de Moscovo onde viveram vários anos os Uliánov.

O golpe é duro, mas são grandes as forças da vossa espécie, dos Uliánov. Abraço-te, desejando-te a coragem e a firmeza necessárias para suportar esta terrível desgraça. Que te sirva de consolação o facto de aimagem de Maria Uliánova ficar indelevelmente gravada nos anais da revolução mundial, ao lado do nome do seu eminente irmão..."

Os ensaios e recordações de Maria Uliánova impressionam pela sinceridade e espontaneidade. Pertencendo à ilustre família dos Uliánov, ela fala com grande amor, viva e simplesmente dos seus, de Vladímir Lénine, o chefe e o criador do Partido Comunista, do Estado soviético.

O. D. Uliánova

5 de Fevereiro de 1983.

O MEU CAMINHO NA REVOLUÇÃO

(AUTOBIOGRAFIA DE MARIA ULIÂNOVA)

Nasci a 18 (6) de Fevereiro de 1878, em Simbirsk, onde o meu pai era inspector do ensino primário. Sendo a filha mais nova da família, senti pouco a influência do meu pai, que morreu quando eu não tinha ainda 8 anos. Não pude tão-pouco ter plena consciência das causas da morte do meu irmão mais velho, Alexandre, enforcado em 1887 pela sua participação no atentado contra o czar Alexandre III. Em todo o caso, a sua execução, a nossa atitude para com ela, sobretudo de Vladímir, o que se dizia a este respeito entre nós e entre os nossos conhecidos deixaram em mim os seus traços, consolidaram-me a consciência do que acontecia à minha volta. A tragédia de 1887 mudou o destino de toda a nossa família. Romperam-se quase todas as velhas relações. A sociedade de Simbirsk temia-nos, evitava-nos, mantinha-se à distância. Os professores do liceu feminino, por exemplo, deixaram de cumprimentar Olga, de reconhecê-la, apesar de antes a terem estimado como a melhor aluna.

Por motivo do processo movido contra Alexandre Uliánov Ana foi condenada a cinco anos de exílio na Sibéria Oriental, pena que graças aos esforços da nossa mãe foi substituída pela deportação para a aldeia de Kokúchkino, na província de Kazan, onde o nosso avô materno tinha uma pequena propriedade. Ao mesmo tempo, tendo terminado em 1887 o liceu, Vladímir ingressava na Universidade de Kazan, cidade para onde passou toda a nossa família. Para atenuar o tédio da vida no campo, fui com Ana para Kokúchkino, onde pela primeira vez na vida enfrentei a polícia na pessoa do comissário encarregado de vigiar a minha irmã. Ele "visitava"-nos frequentemente. Em Dezembro do mesmo ano, também Vladímir foi deportado para Kokúchkino, expulso da Universidade pela sua participação no movimento estudantil. Eu estava em Kazan no dia da sua deportação. Lembro-me de como fiquei impressionada ao ver o oficial de polícia local acompanhar até aos limites da cidade o trenó coberto que nos conduzia para o exílio.

Vladímir foi sempre o meu irmão favorito. Exerceu sempre uma enorme influência sobre mim, em toda a minha vida. Até ao Outono de 1893, quando Lénine foi morar para Petersburgo e o resto da nossa família ficou em Moscovo, vivia com ele, primeiro, em Kazan e, depois, em Samara, na quinta de Alakáievsk. Vladímir brincava comigo e, mais tarde, ajudava-me a estudar, orientava as minhas leituras, as nossas conversas sobre várias questões. Além dele, exerciam em mim sensível influência os nossos novos conhecidos, representantes da intelectualidade revolucionária avançada daquele tempo que, depois de sairmos de Simbirsk, eram principalmente os amigos dos nossos irmão e irmã mais velhos e de M. T. Elizárov, marido de Ana.

Durante a detenção de Vladímir, de 1895 a 1897, tive oportunidade de conhecer mais de perto os social-democratas revolucionários, a literatura revolucionária.

Desde então, inicialmente em Moscovo, seguindo os cursos femininos superiores, e depois no estrangeiro, em Bruxelas, onde assistia às aulas da nova universidade de Bruxelas, prestei pequenos serviços ao Partido. No Outono de 1899 fui presa pela primeira vez e desterrada para Níjni Nóvgorod sob a vigilância da polícia. A partir de 1900 participei já activamente no trabalho do Partido e não tardei a ser presa, quando da instauração de um processo contra a organização de Moscovo do POSDR *. Após sete meses de detenção condenaram-me ao exílio em Samara sob a vigilância da polícia. Lá e, depois, em Kiev trabalhei na organização do jornal *Iskra* na Rússia. No começo do Inverno de 1904 fui presa novamente, quando do processo instaurado contra o Comité Central do Partido. Ao sair da prisão em fins de 1904 parti para Genebra, onde vivia então Vladímir. Nos anos da primeira

* Partido Operário Social-democrata da Rússia.

revolução fui secretária do comité urbano de Petersburgo, secretária do comité distrital de Vassílievski Óstrov, organizadora e depois secretária do centro bolchevique, sendo detida pela polícia. Em 1909, passei mais um ano no estrangeiro com Vladímir, inicialmente em Genebra e depois em Paris para onde ele se mudara. De regresso à Rússia, comecei a militar em Moscovo, sendo presa em 1910. Em 1912, quando foi movido um processo contra o grupo social-democrata de Sarátov, prenderam-me de novo e condenaram-me a três anos de exílio na província de Vólogda. Ali, consegui fazer algo até 1914, altura em que estive um mês na prisão. Posteriormente, militei em Moscovo e, nas vésperas da revolução de Fevereiro, em Petersburgo, mantendo-me em contacto estreito com a organização no estrangeiro e particularmente com Lénine.

Após a revolução de Fevereiro, trabalhei na redacção do *Pravda* desde o dia em que ele reapareceu. Continuei a fazê-lo em Moscovo depois do órgão central do Partido ter sido transferido para lá. Paralelamente participava no movimento feminino, escrevendo para vários jornais, e divulgava as ideias do partido entre os trabalhadores correspondentes dos jornais, sendo membro do conselho de redacção do "Correspondente operário-camponês".

M. Uliánova

RECORDAÇÕES SOBRE LÉNINE EXTRACTOS

Um sentimento especial pelo meu irmão Vladímir, sentimento que aliava um amor ardente a uma espécie de adoração como se ele fosse um ser exclusivo, superior, dominava-me desde a mais tenra infância. Ouvia-o sempre. Ao pé dele os meus caprichos e insubordinações desapareciam. Nunca pensava em desobedecer-lhe. Mas ele não era severo para comigo. Pelo contrário, mimava-me na minha qualidade de membro mais novo da família.

Ele, a meu ver, devia tal autoridade à sua elevada personalidade moral. As crianças gostam quando as palavras não diferem dos actos, que os adultos não usem uma moral dupla, uma para as crianças e outra para si. O meu irmão fazia tudo bem e, além disso, aprendeu muito cedo a dominar-se. Ora, ele era impulsivo por natureza e mobilizava toda a sua força de vontade para conter-se. Não me lembro, salvo raras excepções, de tê-lo visto nervoso, de ele ter sido rude para alguém.

2–412

Penso que o meu apego a Vladímir era tão profundo por eu lhe ter transferido a afeição que sentia pelo nosso pai que morreu não tinha eu ainda oito anos. Meu pai gostava muito dos filhos, de correr e brincar connosco, particularmente comigo, a mais pequena. Também Vladímir conquistava as crianças pela sua simplicidade, tratando-as de igual para igual, diria mesmo, como pessoas formadas apesar de pequenas. Na sua atitude para com as crianças não se sentia a negligência característica dos adultos, nem o desejo de adaptar-se à infância e aos seus interesses. Vladímir conservou até aos últimos dias de vida muito da infância, no melhor sentido da palavra, o que se reflectia na sua pureza moral, sinceridade, vivacidade, capacidade de interessar-se com ardor juvenil por passeios, caça, jogos e outras distracções, alegria exuberante. Como podiam, pois, as crianças não simpatizar com ele!

Vladímir estabelecia sempre o contacto com as crianças, que se mostravam encantadas e o admitiam facilmente nos seus jogos e correrias.

Vladímir achava necessário dar a maior liberdade aos mais pequenos. Continha-nos sempre que nos ouvia chamá-los à ordem: "silêncio", "não te mexas"! "traquinas!" Conservou esta atitude para com as crianças até morrer. No Natal de 1923, por exemplo, armei árvore de Natal na sala de recepção em Górki, para a qual convidei uma dezena de filhos dos empregados locais

e dois sobrinhos nossos. Vladímir chegou à sala na sua cadeira de rodas, assistindo com satisfação aos jogos e canções das crianças. Quando no fim distribuí presentes e elas começaram a pular de contentes, temendo que o ruído fatigasse demais Lénine, julguei necessário intervir para que se calmassem, mas Lénine fez-me logo sinais para deixá-las brincar livremente.

Tão-pouco ficava enfadada com as observações de Vladímir quando eu era pequena e ele moço (oito anos mais velho do que eu).

Ele era simples e carinhoso, o que me elevava de certo modo aos meus próprios olhos.

Enquanto vivemos em Simbirsk, a diferença em anos entre mim e Vladímir, a que me acabo de referir, era particularmente sensível.

Mas adiantei-me demais.

Da nossa vida em Simbirsk até à morte do nosso pai conservo as seguintes recordações. Vivíamos numa casa grande com sobrado para nós, as crianças. Havia um grande pátio coberto de relva, no qual no Verão brincávamos à cabra-cega, ao jogo de esconder, etc. e no Inverno fazíamos montes de neve. Por trás do pátio estendia-se um vasto pomar que vinha dar à rua Moskóvskaia, paralela à Pokróvskaia onde vivíamos. Este magnífico pomar com alamedas de lilás e acácias, era muito sombroso. Sendas dividiam-no em quatro partes onde abundavam arbustos bacíferos de toda a espécie, macieiras e outras árvores. Sem permissão especial, não

podíamos apanhar nada no pomar. Só nos era permitido "pastar" nos canteiros de morangos e framboesas depois de feitos os doces e compotas, quando as nossas incursões no pomar já não estragavam nada. Respeitávamos zelosamente esta interdição. Lembro-me de ter ficado muito admirada ao ouvir uma vizinha dizer à minha mãe diante do nosso pomar intacto: "Pois, os meus filhos arrancam tudo!" A proibição de tocar nos frutos não nos modestava em especial. Na mesa havia sempre fartura e, além disso, depois das groselhas amadurecerem podíamos apanhá-las à vontade, não durando muito, aliás, como disse acima, a interdição relativa a outras bagas.

A figura de Vladímir aparecia por vezes entre estes arbustos. Lembro-me também da hora do chá, no pavilhão central do jardim, onde nós reuníamos depois do almoço. Então, eu era ainda pequena e Vladímir já andava no liceu, mas certas cenas ficaram-me profundamente gravadas na memória. Revejo-me muito pequena. Tínhamos então um cachorrinho, Garçon, a que nossa velha ama, que vivia connosco e havia criado todos, inclusive Vladímir, chamava Kalsonka. Certa tarde, um dos filhos dos Persiáninov, que viviam então connosco e estudavam no liceu, chamou-me a um quarto no sobrado para me mostrar um truque. Vou com a velha ama para cima e sustendo a respiração sigo as evoluções da máquina de costura em que ninguém toca. Fiquei pasmada. Mas a minha admiração

transformou-se em desespero quando ao levantarem a tampa de lá de dentro saltou o nosso cachorrinho. Rompi num pranto, não podendo controlar-me nem mesmo quando a ama prometeu dar carne a Kalsonka. E só quando Vladímir apareceu e me assegurou que nada de mal tinha acontecido ao cachorrinho me calmei.

Chegado o Inverno, eu e Vladímir deslizávamos num trenó do alto do monte de neve elevado no pátio. Então, Vladímir chamava-me "pequerrucha", levantava-me frequentemente acima da cabeça apoiando-me nos cotovelos.

Em 1886 (12 de Janeiro) morreu o nosso pai, a 8 de Maio do ano seguinte foi enforcado em Petersburgo Alexandre.

No discurso que pronunciei no Soviete de Moscovo a 7 de Fevereiro de 1924 eu já falei da impressão que causou em Vladímir a execução do nosso irmão. "Não, nós seguiremos outro caminho. Não é esse o caminho a seguir", disse. O seu rosto expressava pena pelo nosso irmão ter sacrificado barato demais a sua vida, não a ter usado como devia para o bem da classe operária.

No Verão de 1887 mudámo-nos para Kazán, vendendo casa e despedindo-nos para sempre de Simbirsk. O desterro de Ana * na Sibéria Oriental foi substituído para o exílio na província de Kazán, onde ela passou a viver na propriedade

* Ana Uliánova-Elizárova (1864-1935), destacada personalidade do Partido Comunista, revolucionária. Autora de uma série de obras históricas e recordações sobre Lénine.

de uma nossa tia, na aldeia de Kokúchkino. O nosso irmão mais novo* pediu a transferência para o liceu de Kazán e Vladímir ingressou na universidade desta cidade. Durante dois meses que a frequentou, vivi com a minha irmã na aldeia de Kokúchkino, e alguns dias antes da deportação de Vladímir de Kazán fui para lá com alguns conhecidos. Era uma fria tarde de Inverno. Vladímir e eu somos conduzidos para Kokúchkino numa kibitka (carroça coberta), seguida pelo trenó de um oficial da polícia. Quando deixámos a cidade e entrámos em campo aberto, o oficial voltou para trás.

Em Kokúchkino, Vladímir dedica todo o seu tempo aos livros fechado no seu quarto, onde penetro cheia de respeito. Quando me ajuda a estudar – na altura quando o fazia – parece-me que faço os trabalhos melhor. Passeávamos sobre o gelo do rio. Vladímir andava à caça das lebres, mas sem sucesso. Ana gracejava com ele por isso. No Inverno, os dias na aldeia passavam tristes. A casa onde morávamos, além disso, era bastante fria. Ninguém com quem conviver. A vida no desterro, parecia-me, tornara-se intolerável para o meu irmão. Não o deixavam partir para o estrangeiro.

---

* Dmítri Uliánov (1874–1943), revolucionário, estadista e figura social, formado em medicina. Autor de uma série de recordações, artigos e ensaios sobre V. I. Lénine.

EM SIMBIRSK

Pedem-me para falar de Lénine. Dizem conhecê-lo como chefe da classe operária, chefe da revolução social mundial, mas que sabem pouco dele como homem, da sua vida. É com razão que colocam tais questões, porque o camarada Lénine era um grande homem não só pela sua inteligência, pelo papel que fez na nossa revolução, pelo seu imenso trabalho em nome da libertação e melhoramento das condições de vida de todos os deserdados e oprimidos pelo capital em todo o mundo. Devemos não apenas estudar a sua obra, mas também conhecer a fundo o camarada Lénine como pessoa. Isso ajudar-nos-á a melhorarmo-nos.

Tentarei falar-lhes mais detalhadamente dele, já que conheço Lénine não só dos livros e do que outras pessoas dele contam, mas de perto, por termos vivido juntos. Ouçam, pois.

Passamos a infância na margem do Volga, na cidade de Simbirsk, hoje Uliánovsk em honra de Lénine cujo nome de família é Uliánov. Simbirsk era então uma pequena cidade de província,

tranquila, silenciosa. Não havia fábricas, nas ruas não circulavam eléctricos, não existia caminho-de-ferro. No Inverno, as comunicações com outras cidades tornavam-se, por isso, particularmente difíceis. Só a cavalo se podia atingi-las com todos os incómodos e lentidão inerentes. Mas mal chegava a Primavera, mal começava navegação, Simbirsk animava-se. A cidade estende-se ao lado do grande rio Volga e quando este sacudia os grilhões de gelo, a vida no cais despertava, os vapores de passageiros e os rebocadores apitavam, o comércio intensificava-se e as ligações fluviais com outros pontos tornavam-se mais fáceis. Simbirsk, hoje Uliánovsk, fica na margem alta e montanhosa do Volga, coberta de verdura e pomares. Na Primavera, em especial durante o degelo, da montanha, de Venets, como chamavam a avenida sobre o despenhadeiro, abria-se uma paisagem magnífica sobre o Volga. O Volga saindo do seu leito alarga-se. Os blocos de gelo rolam por ele abaixo, chocando, amontoando-se em certos lugares, abrindo caminho, repelindo ou despedaçando ruidosamente os blocos menores. Gostávamos de contemplar este quadro. Adorávamos passear naquela avenida de onde se via melhor o degelo, que dava nova vida ao Volga. Mas em Uliánovsk há outro rio, o Sviaga, que desemboca no Volga. Ficava mais perto da casa onde vivíamos. Íamos lá frequentemente nadar, passear de barco. No Sviaga podia também pescar-se, ocupação predilecta de Dmítri.

Habitávamos uma casa grande que o nosso pai, inspector do ensino primário, comprara em 1878. À frente estendia-se um enorme pátio coberto de relva e um pomar que ia dar à rua Moskóvskaia, paralela à nossa. Era pela cancela desse lado que passávamos quando íamos passear ou mergulhar no Sviaga. Era o caminho mais curto. Íamos tomar banho ao rio, num local fechado, situado perto da casa de uns conhecidos, sempre na mesma hora. Combinávamos de antemão quem iria primeiro, a parte masculina da família, ou a parte feminina. Frequentemente, ao chegar a nossa vez, víamos o meu pai e irmãos ainda a tomar banho no rio, por vezes bastante longe da margem. Outras vezes eram eles que esperavam. À entrada havia um banco para os que aguardavam.

Enquanto morámos em Simbirsk saíamos pouco da cidade. Só fomos algumas vezes à aldeia Kokúchkino, província de Kazán, onde viviam duas tias nossas. Parte da propriedade que pertencera ao nosso avô materno tinha sido herdada pela minha mãe. O trabalho do meu pai impedia-nos de ficar muito tempo lá, mas era frequente encontrar ali os rapazes. Era um lugar pitoresco com um rio, onde se pescava e passeava de barco, e um velho parque sempre cheio de crianças que vinham passar o Verão em Kokúchkino. Perto havia uma floresta. Era o nosso local preferido para passear. Nós, as crianças, adorávamos a viagem a Kokúchkino. Íamos de vapor até Kazán e depois de carroça. Era um

prazer. Atraía-nos, também, como é natural, a companhia dos nossos primos e primas, que, como já disse, passavam as férias de Verão em Kokúchkino. O prazer destas viagens era reservado mais aos meus irmãos e irmãs mais velhos. Nós, os menores, ficávamos, geralmente, com a mãe em Simbirsk. A minha mãe não gostava que fôssemos a qualquer lado sem ela e ela não se ausentava para não deixar o meu pai sozinho.

NO LICEU

EXTRACTO DO DISCURSO NA SESSÃO FÚNEBRE DO SOVIETE DE MOSCOVO A 17 DE FEVEREIRO DE 1924

Enquanto andava no liceu, Vladímir consagrava todas as suas tardes aos livros, preparando-se para o trabalho revolucionário que marcou toda a sua vida posterior. Lembro-me particularmente dos anos que, depois de terminar o liceu, viveu connosco em Kazán e Samara, até partir para Petersburgo.

Na Primavera de 1887 (quando Vladímir terminou o liceu), soubemos que o nosso irmão mais velho fora executado. Passaram-se dezenas de anos, mas continuo a ter presente na memória a expressão do rosto de Vladímir quando lho comunicaram. "Não, nós seguiremos outro caminho. Não é esse o caminho a seguir", exclamou. E começou a preparar-se para o caminho que a seu ver devia e conduziu à vitória.

Quando vivíamos na província de Samara, Vladímir, depois do chá, dirigia-se todas as manhãs com montanhas de livros, dicionários e cadernos para o canto do jardim onde havia uma mesinha e um banco. Era ali que ele lia, estuda-

va, fazia resumos, tirava notas e copiava extractos. Era também ali que eu estudava línguas com ele. Então, impressionava-me a obstinação e o zelo com que Vladímir fazia o que se propunha até que apetecia fazer tudo sem incitações contanto que ficasse satisfeito, que aprovasse.

Vladímir passava os dias inteiros lendo, interrompendo-se apenas para passear um pouco ou conversar com alguns camaradas que como ele se preparavam para o trabalho revolucionário. Lénine conservou durante toda a vida esta tenacidade e capacidade de trabalho. Tanto no exílio como no estrangeiro, aproveitava cada minuto livre para ir à biblioteca. Os seus numerosos cadernos e extractos falam-nos das inúmeras obras que estudou escrupulosamente em todos os ramos do saber. Estudou durante toda a vida grandes pensadores e realidade, teoria e prática, factos e cifras. O liceu fora apenas o começo.

Lénine, apesar dos seus dons naturais, não seria o homem que foi se não tivesse procurado tão persistentemente aperfeiçoar-se durante toda a vida, desde os anos de liceu.

COMO? COSER UM CADERNO BRANCO COM LINHA PRETA?

Vladímir distinguia-se desde pequeno por um traço muito característico: levava a bom termo tudo o que começava. Normalmente, o aluno que recebe uma tarefa a longo prazo, pensando ter tempo, só a começa executar nos últimos dias. Vladímir preparava o material, lia o que era preciso e tomava notas logo depois das aulas.

Vladímir gostava de escrever com lápis. Afiava-os muito bem, idealmente. Escrevia os extractos num lado da página dobrada, para juntar no outro as ideias que lhe pudessem vir à cabeça. Fazia sempre um plano do que iria escrever, o que não é muito próprio dos russos. Conheço muitos camaradas que, ao apresentar um relatório, improvisam. Vladímir preparava sempre antecipadamente o plano das intervenções ou brochuras. Foi um hábito que formou em si desde criança.

Quando eu andava no segundo ano do liceu, Vladímir, se eu não compreendia algo, ajudava-me a fazer os trabalhos de casa. Exigia da minha

parte o maior esmero e precisão. Lembro-me que certa vez desenhei o mapa da Europa à mão. Vladímir observou-me que para isso existia o compasso, que era preciso compassar exactamente as distâncias. Refiz tudo. Outro caso. Estudando línguas com Vladímir, para apontar as palavras desconhecidas improvisei um caderno ligando algumas folhas com linha preta, a primeira que encontrei. Vendo-o, Vladímir exclamou: "Como? Coser um caderno branco com linha preta? Não se pode!" E fez-me modificar. Foi assim sempre.

Tive oportunidade de viver com ele na província de Samara, na quinta de Alakáievsk. Ali hoje encontra-se kolkhoze "Recanto de Lénine", uma cooperativa muito boa. Era ali que Lénine passava o Verão. Tinha então 18 a 20 anos. Dividia bem o seu tempo. Levantava-se todos os dias a mesma hora, tomava chá, pegava nos livros, cadernos e dicionários e ia para o seu canto no pomar. Arranjou ali uma mesa, um banquinho, um trapézio, cravando suportes e em cima dos quais colocou uma barra.

Começava a estudar sempre à mesma hora. De manhã, as disciplinas mais difíceis: economia política e história. Trabalhava no canto até às duas da tarde. Eu vinha lá estudar línguas estrangeiras.

Ia para lá todos os dias, não se passava um dia que não estudasse. Por maiores que sejam as capacidades, sem um trabalho abnegado não se faz nada. Depois do almoço, Vladímir passeava ou voltava ao seu recanto para ler novas revistas, obras literárias. Desde a juventude que dividia rigorosamente o tempo. Foi, por isso, que conseguiu fazer tanto na vida.

Gostava imenso de línguas estrangeiras – alemão, francês – trabalhava tenazmente para assimilá-las. Escolhia bem os seus dicionários. As suas listas de verbos irregulares franceses estavam tão bem escritas e pautadas que pareciam impressas.

Ele não tinha colegas muito próximos, mas todos o estimavam. Vladímir ia por vezes antes das aulas para ajudar alguém em matemática, ou línguas antigas, que ele conhecia muito bem, e modernas.

Manifestou muito cedo aptidão para o trabalho jornalístico e literário. No liceu de Simbirsk, o professor de literatura dava-lhe por vezes a nota máxima seguida de um mais, e ainda o louvava. Dizia à minha mãe que Vladímir com o seu excelente estilo seria certamente homem de letras. Vladímir ocupava-se menos da matemática e das ciências naturais. Era Alexandre que manifestava evidente inclinação por estas disciplinas. Ia constantemente num barco à procura de vermes, coleccionava ovos, enquanto Vladímir preferia estudar outras línguas, literatura e história.

Vladímir gostava muito de Alexandre, uns quatro anos mais velho do que ele. Fazia tudo, segundo a sua própria expressão, "como Sacha *". Quando serviam papas à mesa e se perguntava de propósito primeiro a Vladímir: "Volódia, queres com leite ou com manteiga?" Respondia sempre: "Quero como o Sacha".

Alexandre era comedido, ponderado, meigo, Vladímir, na infância, barulhento, cabeça quente, um pouco desobediente. Alexandre exercia então enorme influência sobre ele. Depois Vladímir tornou-se completamente equilibrado. Mais ligou-se a nossa irmã Olga **: a idade dos dois era mais próxima, liam juntos, enquanto que nos jogos eram sempre três: Vladímir, Olga e Dmítri. Todos os jogos decorriam no pátio.

Vladímir ficou profundamente impressionado com a execução de Alexandre. Foi nesse ano que terminou o liceu e ingressou na universidade de Kazán. O regime nela era duro: proibiam-se as reuniões dos estudantes que queriam dedicar-se a autodidaxia. Havia inspectores, "fiscais" como os chamavam, que informavam a direcção das conversas de carácter político.

* Diminutivo de Alexandre

** Olga Uliánova (1871-1891).

Os estudantes de Kazán resolveram dar uma lição a um daqueles inspectores, exigindo maior liberdade na universidade. Redigiram uma petição, com a activa participação de Vladímir. A direcção recusou-a e chamou a polícia. Muitos estudantes, Vladímir incluindo, devolveram demonstrativamente as suas cadernetas. Foram presas várias dezenas de estudantes e Vladímir também.

Quando o oficial da polícia, que o levava para a prisão, lhe disse: "Para que te bates, rapaz? Tens diante de ti um muro!", Vladímir, firme, respondeu: "Um muro, sim, mas podre. Basta um empurrão para que caia!"

Foi deportado para a província de Kazán, passando a ser vigiado pela polícia. A nossa irmã mais velha também vivia lá, sob a vigilância declarada da polícia, que vinha fiscalizar o que se passava, se aparecia alguém. A única coisa que se podia fazer naquelas condições era estudar. E Vladímir estudava com afinco, lia muito.

Em Kazán, Vladímir aproximou-se de alguns revolucionários, entre os quais vários antigos membros da organização "Naródnaia Vólia". Sem aceitar a sua táctica e métodos, procurava sempre tirar-lhes tudo o que pudesse vir a ser útil

no trabalho revolucionário. Perguntava-lhes como "se escondiam dos esbirros, como contactavam os companheiros que estavam na prisão".

Na clandestinidade era muito importante que o revolucionário fosse conspirativo, soubesse enganar os gendarmes e esbirros. Quantas vezes a habilidade e presença de espírito de Vladímir o salvaram de ser enviado para os trabalhos forçados.

Vladímir desenvolveria o trabalho clandestino a partir da década de 90, quando chegou a Petersburgo (hoje Leninegrado). As condições eram difíceis. Não havia técnica, como dizíamos então, para imprimir tarjetas. Vladímir multiplicou a primeira tarjeta à mão, quatro-cinco exemplares em letras de imprensa. Os agentes da polícia eram hábeis. Mudavam-se frequentemente para desviar os suspeitos e depois surgiam de novo inopinadamente. Vladímir estudava os pátios, via se era seguido. A sua habilidade despistar os que o perseguiam era extraordinária.

Certa vez, em 1895, Vladímir contou-nos: compreendeu que era seguido por um esbirro. Para evitá-lo, introduziu-se imperceptivelmente num edifício. O porteiro não estava no lugar, Vladímir sentou-se na sua cadeira e da janelinha viu o agente estupefacto: o suspeito tinha desaparecido. Entretanto, alguém desceu e viu no lugar do porteiro um desconhecido rindo às gargalhadas...

O PERÍODO DE SAMARA (ALAKÁIEVSK) (1889-1893)

Na aldeia e na cidade

Em Maio de 1889 mudámos de Kazán para Samara. A minha mãe resolvera comprar uma pequena quinta com o dinheiro da venda da casa de Simbirsk. Ajudada por M. T. Elizárov*, noivo e depois marido da minha irmã mais velha, adquiriu-a a 50 verstas** de Samara. S. M. Sibiriakov, o vendedor, era um rico proprietário de minas de ouro na Sibéria, que tinha açambarcado em meados dos anos 70 grande quantidade de terras em Samara, para organizar uma economia tecnicamente avançada. Homem de convicções liberais esquerdistas, e talvez mais, Sibiriakov queria ao que se supõe, também fazer a propaganda revolucionária no seio do povo. Em todo o caso, parecia estar ligado aos elementos políticos.

Ajudava os populistas que ainda em fins dos anos 70 faziam um intenso trabalho revolucioná-

* Mark Timoféievitch Elizárov (1863-1919), revolucionário, estadista soviético.

** Medida itinerária antiga cujo valor é de 1,0668 km.

rio no distrito de Alakáievsk (nome da aldeia que ficava perto da nossa quinta que tinha por isso o mesmo nome). Na segunda metade dos anos 70, o escritor Gleb Uspénski vivia em Skólkovo, uma das aldeias de Sibiriakov, com sua esposa, que era professora numa escola primária construída por Sibiriakov. Foi ali que Uspénski escreveu o seu conhecido conto *Três aldeias*, em que falou das aldeias Skólkovo, Zagliádino e Gvardétsi e os seus habitantes. Os populistas fizeram várias tentativas de fundar colónias agrárias neste distrito (os caucasianos – grupo de Orlov, que se tornou depois socialista-revolucionário e que organizara uma colónia semelhante no Cáucaso, igualmente em terras de Sibiriakov, e a colónia de A. Preobrajénski no sítio do Charnel, a três verstas de Alakáievsk, que existia ainda no nosso tempo).

Sibiriakov não logrou organizar a empresa agrícola por ele concebida apesar do dinheiro que nisso gastou. Comprara máquinas agrícolas sofisticadas, dois arados a vapor incluindo, construíra enormes pavilhões de tijolo e adobo para o gado e alfaias, etc. Mas a empresa só dava prejuízo e Sibiriakov teve que renunciar a ela. Vendeu por uma pechincha os instrumentos a um alemão que tinha em Samara um negócio de serralheiro e alfaias agrícolas. Vendeu também as terras, menos o terreno para a escola rural que decidira criar. Construiu a escola na quinta Constantínovka, a duas verstas de Alakáievsk, e começou a escolher os professores, entre os

quais o tolstoísta Alexéiev, que antes vivera em Iásnaia Poliána como hóspede de Leão Tolstoi, Zubrílin, que terminara a Academia Petróvski-Razumóvski, etc. Mas as autoridades não o autorizaram a levar o empreendimento, devido às suas relações com elementos políticos e ao facto de Sverbeev, o governador de Samara, não ser partidário de iniciativas culturais do género. Depois disso, Sibiriakov liquidou tudo e foi para Petersburgo (antes ele também só vinha a Samara de vez em quando).

O destino levou-nos a estas paragens.

Vladímir, como todos na nossa família, era tímido. Quando nos visitavam pessoas pouco conhecidas, o que era raro, Vladímir ou ficava no quarto ou ia para o jardim pela janela. Fazia o mesmo quando se tratava de pessoas que não o interessavam. Levávamos uma vida solitária em Alakáievsk, conhecíamos pouca gente. Mas Vladímir contactava com certos habitantes locais.

A colónia dos "caucasianos", como já disse, encontrava-se a três verstas de Alakáievsk. Ali, alguns populistas tinham-se instalado em terras compradas em condições vantajosas a Sibiriakov. O seu objectivo era criar uma colónia agrícola exemplar. Mas as coisas corriam mal e pouco depois todos menos Preobrajénski se dispersaram. Vladímir encontrava-se frequentemente com ele. Discutiam, passeavam por vezes até altas horas da noite da nossa quinta à colónia de Charnel. Preobrajénski apresentou vários cam-

poneses inteligentes a Vladímir.

Vladímir avistava-se também com D. A. Gontcharov, antigo estudante de medicina, que fora expulso em 1887 da universidade de Kazán por ter participado numa manifestação. Este trabalhava como enfermeiro em Trostianka, a 8-10 verstas de Alakáievsk. Sem pertencer a nenhum partido político, Gontcharov professava ideias radicais. Tinha grande estima por Vladímir.

No Inverno partimos para Samara, onde ficamos a viver com a nossa irmã casada e seu marido, M. T. Elizárov. Eu estudava então no liceu e Vladímir ajudava-me nos estudos. Quando tinha que ir a algum lado, pedia-me para fazermos trabalhos de casa mais cedo. Destes tempos recordo o cuidado que punha em tudo o que fazia e que procurava inculcar-me. Lembro-me do mapa da Europa que tive que fazer. Quando mostrei a Vladímir o desenho, ele propôs-me refazê-lo: explicou-me que era preciso estabelecer as distâncias com um compasso e não copiar à mão como eu fizera. Assim fiz. O mais importante é que aprendi a fazer tudo com aplicação. Cada trabalho, ensinou-me Vladímir, deve ser executado não de qualquer jeito, não para livrar-se de uma preocupação, mas segundo um plano, com o esmero e perseverança. Só assim o trabalho dá satisfação.

Lembro, entre os que visitavam a nossa casa em Samara, A. Eramassov. Eis como ele descreve a sua primeira visita à nossa família.

"Recordo, que chegámos à tarde, precisamente na altura em que lá se toma chá. Toda a família estava reunida na sala de jantar. Conheci, assim, Maria Alexándrovna, Ana, Maria e Vladímir Uliánov. Entre outros estava à mesa o sobrinho de Mark Elizárov, que então vivia com o tio e andava no liceu.

A conversa rondava pelos temas mais correntes daquela época: o populismo, os destinos do capitalismo..." Vladímir distinguia-se pelos seus conhecimentos literários e pela percepção especial dos pontos fracos dos populistas e subjectivistas do tipo Mikhailóvski, etc. Depois do chá, passámos ao seu quarto, onde prosseguimos a conversa. Nela participou também o meu conhecido Iónov que se dedicava ao estudo do desenvolvimento do capitalismo na Rússia e da diferenciação do campesinato, reunindo dados estatísticos e investigando a situação dos camponeses. Mark Elizárov falou-nos do que observara na vida dos camponeses na província de Samara, onde já então se manifestava a diferenciação do campesinato. Ana, lembro-me, tomou igualmente parte na conversa.

Ainda hoje me recordo da colecção de jornais *Rússkie Védomosti* que estava pendurada na parede, diante de uma pequena mesa. Vladímir conservava todos os jornais que lia e marcava aqueles que o interessavam.

A. I. Eramassov passou a visitar-nos sempre que vinha a Samara.

Nas suas recordações sobre este período da

nossa vida em Samara, ele escreve sobre a tradução feita por Vladímir do *Manifesto Comunista*: "Então, Lénine fez uma magnífica tradução do *Manifesto Comunista* de K. Marx e F. Engels. O seu manuscrito corria de mão em mão e nós levámo-lo também para Syzran. Aí, dei o caderno a um professor, meu conhecido, de quem os superiores suspeitavam. Implicado num assunto, ele foi chamado a Simbirsk pelo inspector do ensino primário. A sua mãe, temendo uma busca de surpresa, destruiu o manuscrito. Esse foi o destino da tradução de Lénine. Tenho vergonha de ter sido culpado em parte da destruição desta excelente tradução".

Apesar de nos visitar pouco em Samara, o seu domicílio fixo era em Syzran, nós ligámo-nos fortemente a ele para toda a vida. Não participando directamente no trabalho revolucionário, durante a luta clandestina, sendo bastante rico, ele fornecia ao partido os meios que faltavam e nos tempos difíceis dirigíamo-nos sempre ao "Monge", como Lénine o apelidou.

A. I. Eramassov, depois da revolução, militou algum tempo no Partido, mas teve que deixar as suas fileiras por motivos de doença (tuberculose pulmonar e renal). Durante certo tempo trabalhou no Museu da Instrução Pública que teve que abandonar finalmente pela mesma razão. Sem salário, vivendo em condições difíceis, ele nunca escreveu a esse respeito nem a Lénine nem à sua família, enquanto nós mesmos não o descobrimos e lhe arranjámos uma pensão. Pouco tempo depois, na Primavera de 1927, morreu em Syzran.

Em Samara, Vladímir preparou-se intensamente para os exames por externo, que fez em 1891, em Petersburgo. Depois exerceu algum tempo a advocacia, em Samara, como substituto do advogado A. N. Khárdin.

Enquanto vivemos em Samara, o xadrez florescia em nossa casa. Vladímir, Dmítri e Mark Elizárov jogavam todos muito bem. Tinham um parceiro forte, A. N. Khárdin. No nosso alojamento eram organizados torneios de xadrez. Mais tarde, Lénine começou a jogar menos e com o tempo deixou completamente o xadrez.

No Outono de 1893, Vladímir partiu para Petersburgo e o resto da família para Moscovo, onde Dmítri entrou para a Universidade. Vendemos a quinta de Alakáievsk a um negociante local, Daníline, que se interessava apenas pela terra e o moinho. Da casa e do jardim só ficou a lembrança: Daníline levou a primeira para Neiálovka e destruiu o segundo. Em 1905, ou 1906, os camponeses mataram Daníline.

TEMPOS LIVRES E CAÇA

Nas horas de repouso Vladímir gostava imenso de jogos ao ar livre, principalmente de croquete e gorodki *. Antes de abalar para o estrangeiro, para fundar o jornal *Iskra*, passou pela nossa casa em Podolsk. Fez algumas partidas apaixonadas de croquete. O gorodki florescia em Górki. Vladímir patinava muito bem sobre o gelo. Certo dia, vivia ele na Alemanha, cujos rios não gelam, escreveu-me a dizer que encontrara uma pista de gelo artificial e que ia patinar.

Adorava andar de bicicleta. Mas só o podia fazer no estrangeiro. Dava longos passeios. Certa vez escapou por um triz a um grave acidente: o automóvel de um certo visconde embateu na sua bicicleta que se desfez em pedaços. Vladímir só se salvou porque conseguiu pular a tempo para o lado.

Lénine gostava muito da caça. A julgar pelas suas cartas da Sibéria, lá ele andava muito de espingarda ao ombro. Não era um perfeito caçador, mas gostava de passear com espingarda. Lembro-me que escrevia ao marido da minha irmã mais velha, pedindo-lhe para arranjar um bom cão de caça. Finalmente, encontraram-lhe um a que se afeiçoou.

Lénine gostava de cães e gatos. Quando já estava doente ofereceram-lhe um cachorrinho, um setter irlandês, que sucumbiu à peste sendo substituído por outro que Lénine em 1922, embora doente, rodeava de cuidados. A caça era para ele uma forma de descanso. Nos anos do Poder Soviético continuou a praticá-la nos bosques vizinhos de Górki, para abstrair-se das preocupações.

* Jogo popular russo.

LÉNINE NAS CARTAS AOS PARENTES

Hoje, há à nossa disposição as Obras Completas de Lénine e ampla literatura consagrada ao leninismo (tanto de investigação científica como de divulgação). Mas quase desconhecemos Lénine como homem.

As cartas que escreveu à mãe, Maria Alexándrovna Uliánova e à irmã Maria, entre 1894 e 1917, entre os primeiros anos de actividade revolucionária de Lénine e o seu regresso à Rússia após a revolução de Fevereiro, preenchem *em parte* esta lacuna. Elas revelam-nos até certo ponto o modo de vida de Lénine, os seus hábitos, inclinações, atitude para com os outros, etc. *Em certa medida*, advertimos, porque, antes de mais, não se trata de todas as cartas que Lénine escreveu aos seus parentes no período indicado. Durante as suas frequentes deslocações de uma cidade para outra, as numerosas buscas e detenções de que era alvo a nossa família acompanhadas da confiscação da correspondência, muitas cartas perderam-se. Também o correio perdia

frequentemente cartas, particularmente durante a guerra imperialista. É, por isso, que o mesmo assunto é tratado em várias cartas. Além disso, estas cartas trazem a marca das condições policiais do czarismo. A correspondência concreta (informações sobre os acontecimentos revolucionários, a vida do Partido, etc.) naquela época era realizada conspirativamente, em tinta simpática, no texto de livros e jornais e endereçada a destinatários "insuspeitos". A vida e o trabalho revolucionário ligavam-se a tal ponto que havia que ter cuidado com a correspondência corrente legal. Não é por acaso que numa das cartas que enviou a Maria Uliánova a Vólogda, para onde ela fora deportada, V. I. Lénine escreveu: "... É muito difícil na nossa situação (na tua e, sobretudo, na minha) correspondermo-nos como gostaríamos..."

E isto referia-se a toda a nossa família, que partilhava inteiramente as ideias e convicções de Vladímir. Todos eles (o marido de Ana, M. T. Elizárov, inclusive) eram então social-democratas. Pertencíamos à ala esquerda do Partido. Participávamos de uma ou outra maneira no trabalho revolucionário. Mesmo a mãe que no fim da década de 90, quando as buscas e detenções na nossa família se tornaram particularmente frequentes, contava já mais de 60 anos, estava ideologicamente connosco.

Toda a correspondência legal dos revolucionários era censurada no correio e tinha que recorrer-se a alusões, sinais combinados, etc., para

abordar as questões que nos interessavam, comunicar a recepção de uma ou outra carta ilegal, informar-se sobre os conhecidos e assim por diante.

As cartas de Vladímir à mãe, irmãs e irmão quase não têm nomes, que poderiam causar aborrecimentos às pessoas lembradas. Ora, nenhum de nós, como facilmente se compreende, os desejava. Os únicos nomes, e mais raramente sobrenomes, que apareciam nas cartas de Lénine eram de camaradas e conhecidos que tinham sido deportados com ele sob a mesma acusação, estudado na mesma escola, etc., ou de editores, livreiros. Para não mencionar os nomes dos conhecidos a quem queria comunicar algo, transmitir saudações, etc., recorria amplamente a apelidos ou alusões, a circunstâncias e acontecimentos que conhecíamos. Assim, chamava "historiador" (tendo em vista os seus trabalhos históricos) a I. I. Skvortsov-Stepanov, com o qual manteve certo tempo correspondência animada por intermédio de Ana e Maria.

Comunicávamos também alegoricamente o envio de publicações ilegais, de correspondência conspirativa, livros com cartas em tinta simpática, etc.

No fim de Dezembro de 1900, mandei a Lénine que se encontrava no estrangeiro com G. B. Krássine, o *Manifesto do Partido dos Socialistas-Revolucionários* dissimulado num álbum de fotografias. Contente, Vladímir escreveu-me na sua carta de 16 de Janeiro de 1901:

"Agradeço imenso os livros e, sobretudo, as fotografias, extremamente belas e interessantes, que o primo de Viena mandou; gostaria muito de receber com maior frequência presentes do género".

O *Iskra* e outras publicações ilegais eram enviadas a destinatários "insuspeitos". Lénine comunicava-o por vezes nas suas cartas para dar-nos a possibilidade de nos informarmos a tempo. Era isso, provavelmente, que tratava a sua carta de 6 de Dezembro de 1900: "Enviei-te, lembro-me, no dia 9 a coisinha que querias". "O Volódia ficou muito contente ao receber a tua grande carta – diz Nadejda Krúpskaia a 8 de Fevereiro de 1916.– Escreve-lhe mais uma vez". Visto que a nossa correspondência legal não se distinguia pelo tamanho e durante a guerra imperialista, quando foi escrita esta carta, nós correspondíamo-nos principalmente através de postais que registávamos, visto que muitas cartas se perdiam, as palavras mencionadas subentendiam, evidentemente, uma carta ilegal através de um livro.

Nos primeiros tempos no estrangeiro em 1900, não sabendo se se fixaria ali, Lénine não nos mandava o seu endereço pessoal. Vivendo ele na Suíça ou em Munique nós escrevíamo-lhe para Paris ou Praga. Ao dar-nos, por exemplo, na sua carta de 2 de Março de 1901, o seu novo endereço, Lénine ajuntou que partira com o dono do seu alojamento, Franz Modraček, que se mudara efectivamente, enquanto Lénine continuava no velho apartamento, em Munique.

* * *

Um dos traços característicos de Lénine era o seu esmero e pontualidade, rigorosa economia nas despesas, sobretudo pessoais. Qualidades que herdou provavelmente da nossa mãe, à qual se parecia muito. A nossa mãe era alemã pelo lado materno e os traços indicados eram-lhe inerentes em grande medida.

A sua carta de 5 de Dezembro de 1895 mostra a que ponto ele era económico no que concerne as suas despesas pessoais.

"Hoje, pela primeira vez em S. Petersburgo, comecei um livro de contas para ver quanto gasto de facto. Constatei que num mês, de 28/VIII a 27/IX, gastei ao todo 54 rublos e 30 copeques, sem contar diversos objectos (cerca de 10 rublos) e as despesas judiciais (cerca de 10 rublos igualmente) num processo de que talvez me venha a ocupar. É verdade que parte desses 54 rublos corresponde a despesas que não se repetirão todos os meses (galochas, roupa, livros, um ábaco, etc.), mas mesmo descontando isso (16 rublos), as despesas continuam a ser excessivas: 38 rublos por mês. É evidente que vivi sem contabilidade. Só em autocarro, por exemplo, gastei 1 rublo e 36 copeques por mês. Quando estiver instalado, sem dúvida, gastarei menos".

E ele, efectivamente, economizava, sobretudo quando não ganhava nada e tinha que recorrer às "subvenções", como ele chamava a ajuda pecuniária da mãe. Nem assinava o jornal *Rússkie*

Védomosti quando vivia em Petersburgo em 1895, lendo-o na Biblioteca Pública com um "atraso de duas semanas". "Talvez, o assine, escrevia ele à nossa irmã, quando arranjar trabalho".

Este traço do carácter de Lénine manifestar-se-ia sempre, tanto na emigração quando não conseguia encontrar um editor para as suas obras (recorde-se que a *Questão Agrária* ficou inédita dez anos e só viu a luz do dia em 1917), encontrando-se por vezes em situação material verdadeiramente crítica, como também quando a sua situação material estava plenamente assegurada, isto é, depois da revolução de 1917.

Só no que respeitava aos livros lhe era difícil economizar. Necessitava deles para trabalhar, para se manter ao corrente da política e da economia russa e estrangeira, etc.

"... É com horror que constato, (escreve ele de Berlim na carta à mãe de 29 de Agosto de 1895), que as minhas finanças atravessam de novo "dificuldades": a "tentação" de comprar livros é tão forte que só o diabo sabe para onde foge o dinheiro". Mas também nisto ele procurava poupar e ia às bibliotecas, o que lhe garantia aliás uma atmosfera mais tranquila, sem a confusão e as intermináveis e fatigantes discussões tão características dos emigrantes: eles aborreciam-se naquele meio estrangeiro ao qual não estavam habituados e tendiam a distrair-se tagarelando.

Lénine, de resto, não usava as bibliotecas ape-

4-412

nas no estrangeiro, mas também na Rússia. Numa carta de Petersburgo, à mãe diz-se contente com o seu novo quarto "que não fica longe do centro (por exemplo, apenas quinze minutos a pé até à biblioteca)". Quando foi para o exílio, empregou mesmo os poucos dias da sua passagem por Moscovo para trabalhar na biblioteca do Museu Rumiantsev. Enquanto esteve em Krasnoiarsk à espera da abertura da navegação para ir ao distrito de Minussinsk, ia todos os dias à biblioteca da cidade apesar de para isso ter que percorrer cerca de 5 verstas.

No exílio, onde nem se podia falar de bibliotecas, Lénine tentou preencher a lacuna, pedindo-nos para organizar o envio pelo correio de livros emprestados pelas bibliotecas. Fizemos várias tentativas nesse sentido, mas o envio e a devolução levavam cerca de um mês, enquanto as bibliotecas fixavam um prazo menor para os livros que cediam.

No estrangeiro, Lénine frequentava regularmente as bibliotecas. Em Berlim, trabalhava na Biblioteca imperial. Em Genebra, tinha o seu "clube" favorito (Société de lecture), onde era preciso inscrever-se e pagar uma quota pequena para poder utilizar a biblioteca. Em Paris, ia à Biblioteca nacional, embora esta, como se queixava, fosse "mal organizada". Em Londres, ao British Museum. Em Munique somente ele se queixou de que "não existia nenhuma biblioteca". Também frequentou pouco a biblioteca de Cracóvia. Em sua carta de 22 de Abril de 1914, a

Maria Uliánova ele escreveu de Cracóvia: "Aqui (em Cracóvia – M. U.)... a biblioteca é arqui-incómoda e má, mas eu praticamente não a frequento". O seu trabalho para o jornal (o *Pravda*), os seus encontros com camaradas que vinham vê-lo em Cracóvia em muito maior número do que antes em França ou na Suíça, a direcção da fracção social-democrata da Duma do Estado, as conferências e as reuniões do Partido, etc., não lhe deixavam muito tempo livre para o trabalho científico. "Mais de uma vez, escreve Lénine, recordámos Genebra, onde se trabalhava melhor, a biblioteca é cómoda, a vida é menos agitada e incoerente".

Lénine, quando depois de sua detenção na Galícia, no começo da guerra imperialista, foi parar de novo à Suíça, escreveu: "As bibliotecas daqui são boas e eu organizei-me bem no que concerne ao uso dos livros. É mesmo agradável dedicar-me à leitura depois do trabalho no jornal". Em seguida, vai com Nadejda Krúpskaia de Berna a Zurique, para entre outras coisas "trabalhar nas bibliotecas daqui", que "são muito melhores que as de Berna" (sem reduzir o seu intenso trabalho político partidário, como testemunha a sua correspondência com os camaradas Karpinski e Ravitch, publicada na XI Colectânea de Lénine).

Mas enquanto tinha boas condições para ler obras, jornais e revistas estrangeiros nas bibliotecas, Lénine sentia sempre falta de livros russos. "Aqui encontrarei facilmente livros ale-

mães, escreve numa carta de 2 de Abril de 1902, eles não faltam. Os que faltam aqui são os russos".

O facto de não ter à mão um ou outro livro russo entravava muitas vezes o trabalho de Lénine quando ele vivia no estrangeiro. Só assim se explica que nas cartas à família ele peça frequentemente que lhe enviem livros necessários ao seu trabalho (estatística, questão agrária, filosofia, etc.), e também novidades, jornais, obras literárias. Essa correspondência revela-nos em certa medida a literatura que lhe interessava neste ou naquele período e em que trabalhos ele a usava.

Lénine concedia grande atenção às colectâneas de estatística.

As obras de Lénine, os rascunhos, extractos e cálculos que as precediam indicam a excepcional importância que atribuía à estatística, aos "factos precisos", aos "factos indiscutíveis". É significativa neste ponto de vista a obra inacabada *Estatística e Sociologia* de P. Piriutchev (pseudónimo adoptado por Lénine para facilitar a publicação desta obra) consagrada "à importância e ao papel dos movimentos nacionais, à relação entre o nacional e o internacional".

Encontramos a seguinte passagem nesse seu trabalho:

"Não existe método mais difundido e mais injustificado no domínio dos fenómenos sociais que o de destacar factos *isolados*, jogar com os exemplos. Escolher exemplos em geral não custa nada, mas não tem tão-pouco nenhuma significação, ou tem-na puramente negativa, pois toda a questão reside na situação histórica concreta dos casos isolados. Os factos, se tomados na sua *totalidade*, na sua *conexão*, não são somente "teimosos", mas também incondicionalmente probatórios. Os pequenos factos, se tomados isoladamente, fora da sua conexão, se fragmentários e arbitrários, não são mais que um brinquedo, ou algo pior. É preciso tentar estabelecer uma base de factos precisos e incontestáveis na qual seja possível apoiar-se, à qual se possa confrontar qualquer dos raciocínios "gerais" ou "aproximativos" dos que nos nossos dias se abusa tanto em certos países. Para que isto seja verdadeiramente uma base, é necessário não tomar factos isolados, mas a *totalidade* dos factos relativos à questão considerada, *sem nenhuma* excepção, pois de outro modo surgirá inevitável e, perfeitamente, legitimamente a suspeita de que os factos foram escolhidos ou reunidos arbitrariamente, de que em lugar da relação objectiva e da interdependência dos fenómenos históricos no conjunto se oferece um cozinhado "subjectivo", para justificar, talvez, algo de sórdido. O que acontece... mais frequentemente do que parece".

Em 1902, Lénine pediu-me para lhe enviar ao estrangeiro, entre os livros que possuía antes na Sibéria, "*toda* a estatística", que, como ele escreve na sua carta de 2 de Abril de 1902, "começava a deixar-me com saudades". Mais tar-

de, para receber material estatístico de várias cidades e de maneira mais regular, Lénine apresentou mesmo um requerimento especial aos estatísticos reunidos numa subsecção do Congresso dos médicos e naturalistas (1908-1909), em Moscovo. Uma série de estatísticos de província responderam ao pedido e Lénine escreveria em 2 de Janeiro de 1909: "Recebi mais uma carta de estatística de Riazan e é magnífico que muitos vão obviamente ajudar-me".

Em 1908, quando trabalhava o seu *Materialismo e Empiriocriticismo,* Vladímir Ilitch recebeu o livro do professor Tchelpanov sobre Avenarius e a sua escola, uma obra sobre *Filosofia Imanente*, etc. Quanto à sua obra, ele escreve à irmã: "Trabalhei muito no respeitante aos adeptos de Mach e penso ter demolido todas as suas indizíveis vulgaridades (o empiriomonismo inclusive)".

Perguntando se o manuscrito sobre o capitalismo moderno *(O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo)* tinha chegado, Lénine escreve: "Eu atribuo a essa obra de economia uma importância particular e desejaria sobretudo que ela fosse impressa integralmente o mais depressa possível" (carta de 22 de Abril de 1916). Este seu último desejo, como se sabe, não foi satisfeito apesar dele, como diz na carta de 17 de Julho de 1916 a M. N. Pokróvski, se conformar com os "rigores"; a obra de Lénine sofreu toda uma série de modificações, cortes e só dez anos depois foi publicada na forma inicial.

As cartas de Lénine aos parentes indicam-nos o propósito com que começou o trabalho (ainda inédito) *A Estrutura Capitalista e a Agricultura Moderna.* A 22 de Outubro de 1916 escreve à irmã: "Dizes-me que o editor desejaria publicar a *Questão Agrária* em livro e não em brochura. Concluo que devo enviar a continuação (isto é, ao que escrevi sobre a América juntar o que prometi sobre a Alemanha). Porei mãos à obra logo que termine o que devo escrever em pagamento do avanço que recebi do antigo editor". O manuscrito inacabado desta obra está guardado no Instituto*. Foi, talvez, a revolução que "impediu" de terminá-lo.

As cartas de Lénine que oferecemos aos leitores falam-nos quer das condições do seu trabalho literário quer das dificuldades de publicação dos seus resultados. Referimo-nos, claro, às suas obras legais. Nesse sentido, durante todo o período pré-revolucionário (excepto o período da primeira revolução e a época do *Zvezdà* e do *Pravda,* 1912-1914, quando ele tinha a possibilidade de trabalhar para jornais legais, quando o Partido possuía, embora pouco tempo, próprias editoras legais), Lénine encontrava-se em condições desfavoráveis apenas porque, por exemplo, no estrangeiro lhe faltavam frequentemente livros russos e outros materiais de que necessita-

* Trata-se do Instituto de Marxismo-Leninismo anexo ao CC do PCUS onde se guardam todos os manuscritos de Lénine.

va para o seu trabalho.

O regime de censura engendrava-lhe também sérios obstáculos: os artigos de Lénine eram cortados e deformados (como, por exemplo, o artigo *A Crítica não Crítica)*, as suas obras confiscadas (*A Questão Agrária, t. II)*, etc., etc. Criava-lhe, além disso, grandes dificuldades o facto de ele se achar longe da Rússia, não poder contactar directamente os editores. São características neste sentido as suas tentativas de colaborar no Dicionário enciclopédico Granat. "Gostaria de colaborar no Dicionário enciclopédico, escreve ele na carta à sua irmã de 22 de Dezembro de 1914, mas é difícil, parece, se não se tem a possibilidade de travar conhecimento com o secretário da redacção". Ora Lénine não o conhecia e quando se dirigia directamente à redacção do Granat ficava muitas vezes sem resposta. "Não posso lá receber trabalho para o Dicionário enciclopédico? – pergunta à irmã em Fevereiro de 1915. Escrevi a este propósito ao secretário, mas ele não responde". "Infelizmente, aqui não tenho qualquer contacto com os editores", escreve em 1912.

Sem a ajuda dos camaradas e família para encontrar editores, corrigir as provas, etc., V. I. Lénine teria ainda mais dificuldades em publicar as suas obras. Mas as irmãs e o irmão nem sempre o podiam ajudar, sobretudo quando estavam presos ou no desterro. Em 1904, por exemplo, ele pede à mãe o endereço de Mark Elizárov para contactá-lo sobre um "assunto literário" (carta de 20 de Janeiro de 1904).

Lénine sabia não somente trabalhar de maneira sistemática, assídua e frutuosa ao extremo, mas igualmente descansar. O melhor repouso para ele era a vizinhança da natureza e a solidão. "Aqui (em Stirsudden, na Finlândia, onde ele descansava ao voltar "terrivelmente fatigado" do V Congresso do Partido.– M. U.) o repouso é maravilhoso – banhos de mar, passeios, solidão, ócio. A solidão e o ócio são o que há de melhor para mim." O repouso ali, onde Lídia Knipóvitch o cercou de atenção e de cuidados excepcionais, era com efeito maravilhoso; mais tarde, lembrando-se disso, ele escreveu a Maria Uliánova que acabara de curar-se da febre tifóide: "Eis quando seria bom enviar-te a Stirsudden!"

Lénine amava a natureza e em qualquer que fosse o lugar onde o levasse o destino ele descrevia constantemente nas suas cartas o seu encanto. "A natureza é esplêndida aqui, escreve à mãe quando, em 1895, foi à Suíça. Não páro de admirá-la. Desde que deixámos a estação alemã de onde te escrevi, os Alpes desdobraram-se, os lagos sucederam-se, pregando-me à janela do vagão". "Passeio muito, agora é agradável passear aqui, escreve a Maria Alexándrovna de Pskov. Em Pskov também (como nos arredores) existem belos recantos e não poucos". "Há dias... andei... de barco num formoso lago e deleitei-me com as magníficas paisagens abertas pelo bom tempo...", escreve do estrangeiro.

"Nestes dias eu, Nádia * e um amigo demos um esplêndido passeio sobre o Salève. Em baixo, Genebra mergulhada na névoa, tudo sombrio. Sobre a montanha, a cerca de 1200 metros de altitude, um sol sumptuoso, neve, trenós, um belo dia de Inverno russo. E no sopé da montanha – la mer du brouillard – um verdadeiro mar de neblina, nuvens por cima das quais não se vê nada além dos cumes das montanhas e somente das mais elevadas. Mesmo o pequeno Salève (900 metros) desaparece na névoa". "... Eu e Nádia visitámos a carro e a pé boa parte dos arredores, descobrindo lugares extremamente pitorescos", lemos numa carta de 27 de Setembro de 1902. Lénine tinha provavelmente razão ao escrever: "Entre os camaradas daqui só nós estudámos *todos* os arredores. Encontrámos diversas sendas campestres, conhecemos as vizinhanças, projectámos perambular mais longe ainda".

Se no Verão não se podia sair da cidade, sem que logo se estabelecesse o "modo de vida rural" (levantar com o cantar dos galos e adormecer com as galinhas), Lénine e Krúpskaia, quando viviam na Suíça, iam por vezes escalar montanhas. Encontramos a descrição de uma dessas expedições numa carta de Nadejda Krúpskaia a Maria Alexándrovna datada de 2 de Julho de 1904. "Há já uma semana que deixámos Genebra e descansamos no pleno sentido

* Diminutivo de Nadejda.

da palavra. As preocupações e os cuidados ficaram em Genebra. Aqui, dormimos dez horas por dia, nadamos, passeamos. Volódia não lê seriamente nem mesmo jornais, e os poucos livros que trouxemos devolveremos amanhã a Genebra sem os ter lido, enquanto nós partiremos às 4 da madrugada, saco às costas, para passar duas semanas na montanha. Dirigir-nos-emos a Interlaken e de lá a Lucerna. Lemos Baedeker preparando minuciosamente nossa viagem... Eu e Volódia combinámos não falar nos nossos assuntos – o trabalho não é urso, não foge para a floresta –, eles podem esperar, – não falar e se possível não pensar".

Mas tais excursões eram muito raras, só tinham lugar quando o trabalho e a luta entre fracções se repercutiam pessimamente na saúde, como aconteceu no Inverno de 1903-1904, depois do II Congresso do Partido e da cisão deste. De costume, quando ia ao campo, após alguns dias de descanso, Lénine recomeçava a trabalhar mesmo lá. Se não era possível deixar a cidade, ou se a viagem era breve, organizavam-se passeios fora do perímetro urbano, por vezes aos montes, a pé ou em bicicletas, geralmente aos domingos. "... Sem o querer, demos os nossos passeios como é habitual no estrangeiro, precisamente aos domingos apesar da multidão que se encontra em toda a parte", escreve Lénine a 29 de Março de 1903 numa carta à mãe. Nesses passeios levavam de costume sandes em vez de almoço, partindo para o dia intei-

ro. Não é de admirar que Lénine e Krúpskaia tenham sido integrados no partido dos "passeistas" enquanto outros camaradas foram no partido dos "cinemistas" (amadores de cinema), como diziam entre si brincando.

Lénine não gostava de algumas das distracções que serviam de descanso a outros camaradas depois de um intenso trabalho. Creio que quando vivia no estrangeiro nunca ia ao cinema e aparecia muito raramente nos teatros. Assistiu aos "Tecelões" em Berlim quando da sua primeira viagem ao estrangeiro, frequentava os teatros igualmente quando se achava "muito só" (sem família), na emigração, ou quando tinha que deslocar-se a um grande centro e aproveitava a ocasião para "sacudir-se" um pouco. Mas as apresentações dos teatros no estrangeiro não satisfaziam Lénine (que com Nadejda Krúpskaia por vezes deixava o teatro após o primeiro acto, pelo que os camaradas o censuravam ironicamente de gastar dinheiro a toa); entre os espectáculos que Lénine viu mais tarde só o "Cadáver vivo" parece tê-lo impressionado. Mas havia gostado imenso do Teatro de Arte de Moscovo, que visitara durante a sua estada em Moscovo, antes da emigração, com Lalaiantz ("Colomb"), escrevendo em Fevereiro de 1901 à mãe que se lembrava sempre com prazer desse teatro. "...Eu gostaria de assistir ao "Baixo mundo"* no Teatro de Arte russo

* Peça de M. Górki.

(...)", lemos na sua carta de 4 de Fevereiro de 1903. Teria ocasião de ver o "Baixo mundo" muitos anos mais tarde, vivendo em Moscovo depois da Revolução.

Lénine, apesar de amar a música, assistia a poucos concertos. "Pela primeira vez este Inverno assistimos ultimamente a um bom concerto, lemos na mesma carta, e ele deixou-nos muito satisfeitos, sobretudo a última sinfonia de Tchaikovski (Symphonie Pathétique)". "Estive estes dias na Ópera e ouvi com grande prazer "A judia": ouvi-a uma vez em Kazán (quando cantava Zakrjevski), há cerca de treze anos, parece, escreve à mãe a 9 de Fevereiro de 1901, mas ficaram-me na memória alguns motivos musicais". Mais tarde, assobiava-os frequentemente (com a sua maneira peculiar de assobiar entre os dentes). Posteriormente, no estrangeiro Lénine assistia raramente a óperas ou concertos. A música agia demasiado sobre os seus nervos quando estes estavam tensos – e estes estavam frequentemente nas condições da febre e da luta próprias da vida de emigrante. Ele suportava-a mal. Seu modo de vida recolhido (do ponto de vista das distracções) era um fruto das suas múltiplas ocupações e recursos modestos.

Lénine dedicava relativamente pouca atenção aos locais de interesse. "São-me em geral indiferentes, escreve ele numa carta de Berlim em 1895, e na maioria dos casos visito-os por acaso. Aliás, gosto de vaguear em convívios e festas populares do que frequentar teatros, gale-

rias, etc." Para "perambular", Lénine preferia as tardes quando residia em Berlim em 1895, o que lhe permitia estudar "os costumes berlinenses e ouvir falar alemão". Mas não foi somente durante a sua primeira estada no estrangeiro em Berlim, que se interessou pelos costumes populares – muitas passagens das cartas aos seus, mostram que também quando vivia em Paris ou passava por lá, observava com prazer a vida dos seus habitantes, a desenvoltura dos parisienses nas ruas e bulevares. "Paris é uma cidade muito fatigante e pouco cómoda para viver com recursos modestos, escrevia depois de viver alguns dias lá.– Mas não há cidade melhor ou mais alegre para passar algum tempo, visitar, dar umas voltas". De passagem pela Checoslováquia, Lénine observa igualmente a vida dos habitantes e lastima não ter estudado a sua língua; descreve de maneira pitoresca a vida e os costumes dos camponeses da Galícia que teve a ocasião de observar quando viveu na região, o carnaval nas ruas de Munique com as suas batalhas de papelinhos e serpentinas, etc. Lénine amava a vida e sabia observá-la e estudá-la a fundo como poucos.

As suas cartas falam-nos igualmente da sua atitude para com a família e até certo ponto para com as pessoas em geral. Quanta solicitude e atenção revelam. Lénine gostava muito dos parentes, sobretudo da mãe e o seu cuidado para que ela vivesse melhor, sem inquietar-se, mais comodamente transparece em todas as cartas

dirigidas a ela e aos outros membros da família. Perguntava-lhe como ia de saúde, sobre o apartamento alugado, se não passava frio. "O que me inquieta, escreve numa carta à mãe datada de 1909, é que o vosso apartamento é frio... Não apanhes um resfriado... Talvez se possa instalar nele um fogãozinho de ferro fundido, não?" Os conselhos sucedem-se: "descansa bem durante o Verão", "menos movimento", "descansa mais", "trata de evitar as doenças".

A solicitude de Lénine para com a mãe redobrava particularmente quando uma desgraça a golpeava, e as desgraças eram tão frequentes na sua vida! Ora um, ora outro, ora vários membros da família eram presos ou deportados; já idosa ela devia, como sempre, ir às prisões visitar os seus e dar-lhes alimentos ou roupa, passar horas nas salas dos gendarmes e dos guardas esperando e sofrer às vezes na mais inteira solidão por seus filhos privados de liberdade. A carta de 1 de Setembro de 1901 revela como Lénine se preocupava com ela e como lhe era penoso estar longe. Maria e Mark Elizárov jaziam na prisão; Ana estava no estrangeiro e não podia voltar à Rússia sob pena de ser implicada no mesmo processo; Dmítri não podia tão-pouco encontrar-se com a mãe por terminar naquele momento os estudos na Universidade de Iúriev. Ela viu-se completamente só numa cidade estrangeira mais uma vez em 1904, quando Dmítri, Ana e Maria foram encarcerados em Kiev como implicados no processo instaurado

contra o Comité Central e o Comité de Kiev do Partido.

Vladímir desejara sempre viver com a mãe. Mas era difícil, sobretudo porque a mãe estava sempre ao lado dos filhos mais necessitados do seu apoio e na Rússia tinham quase sempre necessidade dele aqueles, que eram perseguidos pela polícia. Foi, por isso, que ela só teve uma oportunidade durante a primeira emigração de Lénine e outra durante a segunda, de viver algum tempo no estrangeiro em sua companhia. Em 1902, passou um mês com Vladímir e Ana em Longuivy no norte de França. A segunda vez, a última, foi visitá-lo e Maria Uliánova em Estocolmo em 1910. Lénine indicava-lhe sempre itinerários precisos para estas viagens, aconselhava-lhe passar a noite em hotéis para se fatigar menos. Em Estocolmo, Maria Alexándrovna teve a primeira e a última ocasião de ouvir Lénine intervir numa reunião de operários emigrantes. Quando partimos, Vladímir acompanhou-nos até ao cais, mas não subiu a bordo do navio, pois este pertencia a uma companhia russa e podia ser preso. Lembro-me da sua expressão quando de pé no cais tinha os olhos fixos na mãe. Que amargura exprimiam os traços do seu rosto. Como se pressentisse que a via pela última vez... E era assim efectivamente. Lénine não viu mais os seus até regressar à Rússia, após a revolução de Fevereiro, e a mãe morreu pouco antes, em Julho de 1916. Não temos a primeira carta de Lénine depois de receber a dolorosa notícia. A seguinte tão-pouco se conservou, mas lembro-me bem do seu conteúdo: a perda era imensa, a sua dor era enorme e ele manifestava o seu carinho por nós, esmagados como ele por esta desgraça.

Lénine dava provas de grande solicitude pelos seus irmãos e também pelo seu cunhado, M. T. Elizárov, perguntava sempre nas suas cartas como viviam, como se sentiam, se ganhavam o suficiente, se descansavam, etc. Ele arranjava-nos traduções, enviando-nos por vezes livros estrangeiros para isso, interessava-se pelas nossas leituras e estudos, convidava-nos a viver uma temporada com ele, etc. Lénine manifestava-se igualmente muito solícito para com os seus camaradas, informava-se sobre a vida deles, ajudava-os de todas as maneiras possíveis. Compunha, por exemplo, prefácios para as traduções que faziam facilitando, assim, a sua publicação, permitindo-lhes ganhar algo.

Os camaradas que ignoram as condições de vida na emigração e de correspondência legal no czarismo podem achar estranhas e incompreensíveis as expressões utilizadas por Lénine nas suas cartas assegurando que viveu "calmamente", "sem pressa", "pacificamente", etc., em períodos como a guerra imperialista, por exemplo, quando as suas obras e correspondência clandestina mostram que ele combatia exacerbadamente o chauvinismo que já tinha feito cair a maioria dos partidos social-democratas. Mas não se deve esquecer que então Lénine só podia intervir na imprensa – num jornal que só apare-

cia uma vez em várias semanas, por vezes em vários meses e cuja expedição, como a das brochuras, era então extremamente difícil, e em pequenas reuniões de emigrantes ou círculos de operários estrangeiros. Compreende-se que tais possibilidades eram insignificantes para Lénine e que, como conta N. K. Krúpskaia, no começo da revolução na Rússia ele parecesse um leão impaciente de fugir da jaula, pois a emigração e o afastamento da Rússia, sobretudo durante a guerra imperialista, impediam-no de revelar-se como chefe do povo. Aspirava apaixonadamente ao trabalho entre as massas operárias, mas em vez disso via-se a preparar grupos de dois ou três camaradas para agir através deles sobre camadas mais amplas. Assim como o clima geral na "sonolenta Berna", semelhante actividade não era na verdade demasiado "tranquila" para Lénine, "lenta"?

Na correspondência legal transparece raramente o seu furor contra os "ignóbeis oportunistas do tipo mais pernicioso", contra as "monstruosas intervenções em favor dos créditos de guerra", etc. A censura constrangia-o e basta ver as frases das suas cartas que atraíam a atenção dos policiais, tornando-se provas materiais, para compreender que ele e os seus parentes se encontravam então numa situação em que era "muito difícil corresponder-se como queriam...".

As cartas de Lénine aos parentes, como dissemos acima, são principalmente importantes para a sua caracterização como homem (bastante in-

completa, naturalmente, e um tanto unilateral devido às condições da correspondência). Nesse sentido, a nosso ver, são um precioso contributo para a literatura sobre Lénine e só é de lamentar que tantas cartas de Lénine a parentes e camaradas tenham desaparecido. Outros documentos falam de Lénine como chefe, homem político e sábio.

A segunda emigração foi particularmente penosa para Lénine. Ele não gostou de mudar de Petersburgo e arredores para Genebra onde já vivera antes. "Há já alguns dias que estamos plantados nesta maldita Genebra, escreveu ele a Maria Uliánova a 14 de Janeiro de 1908. É um buraco ignóbil mas temos que aguentar, adaptar-nos-emos". E Lénine lança-se ao trabalho com a energia e a perseverança de sempre, sabendo "adaptar-se" a quaisquer condições. "Só foi desagradável o momento da partida como passagem de melhor para pior. Mas isso era inevitável", escreve na carta seguinte à mãe. Por passagem de melhor para pior ele entende a falta de documentação, livros recém-publicados e jornais, que o atinge ainda mais, por em Petersburgo ele ter tudo isso ao seu dispor. Pede que lhe "procurem... as actas da III Duma (edição oficial dos relatórios estenográficos, as declarações, interpelações e projectos de lei apresentados à Duma)" e que lhe enviem "*tudo* sem esquecer nada". Interessa-se também pelos "programas, anúncios e volantes dos outubristas, dos de direita, do grupo dos cossacos, etc.", materiais de

que necessita enquanto na Duma esses papéis são capazes de rolar pelo chão sem ser lidos. Pede também para lhe mandarem "*todas* as publicações recentes dos mencheviques", as revistas sindicais que escaparam à destruição.

Mas Lénine durante a sua vida de emigrante, não sentia apenas falta de livros, apesar dos nossos esforços para fornecer-lhe ao menos o que de mais interessante aparecia no mercado, mas também de jornais russos. A situação era particularmente má durante a guerra imperialista. Em certos momentos, Lénine não recebia um só jornal da Rússia. "Enviem-me uma vez por semana jornais russos lidos, pois não tenho *nenhum*", diz numa carta datada de Setembro de 1916.

A sua situação económica, sobretudo nos últimos meses de emigração, não era igualmente das melhores. "Todas as nossas velhas fontes de subsistência estão quase a desaparecer, a questão do ganha-pão torna-se agudíssima" (14 de Dezembro de 1915). Esta questão "fá-lo sofrer imenso", escreve Nadejda Krúpskaia: excessivamente escrupuloso em matéria de dinheiro Lénine evitava qualquer ajuda dos outros. "Vou passar a escrever qualquer coisa, comunica ele a 10 de Setembro de 1916, pois a vida torna-se infernalmente cara, viver torna-se diabolicamente difícil".

No Outono de 1916, a alguns meses da revolução de Fevereiro, Lénine viu-se na necessidade de procurar livros para traduzir, e tratar da sua

publicação com o editor por correspondência. A revolução "impediu" que gastasse o seu tempo em traduções.

Estas eram as condições de vida de Lénine na emigração pouco antes da revolução. O afastamento da Rússia, das massas operárias que sonhava contactar directamente, as duras condições de vida na emigração, apesar da sua energia e perseverança nunca o abandonarem, acabaram por abalar-lhe seriamente os nervos e todo o organismo.

É com amargura que se refere na sua carta de 15 de Fevereiro de 1917 ao gracejo de Nadejda Krúpskaia ao receber dinheiro da Rússia: "Deram-te uma pensão".

A essa carta que deixa transparecer as penosas condições em que Lénine era obrigado a viver antes da revolução, segue-se um telegrama com a boa nova: "Chegamos na noite de segunda-feira. Comunicai ao *Pravda*".

Era o fim da sua vida na emigração. O fim da correspondência com os seus.

Eu receberia apenas mais dois bilhetes de Vladímir Ilitch, tão breves como a sua estadia clandestina na Finlândia durante a *kérenchtchina* e a *kornílovchtchina* *, nas vésperas da grande vitória de Outubro.

---

* Motins contra-revolucionários organizados pelo antigo general czarista Kornílov (em Agosto) e o antigo chefe do Governo Provisório Kérenski (em Novembro).

LÉNINE CHEGA À RÚSSIA *

A 16 de Abril de 1917 V. I. Lénine chegou a Petrogrado depois da revolução de Fevereiro, que pôs fim ao seu longo exílio. Lénine passou quase quinze anos na emigração (sem contar a sua estadia em Petersburgo, durante a primeira revolução russa de 1905), quinze dos melhores anos da sua vida num meio onde "era muito penoso", como ele escrevia, onde "a percentagem de seres humanos reduzidos à condição de mórbida pilha de nervos era incrivelmente, monstruosamente elevada (...)". A emigração era particularmente dura porque o forçava a viver longe das massas operárias russas, com que aspirava contactar directamente. A situação tornou-se mais insuportável quando na Rússia rebentou a revolução de Fevereiro. "Não podeis imaginar a tortura que é para nós ficar aqui de braços cruzados num momento destes", escrevia Lénine ao camarada Ganecki.

Lénine queria voltar à Rússia para participar

* Escrito em 1937.

directamente na direcção da luta revolucionária do proletariado e do campesinato laborioso, para exercer a tempo a sua influência nos acontecimentos políticos. Mas não era fácil ir à Rússia. Só os social-chauvinistas podiam esperar a ajuda da Entente nesse sentido. Plekhánov e seus partidários passaram livremente num cruzador acompanhado de torpedeiros. A actividade dos defensistas na Rússia contribuía para a política imperialista da Entente. O mesmo não acontecia com os internacionalistas, inscritos nas "listas negras"! Estes ao atravessarem os países da Entente arriscavam-se a ser internados, presos ou a ver afundar o navio em que iam como sucedeu a alguns que escolheram esse caminho. Lénine compreendia isso perfeitamente.

"A Inglaterra não deixará passar a nenhum preço nem a mim, nem aos internacionalistas em geral, escrevia ele a Ganecki a 30 de Março. É claro que o intendente do capital imperialista anglo-francês e o imperialista russo Miliukov (e Cia) estão dispostos *a tudo*, à mentira, à traição, a tudo, a tudo para impedir os internacionalistas de voltar à Russia. A menor confiança a este respeito em Miliukov e em Kérenski (oco tagarela, cujo papel objectivo é o de agente da burguesia imperialista russa) seria simplesmente funesta para o movimento operário e o nosso partido e acompanhada pela traição ao internacionalismo".

Mas que outro caminho tomar? Os planos sucediam-se, mas eram todos irrealizáveis. Lénine

passava noites em branco pensando numa maneira de sair da Suíça. Um dos seus planos consistia em fingir-se surdo-mudo e com o passaporte de um sueco penetrar na Suécia. Ganecki devia encontrar um sueco parecido a Lénine e obter o seu passaporte. Na carta que expunha este plano ia também uma fotografia de Lénine. "Ao ler este bilhete senti a que ponto Lénine se afligia, conta Ganecki, mas, confesso, não pude conter o riso diante deste plano fantástico (...). A fotografia (de V. Lénine – M. U.), entretanto, foi imediatamente utilizada. Dois dias depois, apareceu no *Politiken*, diário dos social-democratas suecos de esquerda, a acompanhar um editorial de Voróvski: "o guia da revolução russa"..."

Lénine perdeu toda a fé nas tentativas do Comité de regresso à Rússia dos emigrantes políticos russos de obter através do Soviete de Deputados Operários a ajuda de Miliukov para a passagem através da Alemanha em troca de prisioneiros alemães. Miliukov não podia aprovar semelhante plano. A única possibilidade era obter do governo alemão a permissão de atravessar a Alemanha e esta foi alcançada através dos socialistas suíços neutros.

Era, naturalmente, um passo arriscado, pois não havia dúvidas de que a burguesia russa e os social-chauvinistas tentariam utilizar a passagem dos bolcheviques pela Alemanha para toda a sorte de calúnias e insinuações. A travessia, por essa razão, devia ser organizada de modo a impossibilitar qualquer acusação de transacções com o governo alemão e os social-chauvinistas alemães. Lénine encarregou o comunista suíço Fritz Platten de apresentar às autoridades alemães as condições da passagem. Reclamava-se a extraterritorialidade do vagão, não devendo os passageiros apresentar os passaportes, ninguém, salvo o camarada Platten que acompanhava Lénine e os companheiros até Estocolmo (o governo russo não lhe permitiu ir até Petrogrado) nem devia sair do vagão nem encetar quaisquer negociações no caminho. O vagão foi posteriormente denominado "lacrado".

Lénine partiu de Zurique no dia 9 de Abril (novo estilo)*. Era acompanhado por uma pequena parte dos emigrantes, principalmente bolcheviques. Os outros consideravam esta empresa um "erro político" e chegaram mesmo a organizar no momento da partida do comboio uma manifestação hostil aos nossos camaradas. Depois tiveram que escolher o mesmo caminho, descrentes da possibilidade de chegar à Rússia de outro modo.

Nós sabiamos que Lénine vinha a caminho, mas ele chegou a Petrogrado de surpresa. Só recebemos os telegramas de Torneo anunciando o

* As referências ao "estilo novo" dizem respeito ao calendário gregoriano, adoptado na Rússia em Fevereiro de 1918 e que tem hoje um avanço de 13 dias sobre o calendário juliano, em vigor na Rússia antes da reforma. Daqui para diante quaisquer datas sem referências especiais referem-se a este calendário.

seu regresso a 16 de Abril, de dia. Era um feriado, as fábricas não trabalhavam, não havia jornais, mas a notícia da chegada do chefe dos bolcheviques espalhou-se rapidamente pelos bairros operários. Os operários puseram-se a preparar para o encontro solene com o seu chefe e mestre reconhecido e amado.

O encontro começou em Bieloóstrov. Além dos camaradas mais chegados de Lénine e seus parentes ali deslocaram-se os operários de Sestroretsk com as suas bandeiras. Lénine foi levado em braços do vagão e na estação dirigiu um discurso aos operários. Falou da importância da revolução de Fevereiro como degrau para a revolução socialista mundial.

Este acolhimento produziu em Lénine uma profunda impressão. O seu rosto estava iluminado, a sua animação era enorme. Inundando os camaradas de perguntas sobre o que se passava, ele manifestou ao mesmo tempo o receio de que em Petrogrado o prendessem. Mas na estação de Finlândia, em vez da prisão, esperava-o um encontro ainda mais impressionante, que ficou para sempre na memória daqueles que a ele assistiram.

Uma verdadeira multidão inundara a praça e as ruas adjacentes para aguardar a chegada do comboio. Dezenas de milhares de operários e operárias ostentavam bandeiras. Montavam guarda de honra na plataforma marinheiros da frota, soldados de uma companhia de metralhadoras, dos regimentos Moskovski e Preobrajenski. Quando Lénine apareceu, os soldados e marinheiros apresentaram armas e a orquestra militar executou a "Marselhesa". Feito o relatório Lénine dirigiu-se à guarda de honra gritando: "Viva a revolução socialista!" Depois conduziram-no às "salas de gala", onde teve que ouvir a saudação agridoce de Tchkheídze, que viera recebê-lo em nome do Comité Executivo do Soviete de Operários e Soldados. Lénine respondeu-lhe com o mesmo lema, que deixou Tchkheídze visivelmente atrapalhado.

Lénine uma vez na praça devia instalar-se no automóvel que o aguardava, mas as delegações operárias que o saudaram pediram-lhe para ir num carro blindado. Iluminado pelo holofote, este dirigiu-se à casa Kchessinski, enquanto Lénine virando-se ora para um ora para outro lado saudava os operários que haviam libertado a Rússia da autocracia. "Viva a revolução socialista!", gritava. Uma multidão seguia o carro blindado. À sua frente marchava a milícia armada das fábricas e dos bairros, nos lados operários formavam fileiras.

Os militantes do Partido tinham-se reunido no palácio Kchessinski. As congratulações choviam mas Lénine passou rapidamente aos assuntos práticos. Pronunciou um discurso expondo o seu ponto de vista sobre as tarefas imediatas do Partido na situação criada, exprimiu as teses que voltaria a expôr no dia seguinte perante a fracção do Soviete de Deputados Operários de Petrogrado e nas célebres *Teses de Abril.*

Estas teses enfureceram a burguesia e enraiveceram os mencheviques e os socialistas-revolucionários, que utilizaram amplamente a passagem através da Alemanha no "vagão lacrado" para caluniar o chefe do Partido V. I. Lénine, afastar dos bolcheviques as camadas inconscientes dos operários e soldados, prisioneiros das ilusões pequeno-burguesas. Apenas poucos operários compreendiam então a posição de Lénine, cuja justeza foi tão brilhantemente confirmada alguns meses depois e assegurou a vitória da Grande Revolução de Outubro.

DAS CARTAS A LÉNINE

Entre papéis velhos e manuscritos relativos aos primeiros anos da revolução encontrei um maço de cartas endereçadas a Lénine e à redacção do *Pravda*, a mim, para lhe transmitir. Eram as primeiras cartas dos trabalhadores a Lénine, principalmente de soldados que através dos artigos do *Pravda* tomaram conhecimento dos discursos de Lénine, pensamentos e pontos de vista que estavam, como escreve um combatente, "em pleno contraste com os artigos de outros jornais de hoje e de antes da revolução". Estes pontos de vista eram apoiados nos primeiros meses da revolução de Fevereiro, pela maioria esmagadora dos combatentes, cansados da guerra imperialista, e nas suas cartas eles agradeciam ao "caro defensor, ao senhor Lénine".

Estas ideias eram porém tão novas, tinham ainda tantas coisas incompreensíveis que era preciso meditá-las seriamente, ajuizá-las. Daí, as cartas pedindo o programa com explicações, perguntando como acabar com a guerra, etc.

Os jornais burgueses e os lacaios da burguesia, os mencheviques e os socialistas-revolucionários procuravam por todos os modos denegrir Lénine aos olhos das massas apresentando-o como espião alemão, inimigo da pátria, etc. Mas a maioria dos soldados não acreditavam nas calúnias, compreendiam instintivamente o que as provocava.

"Camaradas soldados e operários, escreve um marinheiro, não acreditai nos jornais burgueses com os seus provocadores, que não poupam esforços para difamar perante o povo o nosso combatente pela liberdade e a igualdade. Pensai, camaradas, e julgai vós mesmos se pode agradar aos capitalistas aqueles que lhes arrancam a última esperança"...

Na "resposta de agradecimento ao senhor Lénine", enviada por um grupo de soldados de diversos regimentos de infantaria, lemos: "Concluímos do discurso de V. Exª que, pelos vistos, só V. Exª ama e simpatiza com os cansados soldados. Senhor Lénine, as palavras do vosso discurso correspondem inteiramente à verdade. E quem escuta os muitos que se pronunciam contra V. Exª?"

Mas muitos, como ilustra a seguinte carta não acreditavam ainda, que era preciso esclarecer as coisas a fundo.

"Ao camarada-cidadão, o senhor Lénine. Camarada Lénine! Eu, como muitos soldados do exército activo, ouço falar constantemente de V. Exª e das vossas acções como combatente pela liberdade e verdadeiro amigo do proletariado. Ao mesmo tempo, alguns procuram convencer os soldados de que V. Exª é um adversário do proletariado, metem-nos nos bolsos jornais cheios de ataques contra V. Exª. Gritam-nos continuamente aos ouvidos que V.Exª é um inimigo do povo e da Rússia. Mas os soldados não acreditam, simpatizam com V. Exª. E, para dissipar os mal-entendidos, os soldados pediram-me para lhe escrever e pedir que nos desse a vossa opinião acerca da questão agrária e da situação na frente, por outras palavras, o que pensa que é melhor: desencadear a ofensiva ou esperar a paz. Camarada Lénine, peço-lhe, em nome dos meus camaradas, que satisfaça o meu pedido".

Era, realmente, preciso esclarecer ainda muita coisa. As ideias de Lénine estavam longe de ser claras para os soldados, que normalmente tomavam conhecimento delas através de jornais dos *kadetes**. Havia muita confusão.

"Nós não renunciamos à guerra, como diz o senhor Lénine, escrevia um grupo dos soldados, nós não queremos depor as armas mas é preciso apesar de tudo tentar pôr fim o mais depressa possível à guerra, como pensa o sr. Lénine. Desculpe-nos senhor Lénine, somos pessoas pouco instruídas, por assim dizer, o velho governo te-

* *Kadetes* são os filiados do partido constitucional-democrata, um dos principais partidos políticos da burguesia monárquica liberal na Rússia de antes da Revolução.

mia abrir-nos os olhos e agora pedimos-lhe para fazer o favor de não se deter perante nada, sobretudo diante desses bolcheviques". Eles simpatizavam, acreditavam em Lénine, desejavam-lhe "boa saúde, sucessos na obra iniciada, sr. Lénine", mas "esses bolcheviques" eram diferentes, zangavam-se frequentemente com os soldados...

Outros, porém, havia que não manifestavam nem dúvidas, nem reticências:

"Camarada e amigo Lénine. Lembra-te que nós, os soldados (de tal regimento), estamos todos prontos, como um só homem, a seguir-te a toda a parte e que a tua ideia é verdadeiramente a expressão da vontade dos camponeses e dos operários".

"Eu e os meus camaradas, escreve das trincheiras um soldado, damos a nossa palavra de honra de que não abandonaremos as armas apesar de voltar a casa, e nos armaremos ainda mais". E termina: sem mais de momento, subscrevo-me (fulano tal).

Alguns manifestam certo cepticismo.

"Camarada Lénine, escreve um soldado que acabou de chegar das posições. V. Exª preconiza a toda a parte "Abaixo a guerra!" e partidários de V. Exª também. Ouço falar muito a este respeito, mas quando pergunto como acabar com a guerra ninguém sabe responder".

Certas cartas exprimem grande indignação pela "discórdia e desorganização introduzidas nas fileiras do exército", contêm simplesmente injúrias, mas são poucas, sobretudo as que são sinceras e escritas verdadeiramente na frente, e não por antigos inimigos da revolução fingindo achar-se nas posições avançadas.

Com a vitória do Poder Soviético e o fim da guerra, Lénine passa a receber cada vez mais cartas sobre outros temas. Continuam a pedir-lhe para esclarecer questões, mas já relacionadas com a construção, a atitude em relação a outros partidos, os problemas do campesinato, indicações sobre diversas infracções. Muitas cartas tratam de assuntos práticos: ajuda aos trabalhadores, colocação, etc. Nos primeiros tempos, Lénine procurava ler todas as cartas que recebia. Mas em breve viu que isso era impossível. Certa vez após ler uma carta de algumas páginas e, ao ver que o remetente lhe pedia apenas para arranjar uma máquina de escrever, decidiu não ocupar-se mais da leitura de tais cartas e encarregar certos camaradas do aparelho administrativo do governo de examiná-las, satisfazer os pedidos que podiam e responder.

Naturalmente que as cartas dos militantes conhecidos de Lénine acerca do trabalho, etc. eram lhe entregues directamente, sendo informado do conteúdo de outros. As cartas em que os trabalhadores da RSFSR saudavam Lénine, perguntavam como ia de saúde, etc. era eu que lhas dava. No maço de cartas de que falei acima conservaram-se algumas delas.

Elas atestam o amor e o respeito que Lénine usufruía no seio das massas trabalhadoras. Foi

6–412

particularmente elevado o número de cartas dessas que chegou depois do atentado contra Lénine e durante a sua doença, assim como por ocasião do cinquentenário do seu nascimento. Eis a carta de um colaborador da expedição do Comissário extraordinário do abastecimento:

"Desejo-lhe melhoras, camarada Lénine, como chefe do proletariado tão longamente martirizado na luta pela libertação do proletariado trabalhador das garras do tigre que tantos anos as manteve cravadas nos operários e nos camponeses pobres. Amaldiçoamos a mão traidora que se levantou contra a vida do chefe da revolução. Honra e glória aos trabalhadores do Poder operário proletário que se encontram à cabeça do proletariado operário e camponês mundial". E o pós-escrito: "Junto envio 50 ovos para o camarada Lénine, de cama depois do atentado traidor de que foi vítima".

Tais "adições" eram frequentes e por vezes comoventes. Certa vez um soldado camponês trouxe a Lénine um pedaço de pão – "talvez precise" – e pediu para ver Lénine por um momento. Quando Lénine se restabeleceu um pouco, um camarada enviou-lhe da Sibéria uns biscoitos caseiros. "Peço-lhe encarecidamente para aceitar estes biscoitos. Foi a minha mulher, Uliana que os fez. Peço-lhe, caro amigo, que os prove". Lénine mandava todos os presentes mais importantes para os hospitais, orfanatos, etc.

Recebíamos cartas não só de operários, mas

também de camponeses, de aldeias. Eis uma delas:

"Dos cidadãos do distrito de Levo-Lamsk (província de Tambov), aldeia Pravi Lamsk. Tomamos a liberdade de felicitar V. Exª, Vladímir Ilitch Uliánov-Lénine, chefe do campesinato operário russo, no dia do seu 52° aniversário, 22 de Abril. À sua saúde entoámos bem alto a Terceira Internacional Comunista"... "Desejamo-lhe saúde como chefe do campesinato operário russo. Estamos prontos a acorrer em qualquer momento em auxílio de Vladímir Ilitch Uliánov-Lénine se alguém ousar resistir ao nosso chefe e à classe operária... Pedimos desculpa, lê-se adiante na carta, pedimos perdão por tê-lo incomodado, talvez, mesmo ofendido, ficariamos felizes de receber umas linhas de V. Exª anunciando-nos que a nossa carta chegou às mãos de V. Exª... Os que a escreveram são todos sem partido, todos semi-analfabetos, e se não está bem escrito perdoe-nos pois, apesar de não pertencermos ao partido, o nosso coração e o nosso espírito são comunistas, compreendemos que neste momento o poder é verdadeiramente dos trabalhadores".

Seria interessante saber onde se encontra agora o autor daquela carta, quanto cresceu politicamente desde então, desenvolvendo talvez um grande trabalho na obra económica e sendo membro do nosso partido não só pelo coração, mas mesmo formalmente.

Lembro-me como o rosto de Lénine se ilumi-

nou ao ler essa carta. Pediu-me para lhe lembrar que devia responder.

"Entre nós, os camponeses, todos compreendem que só o nosso pai, Lénine, pode salvar a Rússia, se nos mantermos com ele seguindo a sua lei",– lemos numa carta de Maio de 1917.

"Chamam bolcheviques a V. Exª e aos que vos seguem, lê-se na carta enviada de um ponto perdido da província de Viatka. De começo, eu não sabia quem eram os bolcheviques e os mencheviques, pedia que mo explicassem, mas ninguém o fazia para fugir à resposta ou por desconhecimento. Cheguei sem ajuda à conclusão de que o partido dos social-democratas tem dois programas. Conheço o programa-mínimo em geral. Mas o programa-máximo, cujo representante, direi mesmo, pai, como compreendo, é V. Exª, Lénine, famoso e célebre em toda a Rússia, não conheço".

Em suma, o autor da carta pedia para lhe enviar o "programa máximo detalhado" para ter "a possibilidade de defender publicamente as ideias de Lénine e discutir com os vossos adversários que são também meus".

Certa vez recebemos um postal de operários italianos saudando Lénine. "Os operários de Verona desejam-lhe e ao governo soviético muitos anos felizes!", lia-se nele.

"Seguindo as informações nos jornais, lemos numa das cartas, sobre o estado de saúde do grande guia do proletariado da RSFSR, Vladímir Lénine, e sabendo que no caso de desfecho

infeliz da doença o proletariado russo sofrerá uma enorme perda atrevo-me a propor de todo o meu coração proletário ao exame do Presidium do Comité Central Executivo da RSFSR um medicamento pouco conhecido que, como creio profundamente, pode contribuir para o restabelecimento da saúde do nosso grande mestre, o camarada Lénine, devolvendo-o às fileiras do proletariado para o bem geral do povo".

E quantas pessoas ofereciam o seu sangue para posterior transfusão a Lénine quando ele esteve doente!

PRIMEIRO ATENTADO CONTRA LÉNINE

A 14 de Janeiro de 1918, ao cair da tarde, Lénine pronunciou um discurso no Manejo Mikháilovski perante o primeiro destacamento do exército socialista que partia para a frente.

Acompanhavam-no no comício o camarada suíço Platten* e a autora destas linhas. Depois do Comício, entrámos no automóvel e dirigimo-nos para o Smólni. Percorridas algumas dezenas de metros, na parte de trás da carroceria choveram como ervilhas balas de espingarda. "Estão a atirar contra nós!" disse eu. O primeiro movimento de Platten foi agarrar a cabeça de Lénine (eles estavam assentados atrás) e desviá-la para o lado, mas Lénine começou a tentar persuadir-nos de que nos enganávamos, que ninguém tinha atirado contra nós. Depois dos tiros, o chofer acelerou, virou à esquina e deteve-se: "Todos vivos?", perguntou abrindo a porta do automóvel.

* Platten, Friedrich (Fritz) (1883-1942) – social-democrata de esquerda suíço, depois comunista.

"Atiraram contra nós?", perguntou Lénine. "E ainda como!, disse o chofer. Cheguei a pensar que nenhum de vocês estava vivo. Saímo-nos bem! Se tivessem acertado num pneu não teríamos escapado. De qualquer modo não podíamos ir depressa por causa do nevoeiro, já corríamos risco!"

O famoso nevoeiro de Petrogrado cobria tudo em redor.

Chegados ao Smólni examinámos a viatura. A carroceria havia sido furada em vários lugares. Algumas das balas perfuraram o vidro da frente. De repente, apercebemo-nos de que Platten tinha as mãos ensanguentadas. Ao que parece, uma bala roçara-o quando desviou a cabeça de Lénine e esfolara-lhe um dedo.

"Escapámos de boa", dizíamos ao subir ao gabinete de Lénine.

REPOUSO

No começo do Verão de 1918, quando começámos a pensar onde descansar, V. D. Bontch-Bruiévitch propôs a Lénine ir para a sua casa de campo, em Tarássovka. No sobrado da pequena vila ao lado da casa onde vivia a família de Bontch-Bruiévitch havia dois quartos livres. Comeríamos com eles.

No Instituto Lénine conservou-se um bilhete de Lénine escrito pelos vistos numa reunião, (ele costumava fazê-lo para evitar ruídos e conversas durante as reuniões), onde se lê:

1) Como vão as coisas na casa de campo?
2) Pode ir-se lá no próximo domingo?
3) Duas ou três pessoas?
4) Lá, pode fazer-se esperar o automóvel?

Bontch-Bruiévitch respondeu positivamente a todas estas questões, indicando que já havia ordenado enviar a roupa de cama, etc.

"Comprei batatas, acrescentou ele, o leite e o requeijão são magníficos. Temos outros produtos".

Tudo corria bem. Mas estivemos lá duas-três vezes somente, apesar da hospitalidade de V. D. Bontch-Bruiévitch. É que Lénine gostava de descansar na maior solidão.

Mas em Tarássovka havia sempre gente. É verdade que habitualmente íamos passear sós na floresta desde amanhã, e o mais longe possível para evitar encontros com conhecidos e as inevitáveis conversas que fatigavam Lénine na cidade. Mas era impossível evitar os encontros durante as refeições, o chá, etc. Lénine não descansava. Os mosquitos eram uma verdadeira maldição para Lénine em Tarássovka. As janelas não tinham telas e eles zumbindo invadiam os quartos de "mon repos". Certa madrugada, depois de tentar inutilmente adormecer, Lénine deixou Tarássovka para nunca mais voltar.

Não dispondo de outra casa de campo, para respirar ar fresco, impomo-nos a partir de então a regra de passear pelo menos algumas horas fora da cidade, levando connosco sanduíches. Passeávamos em diferentes direcções, mas o lugar predilecto de Lénine tornou-se em breve um pequeno bosque à beira do rio Moscova, perto de Barvikha. Escolhíamos um canto isolado num outeiro de onde se abria a paisagem sobre o rio e os campos vizinhos e ali passávamos a tarde. O chofer de Lénine, o camarada Guilh, estacionava o carro perto: então Lénine não tinha guarda. Acabamos por ficar a conhecer bem o canto, descobrimos que a ponte que conduzia ao "mon repos" suportava o peso do automóvel.

Descobrimos, é verdade, após uma experiência lamentável: uma pequena ponte quebrou-se debaixo das rodas do veículo pesado, mas Lénine propôs parar e repará-la antes de seguir.

Certa vez cruzámos um pontão. Indecisos, parámos. Um camponês assegurou-nos que não era possível atravessá-lo de automóvel, que há muito não o reparavam.

– Agora estamos, desculpe a expressão, no Poder Soviético, não é?–ajuntou ele.

Isto aconteceu no começo do Poder Soviético, quando a população ainda não se convencera de que a classe operária era capaz de construir o novo, considerava ainda que ela só podia destruir o velho.

Por vezes, quando o nosso carro aparecia em qualquer aldeia a garotada corria atrás pedindo-nos para dar uma volta. Lénine que adorava crianças dizia a Guilh parar e uma multidão alegre e barulhenta enchia o automóvel. Percorrido um km ou um km e meio, as crianças desciam e voltavam radiantes à aldeia.

Apesar de simples, tal forma de descanso, a única acessível naquele tempo, deixava-nos satisfeitos e revigorados.

LÉNINE FERIDO

Sexta-feira, 30 de Agosto de 1918. De manhã recebemos a notícia do assassinato do camarada Urítski. A atmosfera era alarmante.

Então, realizavam-se comícios às sexta-feiras nas fábricas, em que Lénine habitualmente participava. Ele também se preparava para ir aos bairros naquele dia. Convidei Bukhárin para almoçar e ajudar-nos a dissuadir Lénine de ir ao comício. Ele esquivava-se com piadas, respondia vagamente: "Verei..." Por estar constipada, deixaram-me em casa e de tarde não fui à redacção. Perto das 5 da tarde Lénine saiu do gabinete já de sobretudo, disse-me que sempre ia ao comício e negou-se categoricamente a levar-me consigo. Passou uma hora, duas. Impaciente, aguardo o regresso do carro perto da janela. Ei-lo finalmente mas, estranho!, desliza mais rápido do que é habitual. O chofer salta e abre a porta. Nunca, antes, o fizera. Pessoas desconhecidas ajudam Lénine a sair do carro. Sem sobretudo, ele apoia-se nos camaradas. Desço a correr

a escada e encontro-os já ao pé de casa. Apesar de pálido, Lénine anda pelo seu próprio pé apoiado dos lados com Guilh atrás. Diz-me para me tranquilizar, que foi ligeiramente ferido na mão; corro a abrir a porta do quarto, a fazer a cama em que alguns minutos depois é instalado Lénine.

O camarada operário conserva o sangue frio.

– Um médico, depressa! Iodo, gaze!

A quem telefonar? Lembrei-me que o Conselho dos Comissários do Povo, presidido por Lénine, devia reunir-se às 8 horas. Já eram quase 8 horas e os camaradas deviam já estar reunidos. Fui a correr ao Conselho e pedi para arranjar urgentemente um médico: Lénine está ferido! O camarada Vinokurov, que estava lá, voltou comigo. Ele era médico e podia prestar os primeiros socorros. Aplicou-se a ligadura. Novos camaradas vêm perguntar o que se passa, o que devem fazer. O telefone toca: não nos vem logo à cabeça dizer às telefonistas do Kremlin para não ligarem. Várias pessoas vão buscar médicos. O chofer Guilh conta o que se passou, telefona para a farmácia e corre a preparar Nadejda Krúpskaia. Mas ela adivinha o que se passa e pergunta apenas: "Está vivo?"

A ordem restabelece-se um pouco. Chegam outros médicos e a camarada Velítchkina-Bruiévitch que, com outros colegas, cuidou de Lénine durante o período mais crítico. Veisbrod, Obukh, Mints, Rozanov e Mamonov. Estão pálidos, com um ar sério. Respondem vagamente

às nossas perguntas: o caso é grave, por enquanto não se pode dizer nada, mas o organismo é forte. Uma noite penosa. Lénine geme, lívido. Mas quando Nadejda Krúpskaia aparece no quarto, ele esforça-se por mostrar-se animado, sofrendo por ver-nos inquietos. Procuramos não nos mostrar. Camaradas mais próximos do CC – Svérdlov, Zinóviev e outros, preparam-se para passar a noite nas poltronas do gabinete de Lénine, prontos a socorrê-lo ao primeiro apelo. Aparecem enfermeiros, que preparam a injecção de soro fisiológico. Veisbrod, para pernoitar, instala-se no canapé do aposento contíguo. Mas despertam-no quase a cada minuto. Parece-nos que as coisas correm melhor quando ele não dorme, quando está presente. De manhã Lénine está já menos pálido, sorri, estende a mão.

Melhora gradualmente. Escapou ao maior perigo. Mas ainda pode haver contaminação. É preciso esperar o quarto, o quinto dia. E como é difícil reter Lénine no leito! Ele procura convencer-nos na ausência dos médicos de que não é obrigatório obedecer-lhes à letra, pede-nos para lhe trazermos os jornais dos dias em que esteve doente... Todos sem esquecer um e dar-lhe ou lê-los em voz alta.

Inicialmente, os médicos, a enfermeira e o enfermeiro vigiam dia e noite. Mas Lénine melhora. Já o autorizam a sentar-se. Decidindo que já recuperou suficientemente, ele começa a dar os primeiros passos. E só os médicos, que surgem de imediato e apontam possíveis complicações

cardíacas, conseguem dissuadi-lo dos seus passeios. Também o braço fracturado contribui para retê-lo. Finalmente, autorizam-no a andar. Já pode ir a Górki, para recompor-se definitivamente. Lénine protesta, mas Veisbrod consegue persuadi-lo a deixar acompanhá-lo. O carro parte. No pátio, o camarada Svérdlov fá-lo parar, de longe. "O discurso de despedida!"–digo eu. Riem todos. Alguns minutos mais e já rolamos fora da cidade, em plena natureza. Dentro de uma hora estaremos em Górki, onde a recuperação será mais rápida.

Em Março de 1923, algumas horas antes de Lénine perder a fala, sentados na beira da sua cama, recordávamos o passado. "Em 1917, disse Lénine, descansei numa choça em Sestroretsk graças aos alferes guardas-brancos; em 1918, graças aos disparos de Kaplan. Mas depois não houve outra ocasião dessas..."

Não houve, efectivamente, tal ocasião e o trabalho excessivo abalou a sua saúde.

RECORDAÇÕES SOBRE LÉNINE

Nas minhas breves recordações sobre Lénine, deter-me-ei nalguns dos traços dominantes do seu carácter.

Lénine, além das suas aptidões e dons excepcionais, beneficiou na infância e na adolescência de condições extremamente favoráveis ao seu desenvolvimento.

Os nossos pais eram pessoas cultas, avançadas, cujo exemplo exercia uma influência humanizante em todos aqueles com que conviviam. O nosso pai, oriundo de uma família de pequenos burgueses pobres, tornou-se "gente", como se dizia então ou seja, recebeu instrução secundária e superior graças à sua obstinação e amor ao trabalho. Apesar de ser considerado pelos professores um "menino dotado", por pertencer à pequena burguesia, ele não beneficiava de bolsa de estudo, que era concedida apenas aos filhos de funcionários e nobres. Amando o seu trabalho na esfera do ensino público, ele consagrou-lhe a vida, todas as forças. Inspirado pelas melhores

ideias da década de 60 e do começo dos anos 70, ele foi ensinar aqueles que tinham dificuldades em instruir-se, lançou-se à criação de escolas para os filhos dos escravos de ontem. Objectivo árduo na altura! A falta de meios era acompanhada de toda sorte de obstáculos levantados pelo governo à instrução pública, o obscurantismo e a ignorância dos camponeses que temiam as escolas e viam nelas apenas exações e privações, tão péssimas eram então as escolas. Chtchedrine, muito justamente, disse que esta época reuniu "num só feixe as questões da educação e alimentação, moral do povo e cólera, antraz maligno e peste". Era preciso obstinação, muitas forças para superar barreiras, manter a alma viva, a fé. Era preciso percorrer a província debaixo de tempestades de neve, chuva e através do lamaçal no Outono e na Primavera inspeccionando as escolas, defendendo calorosamente a causa da instrução nas assembleias dos camponeses, seguindo de perto a construção de novas escolas, insistindo para que os zemstvos* concedessem verbas, etc. E os seus esforços davam resultados. A desconfiança dos camponeses diminuía, for-

* Órgãos de auto-administração local criados na Rússia no âmbito da chamada reforma de *zemstvo* de 1864 que vizava ajustar o regime autocrata às necessidades do desenvolvimento capitalista. Na luta contra o movimento revolucionário o czarismo esforçava-se por ganhar os liberais para o seu lado. Receando, no entanto, a sua influência, o governo limitou a competência dos *zemstvos* às questões económicas puramente locais.

V. I. Lénine, 1918, Moscovo

V. I. Lénine, 1918, Moscovo

Lénine à secretária no seu escritório no Kremlin, 1918

Lénine passa revista às tropas do Vseobutch, 1918 ►

V. I. Lénine, 1921, Moscovo

mavam-se sob a sua direcção novos professores que, em lugar dos castigos corporais e do absurdo decorar, traziam às aldeias os seus conhecimentos, animados pelo entusiasmo do seu inspirador, dispostos a colocar todas as suas forças ao serviço do povo. A actividade do nosso pai na província de Simbirsk ficaria na memória dos seus contemporâneos como "o tempo de Uliánov", os professores que ele formara eram chamados "os de Uliánov". O trabalho, contudo, não o impedia de dar a devida atenção aos filhos, a quem dedicava todos os momentos livres. Fazia tudo para lhes inculcar o sentido do dever, tão forte nele, formar o seu carácter, habituá-los ao trabalho. Acompanhava os seus estudos, desenvolvia-lhes o gosto pelos melhores escritores da época, participava nos seus jogos, passeios e adorava-os. Democrata por natureza, amável, sóbrio, influía em nós também deste ponto de vista. Era igualmente enorme a influência da nossa mãe sobre nós. Era uma pessoa excepcional, inteligente. Distinguia-se pelo seu tacto pedagógico, grande força de vontade, ardente e valoroso coração. Raramente severa, sem quase recorrer a castigos, não limitava inutilmente a liberdade dos filhos, que a amavam e respeitavam.

Além dos nossos pais, exercia grande influência sobre Vladímir o nosso irmão mais velho, Alexandre, jovem talentoso, robusto, destacando-se pelo seu carácter, amor ao trabalho (14 a 16 horas por dia) e elevada integridade moral. Vladímir adorava Alexandre, seguia o seu exem-

7–412

plo em tudo, lia os livros que o irmão elogiava, etc. A sua morte – ele morreu enforcado por participar no atentado contra o czar Alexandre III – impressionou profundamente Vladímir. Foi, provavelmente, então que começou a formar-se um dos traços mais característicos da sua vida e actividade – a *clareza de objectivos*. Fixando ainda na juventude a finalidade da sua vida – o trabalho revolucionário – ele manteve-se-lhe fiel até ao último suspiro. Lembro-me de ele escrever certa vez que *era preciso apressar-se a viver para consagrar todas as suas forças à revolução*. É característica neste sentido a opinião emitida pelo menchevique Dan, inimigo ferrenho de Lénine, no Congresso de Copenhaga de 1910, onde os representantes de diversas tendências revelaram abertamente o seu ódio a Lénine na secção russa do Congresso. Terrivelmente isolado, ele resistiu a toda concessão aos seus adversários, que intervinham em massa. Era, sobretudo, isso que os punha fora de si. "Um contra todos, é o cúmulo!", "Ele leva o Partido à perdição!", "Que felicidade seria para o Partido se ele desaparecesse, se evaporasse, morresse..." Eram frases frequentes nas reuniões da secção russa durante os debates com Lénine.

E quando uma velha militante disse a Dan: "Como pode uma única pessoa levar todo o Partido à perdição e porque não conseguem os outros fazer nada contra ele ao ponto de chamar a morte em auxílio?" – cheio de irritação ele respondeu literalmente: "Tal acontece porque não há mais ninguém que como ele se ocupe 24 horas por dia da revolução, que só pense na revolução, que a veja mesmo a dormir. Tente lá dominá-lo!"

Naturalmente que ele não era o único a dedicar todas as forças ao trabalho revolucionário, mas a sua linha era justa e as massas operárias seguiam-no. De qualquer modo, tal característica de Lénine mostrava a firmeza dos seus objectivos.

Mais alguns traços. Quando Lénine já estava doente e os médicos e nós procurávamos limitar o seu trabalho ele replicou certa vez às minhas instâncias: "Nada mais me resta!" Era verdade, não lhe restava mais nada. Ele vivia da revolução, do trabalho revolucionário e sem esse trabalho a sua vida perdia todo sentido. Mais tarde, quando já não podia levantar-se, os médicos, vendo o seu desalento, decidiram aliviar o regime e autorizar uma entrevista com camaradas, com a condição de que não falassem de política. Mas Lénine recusou-se categoricamente. "Que esquisitos! – disse-nos quando os médicos saíram – pensam que políticos, ao encontrar-se após uma longa separação, podem falar de outra coisa além de política!" E, mais tarde, quando quis ditar as suas notas, os seus últimos artigos e os médicos se opuseram, Lénine declarou que se lhe recusassem isso ele não se trataria mais.

A morte do nosso irmão mais velho, sem dúvida, reforçou a aspiração de Vladímir de consagrar-se ao trabalho revolucionário. Mas por

mais que amasse e respeitasse Alexandre, ele compreendeu cedo que não devia seguir o mesmo caminho, que não podia atingir o seu objectivo através do terrorismo individual, que este só contribuía para afastar os melhores revolucionários das massas, tirar-lhes a influência sobre elas. Mas ele guardou toda a vida profunda estima pelos narodovóltsi *, pelo seu heroísmo e abnegação, assimilou a sua experiência, têmpera revolucionária e, mais tarde, já vivendo no estrangeiro, dizia que deviamos aprender com Khaltúrine, com os narodovóltsi. Mas o caminho deles, repito, não era o seu caminho. Compreendeu cedo que "as ideias se tornam força quando conquistam as massas". Mas compreendia também que para chegar às massas e guiá-las era preciso boa preparação teórica. E estudava sistematicamente, segundo um plano determinado. Mais tarde, escreveria ao nosso irmão, que estava preso, que era pouco proveitoso ler só pelo prazer de fazê-lo, que era preciso escolher um tema e ocupar-se dele regularmente. Era assim que ele trabalhava. Assimilou a essência revolucionária da doutrina de Marx, e impregnou-a da sua prática revolucionária. A tarefa dos marxistas revolucionários, a seu ver, consistia não só em explicar o mundo mas também em transformá-lo.

* *Narodovóltsi* – militantes de "Naródnaia Vólia" (Vontade do Povo), organização revolucionária russa nos anos 70-90 do séc. XIX, constituída por revolucionários profissionais, partidários da luta política contra a autocracia czarista, que reivindicaram amplas transformações democráticas.

Lembro-me da ironia com que nos contou mais tarde a sua conversa com um "marxista legal", em Petersburgo. Discutia-se que acção considerar mais importante, a legal ou a ilegal. Para o "marxista legal", professor, tal acção era a sua actividade literária legal, para Lénine, o trabalho ilegal, clandestino.

O trabalho teórico obstinado, todavia, não transformava Lénine num homem seco, livresco. Trabalhava, descansava e passeava com o mesmo ardor. Amava a vida e os seres humanos e sofria pelas injustiças de que eram vítimas.

Górki escreveu que não conhecia outra pessoa "que como Lénine desprezasse, odiasse com tal força e profundeza e sentisse tão grande repugnância pelas desgraças, dores e sofrimentos do género humano".

Por isso, Lénine gostava tanto do seu trabalho, o executava com tal ardor. Quando Lénine, ainda adolescente, foi preso pela primeira vez durante uma manifestação de estudantes e o oficial da polícia lhe disse: "Para que lutas, rapaz? Tens diante de ti um muro!", Lénine, firme, respondeu: "Um muro, sim, mas um muro podre, que cairá ao primeiro empurrão!"

Lénine, vivendo nas aldeias de Kazán, Samara e na Sibéria, observava e estudava a vida dos camponeses. Ao mesmo tempo, em Kazán e Samara Lénine contactou a juventude revolucionária à qual lia resumos. Alguns desses viriam a constituir as suas primeiras obras e entre elas

uma das mais notáveis *Quem são os "Amigos do Povo" (...)*. Lénine dedicou-se vários anos a este trabalho teórico mas, finalmente, sentiu necessidade de trocar Samara por um centro industrial mais movimentado. E partiu para Petersburgo, afim de participar directamente no movimento revolucionário, contactar as massas operárias e fazer propaganda no seu seio.

Isso ocorreu no Outono de 1893. Desde então, Lénine ficou ligado de corpo e alma à luta revolucionária. Contacta operários, combate "marxistas legais" e populistas em reuniões e na imprensa, vai ao estrangeiro ligar-se ao grupo "Libertação do Trabalho" e traz consigo literatura clandestina. Nem na prisão abandona o trabalho revolucionário. Além do livro *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*, de enorme importância para a vitória da ideologia marxista na Rússia, escreveu na prisão o projecto do programa do Partido, volantes para os operários que depois de passados para fora da prisão são editados pela "União de luta pela libertação da classe operária". Com que imaginação engana os gendarmes! Continua o trabalho revolucionário mesmo depois de ser condenado ao exílio numa aldeia perdida da Sibéria, a mais de quatro mil verstás dos centros culturais. Mas não é só em obras legais que desenvolve as ideias do marxismo. Ele luta contra os populistas e os "marxistas legais", escreve também obras ilegais no desterro: a brochura *As Tarefas dos Social-Democratas Russos*, artigos para o órgão do Partido *Rabòtchaia Gazeta*, de que é eleito redactor no I Congresso do Partido, tão elevado era já então o seu prestígio nas suas fileiras. Escreve no desterro o célebre *Anticredo* contra os economistas, os bernsteinianos em molho russo, lendo-o a amigos e a outros exilados.

Os camaradas que observavam de perto Lénine no desterro ficavam impressionados com a obstinação e energia com que ele trabalhava. A clareza dos objectivos era o traço do seu carácter que mais se manifestava no exílio. Ao mesmo tempo, o "maldito lodo da vida de degredados" perdia muitos. Mártov, exilado no distrito de Turukhansk, compôs então um verso a esse respeito. Uma de suas estrofes dizia: "Lá, na Rússia, os homens são fogosos, cai-lhes bem o nosso traje heróico. Mas durante os longos anos de desterro a douradura salta. Por vezes, em lugar do herói, do desterro regressa uma galinha molhada". Lénine também se começou a agitar no fim do exílio, temia que lhe prolongassem a pena, o que às vezes sucedia. Acariciava tantos planos relativamente à sua actividade posterior, à organização de um órgão partidário à volta do qual, como andaime à volta de um prédio em construção, crescia o Partido, e temia o novo adiamento. Mas isso não aconteceu e ele pôde voltar à Rússia. Escreve e encontra-se com camaradas, organiza a "conferência de Pskov", vai a Petersburgo ver camaradas. Ali, livra-se por acaso de ir parar três semanas à prisão.

A sua atitude para com os outros e a sua apro-

ximação deles eram igualmente determinadas pela sua ideia principal – a luta revolucionária, os interesses da causa. "Sem debates, discussão e a luta de opiniões nenhum movimento é possível, inclusive o movimento operário", escrevia Lénine. Lénine não metia nada de pessoal nessa discussão, por mais ríspido e intransigente que se mostrasse face aos seus oponentes. Nisso residia a sua força. As suas cartas aos camaradas, publicadas ou não mostram que, depois de se zangar com um ou outro camarada por um erro ou linha falsa, depois de aparentemente lhe dizer as últimas palavras, o erro era corrigido, a linha rectificada e o trabalho recomeçava, ninguém se sentia ofendido, tudo se passava como se nada tivesse acontecido. Primeiro estavam os interesses da causa. Claro que o comportamento era diferente quando se tratava não de um erro passageiro, mas de sérias divergências de princípio. Então, Lénine rompia com a pessoa independentemente da amizade que antes o ligava a ela (Plekhánov, Mártov). Raro era o camarada que ele estimara e querera tanto como a Plekhánov, por poucos sentira a simpatia e o carinho que Mártov lhe inspirava – mas os interesses da causa estavam em primeiro lugar. As divergências e as cisões eram particularmente penosas para Lénine. Depois do II Congresso e da sua cisão ele adoeceu gravemente.

Procurava atrair Plekhánov e Mártov para o seu lado, porque isso correspondia aos interesses da revolução.

Outro traço de Lénine, o mais característico do seu carácter, era a sua *atitude para com as massas*...

Possuía um sentido particular das massas, sentia-se atraído por elas, estava sempre ligado a elas. Começou a estudar as massas, conforme já disse, ainda adolescente, contactou com a massa camponesa quando vivia nas aldeias de Kazán, Samara e na Sibéria. Também em Petersburgo, sua atitude para com os operários era particular. Interessava-se por cada pormenor da vida dos operários, com diferentes detalhes tentava reconstituir a vida do operário no conjunto para descobrir o melhor lado para abordá-lo com a propaganda revolucionária. O trabalho de Lénine nos círculos distinguia-se pela ligação da teoria à prática. Quando falava com operários ou escrevia para eles, procurava ser compreendido por todos. Quando os membros do grupo "Libertação do trabalho" elogiaram a brochura de Lénine *Explicação da Lei sobre as Multas,* Lénine respondeu que as referências de Plekhánov e Axelrod às suas tentativas de escrever para os operários o haviam "encorajado a um alto ponto". "Eu nunca desejaria nada tanto, não sonharia com nada mais de que com a possibilidade de escrever para os operários". Lénine disse certa vez a Clara Zetkin que ao discursar ele não deixava de pensar que estava a falar para operários e camponeses, que queria que o compreendessem. "Onde quer que um comunista fale, ele deve pensar nas massas, deve falar para elas". No

estrangeiro, na emigração, Lénine sofria imenso com a sua separação das massas. Nas cartas desse período ele pede continuamente aos camaradas que se encontram na Rússia para fazerem os operários escrever mais para o órgão no estrangeiro, não só para publicar, mas também para que os camaradas escritores, que estão separados das massas no estrangeiro, não percam a ligação a elas, conheçam as suas aspirações, vida e luta. Pede para "reproduzir pelo menos algumas cenas directas de entrevistas com operários (De que falam no círculo? De que se queixam? O que não compreendem? A que aspiram? Quais os temas das conversas, etc.)" E quando ao estrangeiro vinha algum militante local, sobretudo de entre os operários, Lénine cravava-o literalmente de perguntas, procurando informar-se sobre o estado de espírito dos operários na Rússia. A sua fé nas massas operárias e nas suas forças criadoras era infinita.

A revolução deu a Lénine enormes possibilidades de influir directamente nas massas. Entre ele e as massas revolucionárias estabeleceu-se uma unidade tão estreita que era impossível separá-los. Para milhões de operários e camponeses insurgidos, Lénine era o laboratório do pensamento revolucionário, o cérebro genial para o qual eram compreensíveis os mais íntimos sentimentos dos operários e dos camponeses e os mais elevados conhecimentos científicos. Lénine entregava-se inteiramente à solução de cada problema, verificando cada passo na prática e consultando pessoalmente determinados camaradas, frequentemente trabalhadores. Dava particular importância à explicação de cada iniciativa às massas populares bem como à maneira como os simples operários e camponeses acolhiam uma ou outra lei ou disposição do governo. A. D. Tssuriupa, que era então Comissário do Povo para o Abastecimento, por proposta sua, convocou vários camponeses para conversar "com o coração não mãos" e ficar sabendo o que as massas rurais pensam e querem.

Lénine falava pessoalmente com todos os operários e camponeses que vinham vê-lo. Recebia-os sempre antes dos outros visitantes. "Em quê Lénine é grande?"– pergunta nas suas recordações o camponês Tchernov, que visitou Lénine mais de uma vez. "Eis em quê. Ele escutava não a mim, como um ser extraordinário, naturalmente, *mas através de minha pessoa o campesinato inteiro, considerando toda a complexidade da situação em baixo"*.

Dei, camaradas, apenas alguns exemplos para ilustrar como se manifestavam os traços mais característicos de Lénine de que falara no começo da minha intervenção. Poderia apresentar muitos outros, que seguramente encontrareis na imensa herança literária de Lénine que é preciso estudar a fundo e ainda servirá longos anos de guia do nosso trabalho e da nossa luta. E trata-se não de conhecer citações, mas de compreender, assimilar, aplicar na prática a essência, o espírito da doutrina de Lénine.

GUIA, CAMARADA, HOMEM *

Faz dentro de alguns dias quatro anos que Lénine morreu. O que nos ensinou durante a sua vida, a sua rica herança literária torna-se de ano para ano património de um crescente número de proletários não só da URSS, mas também muito além das suas fronteiras. O que é perfeitamente compreensível. Um crescente número de trabalhadores convencem-se pela história, pela sua vida e luta, da justeza do caminho que Lénine apontou e pelo qual ele conduziu os operários e os assalariados rurais do nosso país à vitória sobre os exploradores, à possibilidade de construírem o socialismo. E para não se desviar desse caminho em todas as etapas da luta e aplicar sempre a justa táctica leninista, a única que pode levar à vitória o mais indolorosa e rapidamente possível, os partidos proletários comunistas de todos os países, todos os proletários conscientes estudam as suas obras, verificam os seus métodos de luta na prática revolucionária. A procura das suas obras cresce continuamente, elas são cada vez mais traduzidas para línguas estrangeiras.

* Escrito em 1928.

Lénine nunca foi lido tanto durante a sua vida. Ele, então, estava ao nosso lado. Dirigia a luta, determinava a linha do Partido e da Comintern, dava indicações em todas as etapas da revolução. Era possível pedir conselhos e instruções a Lénine em todos os casos. Agora não. E, além disso, os grandes homens, os homens geniais, revelam-se aos seus contemporâneos, aos seus descendentes só depois da sua morte, quando estes avaliam toda a sua significação. Lénine era um desses homens.

Mas ele é grande não apenas pela sua doutrina, não somente como guia da revolução proletária mundial, ele é grande também como homem; todos os trabalhadores devem conhecê-lo para poder formar-se à luz do seu exemplo como verdadeiros comunistas, cujos actos correspondem às palavras, que gozam de prestígio e confiança arduamente conquistados.

Lénine pertencia ao pequeno número de pessoas que, tendo colocado perante si um objectivo, o perseguem inflexivelmente, sem desviar-se do caminho escolhido, sem temer dificuldades e perigos. A sua causa é o fim e o interesse supremos. A causa de Lénine era o trabalho revolucionário.

Ainda adolescente, depois de terminar a escola, lança-se com uma tenacidade e uma obstinação excepcionais aos livros para se preparar para

a actividade revolucionária. Tenacidade, obstinação que o caracterizariam sempre, tanto na clandestinidade como após o estabelecimento do Poder Soviético.

O período da guerra imperialista foi um dos mais penosos para os revolucionários que se encontravam no estrangeiro. As ligações com a Rússia eram entravadas, não havia dinheiro, era difícil agir. Muitos emigrantes iam para a frente defender a "sua pátria". Poucos eram aqueles que se manifestavam abertamente contra a guerra, a favor do internacionalismo. As cartas daquele tempo mostram a obstinação e tenacidade com que Lénine lutava contra a guerra imperialista, a intransigente energia com que faria propaganda contra ela, procurava restabelecer as relações com a Rússia, etc. Colocando uma ou outra tarefa, insistia sempre para que ela fosse rapidamente cumprida. Numa carta à camarada Kollontai, por exemplo, escreve: "Por favor, esforce-se, informe-se, consiga, repreenda, obrigue, vigie!" Que tenacidade, que desejo de obter resultados encerram estas palavras!

Mas, ao dedicar-se inteiramente à luta revolucionária, Lénine não era rigorista, um homem seco. Amava a vida em todas as suas manifestações, amava os seres humanos, que cercava de solicitude e atenção, era contagiosamente alegre e espirituoso entre os amigos. Entre as crianças, tornava-se parecido com elas, brincando e correndo, despertando a sua simpatia. Os passeios eram a forma de repouso que preferia. Amando

apaixonadamente a natureza, descobria rapidamente os cantos mais belos. Passeando nos bosques com a espingarda ao ombro, ao encontrar um camponês ou uma camponesa aproveitava a ocasião para falar com eles sobre a sua vida, trabalho e necessidades. Semelhantes encontros alargavam-lhe os contactos com as massas.

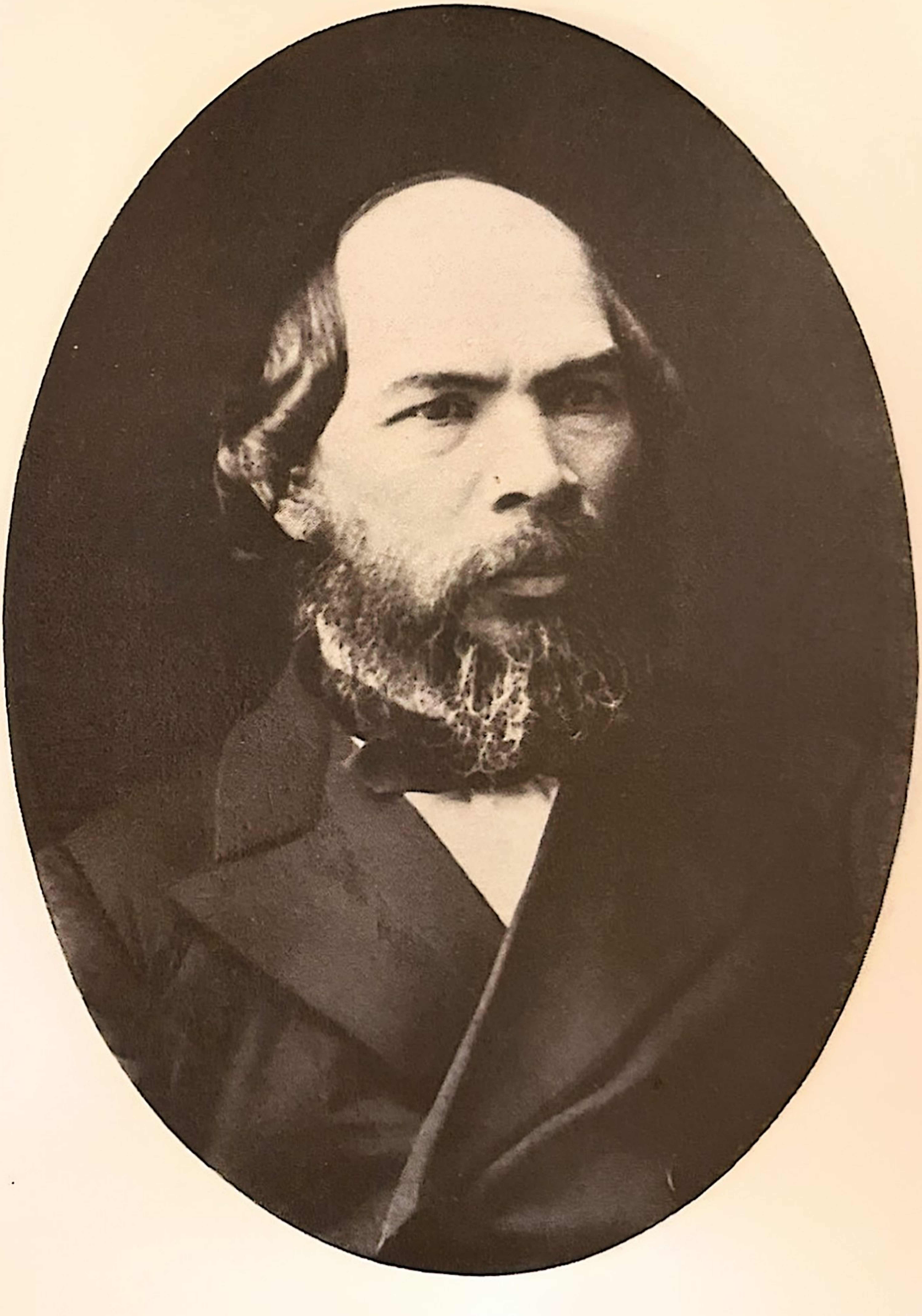
Lénine era muito solícito com os camaradas. Perguntava-lhes sempre como viviam, se tinham descansado, se necessitavam de algo. Depois do que podia recomendá-los a médicos, providenciar para que ajudassem este a arranjar um quarto, aquele roupa, etc. E encontrava tempo para fazê-lo, apesar de estar sempre sobrecarregado de tarefas.

Extremamente severo para consigo, Lénine exigia também dos outros o cumprimento dos compromissos assumidos, pedia contas de cada falta. Mas sabia igualmente ser indulgente com os erros ou falhas decorrentes não da incúria ou má vontade dos camaradas, mas das circunstâncias. Nesse caso, o camarada implicado podia contar com o apoio de Lénine perante os que reclamavam punições rigorosas. Quantas vezes acontecia, cometes um erro (e quem está garantido contra eles?) e parece que é o fim do mundo, que é melhor não se mostrar aos olhos de Lénine, tão grande é a vergonha que se sente em tais momentos. Mas é ele que vem ao teu encontro e, em vez de se mostrar severo, procura consolar-te e tranquilizar-te. E isso dá-te novas forças para corrigir o erro melhor que se te fossem apli-

cadas sanções, melhor porque esse método não desmoraliza a pessoa que já reconheceu o seu erro.

É impossível descrever a personalidade de Lénine numa nota breve. Para isso são necessários muitos tomos, a participação de todos os que o conheceram, é preciso compor a sua biografia detalhada. Então, os trabalhadores de todos os países não só estudarão as suas obras, não apenas o conhecerão como guia, mas também como boa pessoa, camarada sensível.

A Família Uliánov. De pé: Olga, Alexandre, Ana; assentados: Maria Alexándrovna com Maria, a filha mais nova (no colo), Dmítri, Iliá Nikoláevitch, Vladímir. 1879, Simbirsk

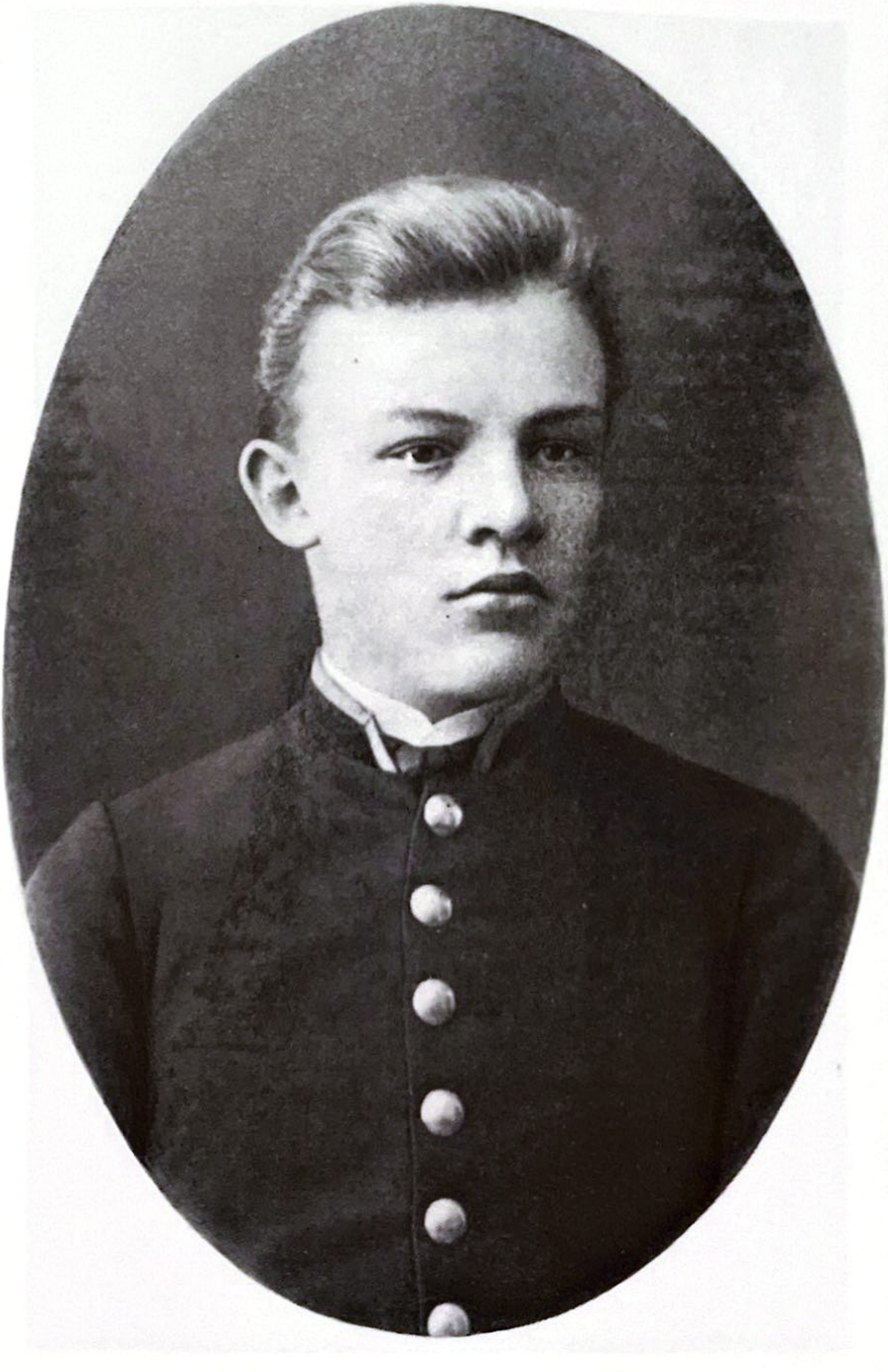


Iliá Nikoláevitch Uliánov. 1882-1883, Simbirsk

Maria Alexándrovna Uliánova. 1898, Moscovo

Ana Uliánova. 1883-1887

Alexandre Uliánov estudante. 1887, Petersburgo



Vladímir Uliánov nos anos do liceu. 1887, Simbirsk

Olga Uliánova ao terminar o liceu. 1887, Simbirsk

Maria e Dmítri Uliánov. 1880, Simbirsk

ESMERO, PONTUALIDADE, PRECISÃO

O esmero, a pontualidade e a precisão de Lénine estavam presentes em tudo o que ele fazia. Ele não cumpria superficialmente, de qualquer jeito, mesmo a tarefa mais insignificante.

Este traço era-lhe inerente desde a adolescência. No liceu cumpria todos os deveres escolares com extrema perfeição. Sobretudo os deveres escritos pois, com os seus brilhantes dotes e magnífica memória assimilava as lições ouvindo os professores durante as aulas, bastando-lhe consultar rapidamente em casa os manuais e as notas que tirava. Mas a preparação minuciosa dos seus deveres escritos inspirava-nos, a nós, os mais novos, profundo respeito.

O quadro que compôs da conjugação dos verbos irregulares franceses mostra o cuidado que punha em cada trabalho, mesmo quando era para si e não para apresentar ao professor. Esmerado e preciso, este quadro ajudava-o a lembrar-se mais facilmente da forma procurada.

Nos primeiros anos do liceu, ao preparar as lições eu pedia muitas vezes ajuda a Vladímir. Lembro-me de como desaprovava todos os tra-

8–412

balhos que eu fazia apressada e negligentemente. Eu tinha sempre que voltar a fazê-los, sendo a desaprovação de Vladímir pior para mim que qualquer castigo.

Traçar um plano dum artigo ou dum livro tornou-se um hábito para Lénine. Os materiais publicados nas suas colectâneas e obras mostram que também para os seus discursos ele fazia sempre planos. Vendo-o concentrado, preocupado, sabíamos que ele pensava num artigo ou relatório. Em tais momentos, ele andava calado ou murmurava algo entre dentes, "chiava" como dizia Nadejda Krúpskaia, e nós procurávamos não desviar a sua atenção para outros assuntos.

O estudo meticuloso da questão, os extractos, as notas, o exame de inúmeros documentos permitiam-lhe intervir bem armado e preparado, com os pés assentes na terra, como se costuma dizer. Ele considerava pouco proveitoso "ler em geral".

Lénine exigia igualmente dos outros o zelo e o trabalho escrupuloso que impunha a si. Conseguia-o com a ajuda do controlo da execução que, paralelamente à selecção dos quadros, ele colocava no centro da questão.

A frase já citada de uma carta de Lénine à camarada Kollontai: "Por favor, esforce-se, informe-se, consiga, repreenda, obrigue, vigie!" dá uma ideia da insistência apaixonada com que ele se pronunciava pela execução das tarefas que colocava.

Sabe-se que ele introduzia a regra de assinar

os envelopes enviados. Sem se limitar a isso, perguntava ou encarregava o secretário de telefonar para saber se a carta fora recebida e o que fora feito dela, exigindo relatórios diários sobre o andamento das missões importantes. Assim, ele cultivava a pontualidade e a exactidão no aparelho da administração e do secretariado do Conselho dos Comissários do Povo, tal como de outras instituições.

Lénine manteve-se fiel a este hábito de trabalho comedido, exactidão e pontualidade até aos últimos dias de vida. Gravemente enfermo e tendo perdido a fala, ele exigia o rigoroso cumprimento do horário de exercícios para restabelecer a fala, promovidos pelo médico e Nadejda Krúpskaia. O mesmo acontecia com o exame dos jornais que naquele tempo lhe traziam depois do almoço, quando ele descansava na poltrona, a leitura em voz alta, etc.

Ele não violava os seus hábitos mesmo quando estava privado da possibilidade de comunicar com os que o rodeavam, dizer-lhes o que precisava. Outro no seu lugar desanimaria, ficaria apático e concentraria os pensamentos no seu estado de saúde.

Mas o que é próprio da maioria dos homens não o é dos gigantes do pensamento e da acção como Lénine. Ele ocultava a dor causada pela inacção a que estava condenado, o seu afastamento do trabalho que amava e que era o objecto da sua vida, e procurava manter-se activo ainda que no único domínio ao seu alcance.

UM DOS LADOS MAIS FORTES DE LÉNINE

Lénine distinguia-se pela simplicidade e modéstia, disponibilidade e grande democratismo tanto na vida privada como nas relações com outras pessoas. "A nossa ética decorre dos interesses da luta de classe do proletariado", afirmava ele e aplicava este princípio a si próprio em primeiro lugar.

Vejamos alguns exemplos ilustrativos.

Lénine era atencioso e afável com todos, independentemente da sua posição e lugar na sociedade. Lénine adorava falar com os operários e delegados de camponeses que vinham vê-lo. Pedia-lhes desculpa sempre que os fazia esperar um pouco. Mas normalmente observava o horário de recepção dos delegados, encarregava o secretário de registá-los, preparar previamente as entradas no Kremlin e verificava como esta ordem era executada. Ele não concebia o trabalho sem o controlo das ordens.

Era interessante observar a expressão do rosto de certos camponeses antes e depois de Lénine

recebê-los. Na sala vários camponeses aguardam a sua vez, confusos, indecisos, de gorros na mão. Não podem esconder a alegria de irem encontrar-se com o chefe do Governo soviético e uma certa inquietação: como os receberá, que dirá? Antes de entrar no gabinete, formavam filas com os mais velhos à frente. Alguns benziam-se. Um camarada que entrou pouco depois no gabinete viu a seguinte cena: sentados à volta da mesa Lénine e os camponeses riam de algo. A sua timidez desaparecera.

Na Primavera de 1920, o camarada Chotman encontrou um ancião de uns 75 anos, curvado, com uma comprida barba branca. Era um comunista que regressava à sua aldeia de Omsk, onde assistira a cursos do partido.

– Já me resta pouco tempo de vida, disse ele, mas antes de morrer gostaria de ver Lénine. Vê-lo, e depois morrer.

– Decidi organizar o encontro, narra Chotman. Lénine concordou com prazer.

Chotman conta mais à frente que, ao introduzir o camarada Putintsev no gabinete de Lénine, este se ergueu e aproximando-se do desconcertado ancião disse apertando-lhe a mão:

– Bom dia, Iliá Danílovitch!

Iliá Danílovitch, emocionado, apenas conseguiu pronunciar:

– Receba saudações da Sibéria!

Instalando o ancião numa cadeira perto da janela, Lénine pediu-lhe para falar da vida dos cossacos da Sibéria.

Iliá Danílovitch respondia circunstanciadamente a todas as questões, apontando as insuficiências do mecanismo dos Sovietes e elogiando os decretos bons. Putintsev agradou logo a Lénine, que já o tratava como a um velho conhecido, repartia as suas recordações da Sibéria, etc. Lénine despediu-se do ancião com um abraço.

Outro caso característico. Interessado numa conversa que tivera com um camponês, Lénine propôs-lhe escrever um artigo para o jornal. Este recusou dizendo que perdera os óculos, então muito difíceis de arranjar.

Lénine pegou na pena e escreveu ao camarada Semachko:

"Nikolai Alexándrovitch!

O camarada Ivan Tchekunov está aqui comigo. É um camponês muito interessante que faz propaganda dos fundamentos do comunismo à sua maneira. Ele perdeu óculos. Seria bom que o ajudasse a arranjar uns novos.

Peço para ajudá-lo e dizer ao vosso secretário que me informe dos resultados".

Pouco antes de adoecer, Lénine foi a Kóstino onde decidiu visitar o estábulo do sovkhoze do mesmo nome. Ali, ainda ninguém o conhecia e, como a entrada no estábulo era proibida a estranhos, o guarda não o deixou passar. Lénine afastou-se sem dizer uma palavra.

Quando ia à barbearia do Kremlin aguardava a sua vez na fila, Vladímir Ilitch tinha que fazer face aos presentes que não podiam resignar-se a que ele perdesse o seu tempo desta maneira.

Nos primeiros anos do Poder Soviético, quando faltavam víveres, mandavam farinha, carne, etc. a Lénine. Ele distribuía as ofertas pelos orfanatos, hospitais, ou, se a sua quantidade era pequena, repartia-os com os camaradas, sem esquecer os médicos que o tratavam a ele e a Nadejda Krúpskaia e que se recusavam sempre a receber qualquer pagamento pelos seus serviços.

A única excepção eram os produtos que os amigos íntimos lhe enviavam.

Os questionários que Lénine preenchia nos congressos e conferências ilustram bem a sua modéstia. À questão sobre se se exprimia livremente em qualquer língua estrangeira, Lénine respondeu no III Congresso da Comintern: "Em nenhuma". Mas os seus discursos no Congresso, acolhidos por tempestuosas ovações dos delegados do Ocidente, foram pronunciados em bom alemão, salvo a procura de um ou outro termo cujo sentido ele transmitia com outras palavras.

O discurso de Lénine nas comemorações do cinquentenário do seu nascimento é outro exemplo da sua modéstia: "Camaradas! Antes de mais nada quero agradecer-vos duas coisas: primeiro, as felicitações que me endereçaram hoje e, segundo, terem-me poupado os discursos de aniversário (Lénine chegara atrasado).

LÉNINE E GÓRKI

Saiu do mundo dos vivos um grande homem, um gigante das letras. E como acontece sempre com homens do seu porte, o seu papel, personalidade e obra parecem ainda mais importantes, mais consideráveis à humanidade depois da sua morte. Isso foi particularmente sensível quando faleceu Alexéi Maxímovitch *.

Pensamos no papel que ele e os seus livros desempenharam na vida de cada um de nós. Pensamos nos difíceis anos da clandestinidade, na importância que a juventude de então privada da liberdade da palavra, atribuía a Górki. Deleitávamo-nos com o seu romance *A Mãe* e o seu imortal *Canto do Albatroz*.

No fim da década de 90, encontrei Alexéi Maxímovitch de passagem em Níjni-Nóvgorod, para onde fui desterrada. Conheci-o mais de perto depois já em Petrogrado, nas vésperas da revolução. Encontrávamo-nos no seu apartamento

* Máximo Górki.

em Peterburgskaia Storona, aonde lhe ia levar cartas e bilhetes de Lénine. Lénine necessitava de ganhar o pão. A carestia da vida era cada vez maior por causa da guerra e apesar dele se limitar ao indispensável, a impossibilidade de viver da sua pena e de publicar os seus livros tornara-se particularmente aguda para ele e Górki ajudava-o nesse sentido.

Se naquele tempo muito na vida política, nomeadamente entre os emigrantes, repelia Górki que por vezes não podia conceber como pessoas "boas" se separavam e dividiam por divergência de opiniões, no que concerne Lénine ele compreendeu logo o papel que lhe estava destinado para o bem de nosso país e de toda a humanidade. E gostou logo dele, como Lénine de Górki. A sua cara iluminava-se sempre que o via, podia conversar com ele horas a fio com visível prazer. Górki era uma personalidade do mesmo porte de Lénine, um gigante semelhante embora noutro domínio. E uma pessoa simples, amável, simpática, o que aproximava os dois.

Recordo os concertos no apartamento de Górki, onde eram executadas as obras musicais preferidas de Lénine, o escritor na nossa casa de campo em Górki, as suas frequentes visitas ao Kremlin, ao apartamento de Lénine.

Górki tinha sempre qualquer coisa para pedir a Lénine, intercedia por um grande número de pessoas. E Lénine ouvia os pedidos de Górki com delicadeza e satisfazia-os sempre que havia condições para tal.

Foi excepcional o papel de Górki como educador da jovem geração de literatos. Era surpreendente o número de cartas que lhe escreviam a pedir ajuda, conselhos, para examinar um ou outro trabalho de principiantes. Algumas dessas cartas passavam pelas minhas mãos quando eu trabalhava no jornal *Pravda* e nenhuma ficava sem resposta.

E quando Górki pôde voltar à URSS, de começo por uns tempos, ela assistia a reuniões e encontros de correspondentes operários e rurais, intervia, conversava horas e horas com os camponeses e operários presentes. Quantos encorajou com o seu apoio, palavra amiga, conselhos!

Ele já não está mais entre nós. Mas continuará mesmo depois da sua morte a servir a causa a que dedicou toda a vida. As suas obras imortais continuarão a ensinar os trabalhadores do mundo inteiro a estimar o ser humano, a lutar por uma vida melhor na Terra, pelo comunismo.

LÉNINE E A MÚSICA

Lénine gostava muito da canção "Martirizado pelo duro cativeiro". A ária da ópera "A Dama de Espadas": "Eu amo-a, amo-a sem medida, não concebo um só dia sem você..."

Lénine ouvia música muito raramente nos últimos anos de vida, as suas numerosas ocupações não lhe deixavam tempo livre. Mas eu tive várias ocasiões de notar a profunda influência que a música exercia nele, o prazer que ela lhe dava. Certa vez, depois de um discurso parece que foi Máximo Górki que arrastou Lénine para um concerto sinfónico. Lénine gostou do concerto, e dizia que seria bom de vez em quando ouvir música. Outra vez, vi-o ouvir com prazer Dobrowein tocar piano em casa de Máximo Górki. Pediu então a Dobrowein para executar a "Appassionata" de Beethoven, que lhe agradava imenso e que conhecia pela boa execução de I. F. Armand quando ela vivia no estrangeiro. O músico prometeu tocá-la mas noutra altura, pelo que sei o novo encontro não chegou a realizar-se.

A camarada M. Vygovskaia-Stetsiévitch executaria uma vez a "Appassionata" para Lénine. Ela estava a tocar uma série de peças e Lénine pediu-lhe Beethoven, que escutou atentamente.

Em 1922, quando alteraram o nosso apartamento, Lénine pediu para isolarem uma das divisões com uma parede, a prova de som cobrirem de cortinas, etc. Ele queria dar-me mais liberdade: sabia que alguns dos meus conhecidos eram músicos e que eu não os convidava quando ele estava em casa por temer que o incomodassem.

Explicou-me esta decisão pela intenção de ouvir música quando quisesse naquela divisão e não me perturbar.

No Outono de 1922 houve um concerto desses em nossa casa, mas... Lénine só ouviu um pouco um concerto de piano e canto e voltou ao seu quarto. A música, ao que parece, enervava-o e fatigava-o.

Depois ele ouviria música já em Górki, alguns meses antes da sua morte. Um dos médicos que o tratavam, o camarada N. S. Popov, tocava piano quando Lénine se achava no seu quarto em cima ou no terraço. Lénine escutava com evidente prazer os sons que lhe chegavam e com as poucas palavras que podia pronunciar estimulava Nikolai Popov a prosseguir.

1890.

A O. Uliánova

S. Petersburgo

À aluna dos Cursos Femininos Superiores, Olga Uliánova.

Vassílievski Ostrov, linha 10, n° 30, ap. 28.

Querida Liola! *

Peço-te desculpa por só agora estar a responder à tua carta: esperava que nos dessem o boletim para te enviar e quando o receber escreverei, pois, mais uma vez. Mark ofereceu-me um verdelhãorito, que pus numa gaiola e pendurei no nosso quarto. Já temos outra professora de francês. Esta passa muitas lições para casa e é muito exigente. Já li todos os contos de Ánenskaia, outros contos e agora ainda não sei o que vou ler. Em história estudámos Ioan III. O sr. Morozov, o nosso professor, interroga frequentemente certa aluna, ela começa a responder mal e ele du-

* Diminutivo de Olga.

rante uma hora inteira explica porque não é assim. Vou ao liceu por caminhos cobertos, não de lama, mas de poeira. Chegou aqui um circo de animais e penso ir lá com a Ánia*. Ocupo-me das lições como antes, toda a tarde. Trouxemos 4 livros da biblioteca e Mark e Ánia frequentam-na regularmente. Beijo-te, querida Liolka.

*Tua Mânia***

7 de Novembro de 1890

1903

Para *V. I. Lénine*
V. Uliánov, Genebra, Chemin privé du Foyer, 10
Kíev 25.XII.1903.

Caro Volódia! Todos os nossos e eu te felicitamos por ocasião das festas e do Ano Novo e desejamos boas entradas. Recebi a tua carta, mas aquilo de que fazes referência nela e que, sem qualquer dúvida, era a resposta às minhas cartas, perdeu-se certamente. Repete, por favor, o que lá dissestes sobre o dinheiro que recebestes de Vodovozova. Ele está agora comigo. Dá cumprimentos à Nádenka e E. V. Como vão? Pede a Nádia que me escrevesse. Passem muito bem! Escreve.

Vistes o novo livro de Bulgákov *Do Marxismo ao Idealismo*? Interessa-te?

Maniacha

* Diminutivo de Ana.
** Diminutivo de Maria.

1905

A *M. A. Uliánova*
Estação Sáblino, Caminho-de-ferro de Nikoláievsk. Maria Alexándrovna Uliánova. Rússia. 8.VII.

Querida mãe. Recebi ontem a tua carta. É grande. Agora aguardo notícias de Sáblino. Andamos todos os dias de bicicleta à procura de uma pensão. Quero viver um pouco, uma semanazinha, no campo. Um beijo.

25 de Junho (8 de Julho) de 1905
Expedido de Genebra.

M. ULIÁNOVA E A. ELIZÁROVA
Para: *V. Lénine e N. Krúpskaia*

De Petersburgo
Chegaram as cartas de Frei e Rybka de 6 e 7. Mimosa entregá-las-á hoje. Pede desculpa por escrever pouco; dedica todo o tempo à organização da técnica, há muito trabalho e quase não fica tempo para o resto. (Junto a minha parte (Igor) que ela anda numa roda viva. Parte daqui de manhã cedo e volta noite dentro. Mostra-se muito nervosa e prostrada já agora).

O trabalho por enquanto avança pouco: todo este tempo houve pouca gente, só nos últimos dias começou a aparecer alguém. Brodski sofreu um revés. Em Moscovo, foram detidos Iújin, Iúrotchka e outros. Em geral, muita gente. O bu-

reau está a ser reestruturado e este interregno repercute-se provavelmente na correspondência. Kiska retirou-se para o trabalho local. Vainstein assumiu as funções de secretário.

Temos discutido animadamente a resolução do CC sobre a Duma do Estado. Por enquanto conhecemo-la somente da exposição verbal do representante do CC, e o facto de se fazer coincidir a insurreição com a reunião da Duma surpreende alguns. Quererá isso dizer que a insurreição não derrubará a Duma pela força e não implicará a greve política? Muitos insurgem-se vivamente contra isto, mas ainda não tomaram qualquer decisão.

Mandem-nos os vossos endereços. Fekla escreve muitas vezes e as suas cartas perdem-se certamente. Um abraço. Escrevam.

Mimosa

Tendo copiado esta carta de Mimosa, junto o seguinte da minha parte. Enviem os vossos novos endereços, os que temos já são velhos e muitos, provavelmente, já não servem. Eu escrevi para Baden Emmerdingen, n.° 27a. Mimosa diz que muitas cartas não chegaram. Continuam válidos os 1a, 41a, 31a, 33a, 29a e 44a? Vocês anulam-nos no *Proletári,* mas isso não nos ajuda pois não o vemos. É pena! Não vimos nenhum dos números sobre a Duma. Recebi há dias o n.° 13, endereçado ao engenheiro de vias de comunicação; continuem a mandar para este endereço. Ei--lo: Bekku (?), rua Bolótnaia, n.° 3, ap. 3. Para

Dmítri Uliánov estudante. 1900-1901, Iúriev

Maria Uliánova. 1881, Simbirsk

Nadejda Krúpskaia. 1895, Petersburgo

Dmitri Uliánov, Maria Uliánova e Mark Elizárov, 1896, Moscovo

Mark Elizárov, Maria Alexándrovna Uliánova

Dmítri Uliánov e Maria Uliánova. 1902, Samara

Ana Uliánova-Elizárova e Maria Uliánova. 1912, Sarátov

Vladímir Lénine e Maria Uliánova em Górki. Começo de Agosto de 1922

Vladímir Lénine entre os seus no apartamento que ocupavam no Kremlin. Assentados: Vladímir Lénine, Nadejda Krúpskaia, Ana Iliánova-Elizárova. De pé: Maria Uliánova, Dmítri Uliánov e Gora Lozgatchev, o protegido de Ana e Mark Elizárov. Outubro de 1920, Moscovo

Dmítri Uliánov, Maria Uliánova e Ana Uliánova-Elizárova. 1930-1932, Moscovo

Maria Uliánova, Dmítri Uliánov e Nadejda Krúpskaia no apartamento de Dmítri Uliánov no Kremlin. 1936, Moscovo

Maria Uliánova. 1935-1936, Moscovo

Sáblino não enviem mais.

Só vi um número do *Rabótchi*. Elegante, mas pálido e um tanto pesado. Dom João parece muito fatigado.

Já escrevi a propósito de Mimosa... Quanto a secretariado, o trabalho aqui é diabólico. O comité de Petersburgo é mais uma região de comités, cada distrito aqui é maior que muitos comités.

Esqueci em que e onde me interrompi e não tenho mais onde escrever. Saudações de todos. Mandem de tudo e o mais possível com Malikh.

Igor

Expedido para Genebra.

A *A. Elizárova*
1.IX.

Querida Ánetchka! *

Escrevi-te há dias, no dia do teu aniversário, de que me lembrei, a propósito, só de noite. Recebi há dias a tua carta de Tcheliábinsk. É uma carta muito sombria; provavelmente, estavas fatigada da viagem, pois não pode ser que te entregasses sempre a sombrios pensamentos depois de ter descansado na Crimeia. Eu tenho mais razões para andar melancólica. Mas começo a erguer-me, a ver tudo cor-de-rosa. Aqui estamos bem, é uma verdadeira aldeia, o ar é magnífico. Os nossos andam muito de bicicleta mas eu passeio

* Diminutivo de Ana.

pouco. Por vezes acompanha-me a nossa hospedeira, uma senhora de idade, muito simpática. Em geral, do ponto de vista da prática da língua tudo vai bem: ouve-se o francês a cada passo, pode-se tagarelar em francês à vontade. Tenho romances franceses, leio as actas do Congresso de Londres, publicadas recentemente. Ainda não li até agora a obra filosófica de Volódia, imagina. Durante o Inverno não tive tempo, depois adoeci. Pergunto-me muitas vezes o que se transformou em mim depois do tifo – parece-me que não sou a mesma que era antes, sinto-me mais abatida, ou será que adoeci de novo? O verme era ignóbil, não cessava de me roer, como é bom que tenha desaparecido!

Na Rússia a vida, naturalmente, parecerá cinzenta, aborrecida, mas eu adaptar-me-ei de qualquer modo. Tenho pena de me separar de Volódia. Sempre o amei, mas agora acostumei-me ainda mais a ele. Ele cuidou de mim durante a minha doença. Antes, não pensava que ele fosse capaz de tanto. Mesmo agora continua a preocupar-se. É um irmão maravilhoso! Gastou-se então ao ponto de ser difícil reconhecê-lo, mas recuperou em seguida maravilhosamente. Melhoramos todos, durante este tempo: comemos bem, dormimos muito e passamos muito tempo ao ar livre. Vamos mudar de novo para Paris. Escrevi à mãe a dizer-lhe que poderia imediatamente continuar a viagem. Espero a sua resposta. Que novidades são essas? Jorge recomeçou o seu *Diário* mas eu ainda não o vi, dizem que ele

lá luta enfurecidamente contra os liquidadores. Como vai Mark? Restabelece-se?

Transmite-lhe as minhas calorosas saudações e votos de boa saúde. Atravessamos com efeito uma época de operações.

Um beijo muito forte para ti. Diz-me o que é preciso levar-te. Não te apresses a partir. Eu também conseguirei arranjar alojamento em Moscovo.

19 de Agosto (1 de Setembro) de 1909.
Expedido de Bonbon (França)
para Ekaterinburg

A *M. A. Uliánova*
23.VII.

Querida mãe!

Ontem recebi as tuas cartas de 14 e 15, e a carta de Volódia como incluso, há muito tempo. Obrigada. Um destes dias quero dizer a S* que não posso ficar ao seu serviço para lá do dia 15 e que será ainda mais cómodo para mim partir no dia 7 ou 10. Provavelmente, será assim. Penso ir a São-Petersburgo nos começos de Agosto, pelo menos por um dia. Porei um anúncio nos jornais e irei mais uma vez ver Ostróvski. Há dias recebi da chancelaria da circunscrição de São-Petersburgo um aviso de que, face à falta de vagas, eu

* V. A. Savéliev – pai das meninas a quem M. I. Uliánova dava lições.

fora inscrita como candidata. Ouvi dizer que as professoras se demitem sempre no Outono para receber os honorários do Verão. Tentarei pois solicitar um lugar no Outono, talvez assim consiga algo. Quanto a Ánia, não-lhe falta muito – peço-te um pouco mais de paciência – em breve também ela vai viajar. Correspondo-me regularmente com Volódia ou, mais exactamente, com Nádia. É muito interessante. Nádia escreveu-me que Eliz. Vas. foi atingida por uma pneumonia mas já recuperou.

Tenho muita pena, minha querida mãe, que vocês, ao que parece, tenham escolhido mal o lugar do vosso repouso e que devam mudar tantas vezes de quarto. Chegaste a restabelecer-te um pouco? Quanto tempo pensas ainda passar no Sul? Queres, com certeza, esperar as uvas? Em todo o caso já se aproxima o dia quando nos veremos – estou com tantas saudades de ti!

Ultimamente, o tempo tem estado bom e eu deixei de ler, menos o francês que leio todos os dias em voz alta à beira-mar. Passeio muito pelos bosques, voltando algumas vezes com cogumelos. Este ano não temos cantado. A rapaziada não quer e eu não posso forçá-la. Kl. Al., apesar de eu lhe ter trazido notas, também não quer.

No domingo passado refiz o vestido de Ánia. Nesse dia assistimos inesperadamente a um concerto. O afinador trouxe consigo o filho, um músico, a quem pedimos para tocar qualquer coisa. A sua execução maravilhou-nos.

Aguardo com impaciência o momento em que estaremos de novo juntos, querida mãe, e por enquanto um abraço muito forte para ti e para a Ánia.

A tua *M.*

Estão satisfeitos com o novo quarto?

23 de Julho de 1911
Expedido da Finlândia para Berdiansk

1912

Para *M. A. Uliánova*
19 de Maio de 1912

Querida mãe!

Esta é a terceira carta que te escrevo daqui e não sei se as tens recebido. Ainda não me chegou às mãos nenhuma carta tua.

Estão, certamente, a ser examinadas, espero recebê-las num destes dias. Acabei de receber, com grande satisfação, a tua encomenda. Obrigada, minha querida. Não me lembro se te escrevi a dizer que me dão almoço e leite todos os dias e também pão branco. Resolvi, além disso, beber cacau de manhã, comer mais ovos, encomendar caldos concentrados. Vou procurar alimentar-me melhor para manter as minhas forças ao nível de antes e penso consegui-lo. O tempo aqui corre com rapidez surpreendente como, parece, em nenhuma outra parte. E quando me entregar inteiramente aos estudos e aos livros, ele andará, naturalmente, ainda mais depressa. Os meus bordados avançam bem, faço renda e estrelinhas

para guardanapos e em breve acabarei linha. Mas não faz mal, pois posso encomendar mais. Tenho muito dinheiro. Sou uma pessoa precavida. Passeio normalmente de manhã cedo, algumas vezes mesmo antes do chá, pois é quando faz menos calor. E, como o pátio é grande, pode-se sempre arranjar uma sombra para descansar. Aqui, na prisão, adquire-se uma psicologia especial que uma pessoa livre não pode ou tem dificuldade em compreender. Desabituamo-nos da liberdade, pensamos pouco nela como se fosse inacessível, pelo menos de momento, e agarramo-nos mais às pequenas coisas que nos preenchem o dia. Mas tudo passa, o bem e o mal, não há que desanimar. Vês os pensamentos filosóficos que me ocupam. Quero continuar a pensar assim. Em todo o caso, não penso que o encarceramento dure muito, ele tem que terminar um dia. O que mais desejo é que tu partas daqui. Os nossos conhecidos visitam-te? Beija por mim os que o fazem. Peço-te para pensares o menos possível em mim, descrever-te-ei francamente tudo o que fizer. Não preciso de roupa interior e vestidos, o que trouxe comigo chega-me. Também tenho livros. Devo terminar aqui. Até à próxima. Cuida de ti, não te apoquentes. Eu fico bem de saúde e animada. Dá cumprimentos aos nossos e um beijo a Nádia. Beijo-te mais uma vez, querida mãe. Até sábado.

M. Uliánova

19 de Maio de 1912
Expedido da prisão de Saratov

Para *M. A. Uliánova*
Saratov, Czarevskaia, n.° 36
Maria Alexándrovna Uliánova

Querida mãe. Escrevo do correio onde acabo de receber a tua carta do dia 20 com cartas de V., Mítia e Ánia dentro. Fiquei muito contente quando mas entregaram. Obrigada. Hoje aluguei um quarto para onde mudarei amanhã. O endereço é: Praça de Kazán, casa de Muromets, ap. de Gorokhova. O quarto é bom, com uma enorme janela veneziana e bons móveis, e custa 10 rublos. Não é barato em relação aos preços de Vólogda, mas agora aluga-se pouco aqui. Voltarei a escrever dentro de alguns dias.

Hoje chegou uma carta de Mark em que ele me diz que muito provavelmente irá trabalhar na Sibéria. Que pena!

Estou satisfeita com a alimentação. E abundante e saborosa. A senhora que serve as refeições é bondosa. Aqui está um tempo magnífico, se pudesse passeava todo o dia.

M. U.

Sk. foi hoje posto em liberdade.
24 de Novembro de 1912
Expedido de Vólogda.

1913

Para *A. I. Elizárova*
21/1 13

Querida Ánetchka!

Lá fora neva e o meu quarto está quentinho, é

cómodo. Decidi conversar um pouco contigo. Antes de mais devo dizer-te que, lamentavelmente, ainda não recebi a tua carta de dia 11. Ela é capaz de ter ido parar ao antigo endereço, eu queria passar por lá hoje, mas não tenho grandes esperanças de a encontrar. Creio que se perdeu. Escreve-me depressa, parece-me que não recebo nada de ti há tanto tempo! As tuas cartas antes eram mais frequentes, e habituei-me a que assim fosse. Como vives? Como vais de saúde? Continuas a ter dores de cabeça? Como vai andando a mãe? Sê boa e escreve-me tudo em pormenor. Quanto a mim, sinto-me muito melhor no novo alojamento que no antigo. O ar aqui é melhor, lá era abafado, e os donos são pessoas excelentes. Já travei amizade com eles. Na minha vida solitária é agradável encontrar tais pessoas. Falamos, por vezes, disto e daquilo. Sabes que a Pólia está gravemente doente, e o médico disse que não viverá até ao Verão? Não cuidou bem de si. É uma pena! Morrer assim... Ná última fotografia que vi dela pareceu-me terrivelmente mudada. O processo, provavelmente, passou de crónico a agudo. A sua irmã é médica na província de Vólogda e o pai vive em Verkhovágie.– Que mais te dizer de mim? Vivo devagar, dia após dia. O tempo corre rapidamente sem que faça algo de útil. Comecei a ler um interessante livro alemão, recordações de Lili Braun *, tenho que praticar alemão, pois brevemente vou receber revistas

* Lili Braun (1865-1916), socialista e escritora alemã.

que assinei e arrisco-me a não compreendê-las. Na biblioteca arranjo livros franceses e no que concerne ao inglês ainda não me lancei devidamente a ele. Devo receber em breve Toussaint, que assinei em Petersburgo. Consagro muito tempo à leitura de jornais, revistas e às lições gratuitas. Infelizmente não me propuseram ainda lições pagas. Verificou-se que de uma lição a 12 rublos me contornaram porque queriam um homem, e não mo disseram francamente. Não me adapto bem à gente daqui – nos distritos é mais interessante... Travei conhecimento com algumas professoras. A professora de francês agarrou-se a mim, convidou-me para visitá-la, e disse que viria ver-me um destes dias. Interessa-se por alguns dos meus livros franceses, mas eles estão ainda em Saratov! Não sei o que fazer. Parece-me incómodo reclamá-los.

Na minha casa não posso ter um piano, ele não entra no meu mezanino. Também não me apetece muito tocar. Gostava de ler mas também não consigo, não sei porquê. O sol abre-me o apetite de passear. Quando passeio esqueço-me de tudo, quando reparo nas horas já é tempo de almoçar. O tempo passa depressa, o que aproxima a hora em que os verei. O quarto onde vivo é espaçoso, muito limpo e sem barulhos. Fica tudo perto. A biblioteca está ao lado, o refeitório, quatro casas adiante. Vejo raramente aquela família de que falei quando vim para cá. As relações com duas esposas ao mesmo tempo são demasiado complicadas (ou talvez demasiado sim-

ples) e não consigo habituar-me a elas. A propósito, Mark pensa colocar esse senhor junto ao Becker* e pede para dar informações sobre ele: onde trabalha, etc; também diz que nunca trabalhou nem nas obras de construção, nem no caminho-de-ferro. Parece muito interessado nesse emprego.

Aqui termino. A ti escrevo muito, mas em geral escrevo pouco. Não respondi ainda à Sónia**. Respondi à El. I., mas ela não escreve, não sabes porque?

Um beijo para ti e para a nossa querida mãe. Saudações ao Mark.

Tua *M. U.*

Boa noite, querida mãe!

Como vão Gora e as minhas queridas meninas***? Com quem do nosso círculo te encontras?

21 de Janeiro de 1913
Expedido de Vólogda para Saratov

1914

Para *N. K. Krúpskaia*

Frau N. Ulianoff. Poronin. Galizien Österreich, Áustria.

28.V.

Querida Nádia!

Acabo de receber a tua carta. Estou quase certa de que o nosso menino passou, ele devia partir logo depois dos exames. Ainda não o consegui ver aqui, apesar de ter tentado. Hoje por via das dúvidas vou voltar a perguntar, mas repito, é absolutamente incrível.

O tio queria vir em Junho, mas não sei exactamente em que dia.

Bejio-te e V. Tua *M.*

P.S.–A mãe manda saudades a todos.

28 de Maio de 1914
Expedido de Vólogda

1915

Para *M. A. Uliánova*

Petrogrado, Travessa Grétcheski, n.° 17, ap. 18.

Para Maria Alexándrovna Uliánova

10/V–1915

Querida mãe!

Escrevo-te de Tismenitsi aonde cheguei ontem. Esperava encontrar aqui as vossas cartas, mas a pessoa por quem as tinham mandado esqueceu-as e disse-me apenas que em Lvov se encontram duas. Um desses dias outra pessoa há-de provavelmente trazê-las, senão irei eu mesma buscá-las em Lvov. Então enviarei uma carta longa pois não estou segura de que esta não se perderá enviada daqui. Não mando o novo endereço porque ainda não sei bem onde me fixarei. Por enquanto escrevam-me para Lvov. Estou bem de

* B. V. Becker, amigo de M. Elizárov dos tempos da Universidade de Petersburgo.
** S. M. Smidovitch.
*** Trata-se das filhas de A. M. Lejava, Olga e Nina.

saúde. A gente aqui é muito boa e solícita. Vivemos amigavelmente. Ocupamos agora uma grande casa junto da estação abandonada pelos austríacos. Aqui pretende-se criar um posto médico e um refeitório. É tudo por enquanto, até à vista, queridos. Boa saúde. Beijos para todos.

M. U.

Acabo de receber quatro cartas vossas – obrigada.

10 de Maio de 1915
Expedido de Tismenitsi

Para *M. A. Uliánova*
Petrogrado, Travessa Grétcheski, n.° 17, ap. 18.
Para Maria Alexándrovna Uliánova
27/V.

Querida mãe!

Recebi hoje os vossos postais de 20 e 22. Um tem centáureas. A minha instalação decorre de maneira estúpida e em vez de ir procurar S. volto ao meu destacamento. Isso por um lado é razoável. É muito difícil chegar até ele. Só me atrasaria de todos. Agora vou a Tismenitsi (diga a Ánia que é uma aldeia e não um rio). Ali, tudo é calma, silêncio, mas de lá é difícil escrever. Não o esqueçam se não receberam cartas minhas. Escreverei sempre que puder. Beijos e votos de saúde para todos.

M. U.

27 de Maio de 1915
Expedido de Lvov

Para *V. I. Lénine e N. K. Krúpskaia*
27/10 – 1915

A plataforma que se propõe reflecte os ânimos das camadas avançadas do proletariado moscovita*.

Ela foi divulgada nas reuniões distritais da organização de Moscovo.

Essa organização tem raízes pouco profundas. Não posso dizer nada de definitivo sobre o estado de espírito das massas. Ele reflecte-se em toda uma série de greves que, apesar de se distinguirem pela sua unanimidade, não apresentam palavras de ordem políticas nem em Moscovo, nem na província. São frequentemente prolongadas. As conquistas alcançadas (aumento de salários) não respondem ao agravamento das condições de vida.

A greve na fábrica "Dínamo" (vila de Simonov) culminou no encerramento da empresa. Todos os operários sujeitos ao serviço militar, 250, foram enviados ao chefe militar. Os grevistas reivindicavam a libertação da direcção e do secretário da caixa hospitalar. A fábrica produzia grandes quantidades de granadas à metralha. Há já duas semanas que está parada. Os gendarmes andam numa azáfama. Em cada cela ficam dois prisioneiros. Quase não fazem rusgas. Prendem

* Trata-se, ao que parece, da plataforma dos bolcheviques de Moscovo relativa à questão da guerra exposta na "Proclamação da organização de Moscovo do POSDR(b) contra a guerra."

nas ruas, realizam operações punitivas em Moscovo.

A necessidade de dispor de um centro de direcção política atormenta os conscientes. As tentativas de convocar assembleias interdistritais para eleger o Comité de Moscovo e definir uma plataforma fracassaram. Decidiu-se formar, provisoriamente, o Comité de Moscovo com eleitos nos distritos. Cinco deles já elegeram os seus representantes. Já teve lugar a primeira conferência, puramente organizativa. A seguinte deveria examinar os documentos apresentados ao Comité provisório de Moscovo e carimbá-los. As novas detenções ligadas às actuais greves impediram o Comité de, por enquanto, se reunir de novo. A direcção política assim eleita é pouco eficaz, mas pelo menos pensa do mesmo modo.

É preciso arranjar um especialista experiente para organizar a publicação regular de volantes. Há material, só falta um secretário capaz para o CM.

K. K.* manda saudades. Vamos tentar escrever-lhes; o que está riscado nos volantes é grupo literário junto ao CM, mas não publiquem isso.

27 de Outubro de 1915
Expedido de Moscovo para Berna

---

* Karl Karlovitch – M. I. Uliánova.

1917

Telegrama para *V. I. Lénine*
Petrogrado
Crobby Vladímir Estocolmo

5 de Abril de 1917

Artigos recebidos e publicados. Solidariedade unânima. Envie artigos. Kollontai chegou. Vossa vinda desejável, mas é de evitar riscos.

Uliánova

Expedido de Petrogrado para Estocolmo, para ser remetido a Zurique

1929

Para *D. I. Uliánov*
29.X.1929.

Caro Mitiúcha!

Recebi hoje a tua carta de 25/X. Agradeço-te por me escreveres regularmente. Leio e releio as tuas cartas.

A revisão das cartas, ou mais exactamente, a composição das notas sobre o material, mostrou ser uma tarefa mais meticulosa do que eu pensava e ainda não consegui terminá-la. Entregarei dentro de alguns dias.

Não tenho nada de novo. Ainda não sei onde irei trabalhar.

Aqui todos ficam bem e mandam-te cumprimentos.

Ao que parece, vives no quarto onde a Nádia * e eu ficamos quando fomos a Kars **. Tem, lembro-me, duas janelas. E Chura *** está no do canto, naquele que tem ao lado o quarto com uma varandinha, não é?

Dyma **** vai bem e assinou.

Beijos para todos.

P. S.– Mandarei depois o livro e a brochura. Escreve mais sobre ti.

Tua *M.*

1930

Para *D. I. Uliánov*
31.X.1930

Caro Mitiúcha!

Agradeço-te a tua carinhosa carta, que recebi hoje. Também recebi o postal e respondi no mesmo dia. Os teus projectos são, sem dúvida, muito tentadores mas, infelizmente, não são para mim. Tenho de arranjar trabalho e tratar de outros assuntos – tudo está ainda muito sombrio e nesta situação não posso pensar em descansar. Quanto à Nádia, não se pode nem tocar em tal viagem. É inútil. Entregou-se toda ao trabalho, até me admiro como consegue trabalhar dias inteiros, de manhã à noite. Além disso, ainda não terminei

* Nadejda Konstantínovna Krúpskaia.
** Casa de saúde de Kislovodsk.
*** Alexandra Uliánova, esposa de D. I. Uliánov.
**** Gato de D. I. Uliánov

os trabalhos para o Instituto *, não acabei com as cartas, e o meu trabalho para a Colectânea Lénine. É preciso escrever o prefácio, corrigir as provas, etc. Nem pensar em viagens!

É bom que agora em Kislovodsk esteja calor e vocês possam aproveitá-lo. Aqui também se pode dizer que o tempo está bom. Apesar da chuva, os dias secos são mais frequentes e ainda não faz frio.

Quando puderes escreve a Ánia; ela está aflita com o teu silêncio, o V. V. ainda está em casa dela.

Por hoje é tudo, até à vista. Escreve-me mais, isso reconfortar-me-á muito. Agradeço a Liália pela sua carta, ela já escreve bastante bem. Saudações a Chura.

Um beijo. *M. I.*

* Instituto V. I. Lénine, em que Maria Uliánova trabalhou vários anos.

ENSAIOS

O PAI DE LÉNINE, ILIÁ NIKOLÁIEVITCH ULIÁNOV (1831-1886)

Prefácio

Não existe até agora uma biografia mais ou menos completa de Iliá Uliánov. A sua característica, entretanto, é de grande importância não apenas para a biografia científica de Lénine, actualmente em preparação no Instituto Lénine. Iliá Uliánov era uma personalidade invulgar para o tempo em que viveu. Foi um dos pioneiros do ensino primário, por que lutou infatigavelmente durante muitos anos numa época em que a instrução do povo estava ligada a grandes dificuldades, em que, segundo expressão figurada de Chtchedrine, a "instrução, os víveres, a moral pública, a peste, o antraz maligno e a varíola estavam todos num punhado", ou se começava somente a abrir caminho.

Naquela época era preciso grande fé, dedicação abnegada à causa da sua vida, autêntico idealismo e energia inesgotável para, apesar de todos os obstáculos levantados à instrução pública tanto pelo governo como pelas camadas reaccionárias da sociedade, conservar a alma viva, não desanimar e não deixar cair os braços,

como aconteceria depois a muitos representantes desta profissão da época da "primavera", não voltar ao caminho já trilhado e continuar a consagrar todas as suas forças ao serviço do povo, morrer a trabalhar para ele.

Iliá Uliánov deixou traços da sua actividade infatigável nos seus discípulos, na geração de professores e professoras do povo, naqueles "ulianovistas" que ele formou no espírito das mais claras ideias das décadas de 60 e 70 do século XIX, na pessoa dos seus contemporâneos que, vivendo no "tempo de Uliánov" eram contagiados pela sua infatigabilidade e devoção à causa da instrução pública.

O presente ensaio biográfico de Iliá Uliánov é uma das primeiras tentativas do género. A sua autora não tinha ainda oito anos quando Iliá Uliánov faleceu e, por isso, as recordações pessoais constituem apenas parte insignificante desse trabalho. Serviram de principais fontes outras recordações tanto sobre Iliá Uliánov como sobre a época em que ele viveu. Utilizámos também uma série de materiais sobre a instrução pública primária na Rússia dos anos 60 e 70 pois, parecia-nos, a actividade de Iliá Uliánov, os resultados que alcançou e as condições em que ela transcorria, se destacariam melhor no contexto da situação da instrução naquela época. Utilizámos igualmente em certa medida os relatórios e resenhas que Iliá Uliánov compunha anualmente sobre as escolas primárias do povo.

Escolhemos as recordações sobre Iliá Uliánov

dos seus parentes, discípulos, colegas, outros seus contemporâneos que ajudam a fazer a sua característica e a melhor reflectir a sua personalidade.

I

Origem de Iliá Uliánov. Condições de instrução. O trabalho em Penza. Conhecidos.

O pai de Lénine, Iliá Uliánov, nasceu em Astracã, a 26 de Julho de 1831, numa família de pequenos burgueses pobres. O seu avô era camponês* e o pai, alfaiate**, vivia na cidade e trabalhava num estabelecimento comercial. Com a morte do pai, tinha Iliá Uliánov apenas sete anos, a sua família ficou sem meios de subsistência.

"Ele devia a sua instrução, e ele recebeu não só a secundária, mas também a superior, inteiramente ao irmão mais velho, Vassili Uliánov. Iliá Uliánov lembrava sempre com gratidão o irmão

* O avô de I. N. Uliánov, Vassíli Nikítitch, segundo dados de arquivo era camponês servo.

** No "Registo dos "mestres" de 1834 da Direcção dos artesãos de Astracã", como informa o camarada P. Ussatchov, Nikolai Uliánov aparece como alfaiate. Que ele o era comunica também S. A. Vetlúguina, sobrinha de M. N. Gorchkova (filha mais velha de Nikolai Uliánov *(M. U.)*

que havia sido para ele o segundo pai. Diria-nos, seus filhos, quanto lhe devia. Contava-nos que Vassili queria estudar mas, com a morte do pai, tornara-se ainda muito jovem o único amparo da mãe, duas irmãs* e o irmão pequeno. Teve de empregar-se num escritório privado e pôr de lado o sonho de estudar. Decidiu, todavia, que, se ele não podia, daria educação ao irmão. Quando este terminou o liceu** fê-lo ingressar na Universidade de Kazán ajudando-o até que Iliá, acostumado ao trabalho desde a infância, começasse a ganhar a vida dando lições.

Vassili não constituíra família e consagrou toda a sua vida à mãe, irmãs e irmão"***.

Iliá Uliánov justificou plenamente as esperanças que nele depositava o seu irmão mais velho. Terminou o liceu de Astracã entre os melhores

* A mais velha, Maria, casou-se ainda em vida do pai.

** Durante os estudos no liceu, Iliá Uliánov só recebeu duas vezes 25 rúblos de subsídio. (Ver: T. Ostroúmov. *Ensaio Histórico do 1.° Liceu Masculino de Astracã nos Anos entre 1806-1914*. 1916, p.720) *(M. U.)*

*** A. I. Uliánova-Elizárova. *Recordações sobre Lénine*. Ver no livro: *Recordações sobre Lénine* em 5 volumes, V.1, p.17. Vassíli morreu em 1878. Continua a poder ver-se ainda hoje no cemitério de Astracã o busto erigido sobre o seu túmulo pelos colegas que ficaram com boas recordações dele. Maria faleceu ainda antes e dos parentes do meu pai lembro-me apenas de Feodóssia Uliánova, sua irmã mais nova, baixa, bondosa, sempre com um xale preto pela cabeça, que nos veio ver uma vez em Simbirsk e a qual o pai e depois de ele morrer a mãe, mandavam dinheiro. *(M. U.)*

com medalha de prata*. Mas no diploma que lhe foi conferido quando terminou o liceu indicava-se que "Uliánov como originário de uma camada social inferior não tinha o direito de trabalhar na administração pública". Foi também a camada social inferior que lhe levantou problemas na obtenção da bolsa do estudo ao entrar na Universidade. Ao pedido do director do liceu de Astracã para atribuir uma bolsa a Uliánov, "rapaz dotado" sem recursos para continuar os estudos, o curador da circunscrição escolar de Kazán respondeu que as bolsas destinavam-se "a proporcionar aos funcionários os meios para educar os filhos" e que "não tinha motivos para incluir entre os bolsistas Uliánov, oriundo da classe dos pequenos burgueses". Admitido na faculdade de Física e Matemática da Universidade de Kazán "por sua conta", Iliá Uliánov ganhava a vida leccionando.

Ele cedo conheceu as privações materiais, cedo se tornou independente. Ele próprio abriu caminho na vida, o que temperou o seu carácter, desenvolveu a sua capacidade de trabalho, lhe deu uma rigorosa consciência do dever (o seu irmão Vassili dava-lhe exemplos já na infância). Estes traços junto com "uma grande obstinação no cumprimento de cada tarefa" caracterizariam

* O número dos jovens que frequentavam a universidade depois de terminar o liceu de Astracã era insignificante, não chegava a 10. Iliá Uliánov foi o único dos quatro estudantes que terminaram o liceu em 1850 a ir para a universidade. *(M. U.)*

Iliá Uliánov toda a vida. Ele, apesar da sua saúde precária, trabalhava muitíssimo.

Ao terminar em 1854 a Universidade de Kazán, formado em matemática, Iliá Uliánov apresentou um trabalho escrito aprovado pela faculdade e, em Maio do ano seguinte, foi nomeado professor de física e matemática nos últimos anos do Instituto da nobreza de Penza.

Em Penza, na família do seu colega, inspector do Instituto da nobreza, V. D. Vereténikov, casado com a irmã mais velha da nossa mãe, Iliá Uliánov travou conhecimento no começo da década de 60 com a sua futura esposa, Maria Alexándrovna Blank. Ela era filha de um médico de origem pequeno-burguesa, pessoa de ideias progressistas, personalidade forte e independente, da qual era alheia toda a espécie de arrivismo e servilismo. Iliá Uliánov casou-se no Verão de 1863 e foi muito feliz na vida conjugal.

II

Observações meteorológicas. Actividade pedagógica em Penza e Níjni-Nóvgorod. Vida em Níjni-Nóvgorod. Influência dos anos 60. Mudança para Simbirsk.

Iliá Uliánov viveu oito anos em Penza. No Instituto da nobreza, além da docência, dirigia as observações meteorológicas, função que lhe

foi confiada por recomendação do célebre matemático, o professor Lobatchévski, então adjunto do curador da circunscrição escolar de Kazán, que sabia que Iliá Uliánov ainda na Universidade trabalhara no observatório meteorológico. Não era só no observatório anexo à Universidade de Kazán que se atribuía grande importância às observações neste domínio. Também a Sociedade agrícola da região do Sueste estava interessada nelas mas já havia muito tempo que não conseguia encontrar uma pessoa "segura e competente" para fazê-las. Iliá Uliánov executava-as gratuitamente enquanto esteve em Penza, com a aplicação e meticulosidade que lhe eram características.

V. F. Nevzórov, então chefe do Serviço meteorológico da Direcção Agrícola da Província de Penza, anotou nas suas memórias: "Só nos anos 50 as nossas observações meteorológicas começaram a adquirir um carácter verdadeiramente científico e a atitude dos observadores para com a meteorologia a tornar-se verdadeiramente séria. É em particular digno de destaque o período de 1856-1868, quando Iliá Uliánov se encarregou pessoalmente das observações meteorológicas na estação de Penza (...) Desde então fazem-se em Penza observações meteorológicas realmente científicas"*.

* Os materiais sobre as observações meteorológicas de Iliá Uliánov conservam-se no arquivo do Principal Observatório Geográfico e do gabinete físico da Universidade de Kazán.

Foi também na altura que o meu pai escreveu o ensaio científico *Sobre a Tempestade e os Pára-raios* para ser lido no Salão nobre, que foi aprovado pela faculdade de Física e Matemática da Universidade de Kazán.

"A referência de I. N. Uliánov a uma fonte estrangeira (de-la-Riva, em francês), então absolutamente nova, segundo os especialistas, escreve M. Molebnov, mostra que o presente ensaio não é um estereótipo, evidencia o elevado nível cultural do autor e os seus interesses puramente científicos. Além disso, o estilo literário é excelente".

Em Penza não havia boas condições para o trabalho pedagógico, nomeadamente nos últimos anos que Iliá Uliánov ali passou.

O Instituto de Penza apesar de servir exclusivamente os filhos dos nobres e de ter no seu nome a palavra nobreza, era mantido com meios provenientes dos camponeses. E a partir de 1861, com a libertação dos servos, a sua situação material piorou seriamente.

"Os últimos anos que I. N. Uliánov trabalhou no instituto, escreve M. Molebnov com base em dados do arquivo do Instituto da Nobreza de Penza, foram extremamente difíceis. A falta de meios materiais reflectiu-se no ensino. Em 1862, metade dos alunos não passou de ano. Expulsões e reguadas tornaram-se os únicos métodos de educação".

Tudo isso levou Iliá Uliánov a pedir ainda em 1862 a transferência de Penza. Com a ajuda do

director do liceu masculino de Níjni-Nóvgorod, A. V. Timoféev que era professor no liceu de Astracã quando lá estudava Iliá Uliánov e que mais tarde trabalhara com ele no Instituto da Nobreza de Penza, Iliá Uliánov recebeu o lugar de professor de física e matemática no dito liceu, e, no Outono de 1863, mudou-se para N. Nóvgorod.

Além do liceu masculino de N. Nóvgorod, Iliá Uliánov ensinava também no liceu feminino, dava aulas nos cursos agrimensórios e de taxação, era educador no Instituto Alexandrov. Em N. Nóvgorod, como em Penza, exercia a sua actividade pedagógica com grande mestria e dedicação. A física era a sua disciplina favorita, "pedagogo por excelência, ele adorava a sua profissão". "Não se limitava aos conhecimentos necessários aos professores, tinha interesse científico pela sua disciplina, embora muitas vezes não os pudesse aplicar ao ensino". "Ultrapassava frequentemente os limites dos seus deveres de professor. Era um professor invulgar para o seu tempo".

Iliá Uliánov sabia interessar os alunos e obter bons resultados nas aulas sem recorrer a castigos. Paciente e indulgente, ele conquistara grande autoridade.

Mais tarde, já como inspector das escolas públicas da província de Simbirsk, escreveria no seu relatório sobre o estado da instrução pública em 1872:

"Nas escolas bem organizadas e entre os professores dedicados não é necessário impor punições aos alunos, pois estes estimam os seus preceptores e não os afligem com a sua conduta".

Iliá Uliánov, sem dúvida, chegou a esta conclusão a partir da sua experiência pedagógica. Naquele tempo recorria-se aos castigos corporais tanto nas escolas primárias, como secundárias.

Iliá Uliánov ajudava nos tempos livres os alunos mais atrasados, e, aos domingos dava lições gratuitas aos alunos mais pobres, que não podiam pagar a professores. Naqueles tempos, em que os professores que exerciam as suas funções com tal dedicação eram raros, Iliá Uliánov era profundamente estimado pelos seus alunos.

"Nós, os gimnasistas, estimávamos e amávamos profundamente Iliá Uliánov, recorda o prof. M. Kariákin, seu antigo aluno. Estimávamo-lo pelo perfeito conhecimento que tinha da matéria, que expunha clara e talentosamente, amávamo-lo pela sua bondade, indulgência pelas nossas faltas e lapsos em matemática. Quanto me lembro, nunca se queixou ao director de um aluno por insolência ou preguiça. Cobria tudo com a sua bondade e generosidade sem levar o lixo para fora da turma. Iliá Uliánov era um homem esquio de estatura pequena, um pouco calvo, com olhos castanhos carinhosos. Não é por acaso que se diz que os olhos são o espelho da alma. Ele era uma pessoa bondosa, indulgente... A personalidade de Iliá Uliánov exercia em nós uma influência positiva. Alguns de nós passaram

a gostar tanto da matemática que depois a escolheram para trabalhar".

Os superiores de Iliá Uliánov consideravam-no um excelente professor. No relatório "Sobre o estado do Instituto da Nobreza em 1858" dizia-se que Iliá Uliánov "se distinguira pelas suas capacidades e sucessos no ensino". Em 1859, foi-lhe atribuído um prémio de 150 rublos, pelo seu "excelente e zeloso serviço". O senador Safonov, ao visitar a província de Penza no mesmo ano, elogiou Iliá Uliánov pela "excelente e escrupulosa execução dos seus deveres". E, finalmente, ao fiscalizar o instituto de Penza em 1862, o inspector Postels, ao mesmo tempo que dava uma apreciação negativa a diferentes disciplinas do instituto, notou: "Os sucessos dos alunos em matemática e física são satisfatórios: o professor Uliánov ensina com zelo a sua matéria".

Iliá Uliánov passou seis anos em Níjni-Nóvgorod.

"Em Níjni-Nóvgorod, onde os nossos pais viveram seis anos, conta Ana Uliánova, formou-se em torno deles um círculo de conhecidos dos professores do liceu, pessoas próximas pela situação social e cultura, e ainda por viverem no mesmo corredor do edifício do liceu. A minha mãe, com o seu carácter vivo e comunicativo fez ali boas amigas; depois de deitar os filhos liam, conversavam, tocavam música... O pai, por vezes, lia em voz alta obras como *Guerra e Paz* de Tolstoi que se publicava na altura em fascículos".

Mas, apesar das favoráveis condições de trabalho em Níjni-Nóvgorod, que era então uma das cidades provinciais mais animadas, e de dispor ali de um "lugar tranquilo a que já se habituara", Iliá Uliánov decidiu partir.

Que o levou a fazer isso? A nosso ver, as particularidades da época, o estado de ânimo das pessoas progressistas daquele tempo.

Era a época do movimento libertador dos anos 60. A consciência da necessidade de trabalhar no meio do povo e para o povo, a que se tinha que "pagar a dívida", que era preciso educar e arrancar ao obscurantismo, miséria e arbitrariedade penetrara nos meios mais esclarecidos da sociedade russa.

As "pessoas que antes nada liam começaram a estudar, a interessar-se pela literatura, pelas "fantasias da juventude", por verem que sem elas era difícil viver. Nas cidades mais distantes, onde antes os interesses se reduziam ao jogo de cartas, ao suborno, às intrigas, apareciam bibliotecas públicas, assinavam-se revistas e jornais, tornou-se uma necessidade ter livros em casa. Os homens desenvolviam-se, amadureciam, saíam das tocas tenebrosas da indiferença e do obscurantismo para o caminho do iluminismo".

"Toda a Rússia falava de instrução... Na imprensa, nos círculos de pessoas progressistas e mesmo nos salões da alta roda passou a falar-se na ignorância do povo, nos obstáculos que continuavam a ser colocados àqueles que desejavam estudar, na falta de escolas nas aldeias, nos

métodos de ensino caducos, nos meios de superar tudo isto".

Os melhores escritores e pedagogos da altura, N. Pirogov, L. Tolstoi, K. Uchinski, N. Chelgunov, barão Korf, dedicavam-se às questões da instrução. Polemizava-se sobre as vias e os métodos de ensino. Surgiam novas escolas, algumas experimentais (a de Leão Tolstoi em Iásnaia Poliána e a do barão Korf na província de Ekaterinoslav, etc.), bibliotecas para o povo e escolas domingais para os operários, compunham-se manuais para as escolas populares, introduziam-se novos métodos de ensino, aumentava a assinatura de jornais e revistas nos locais afastados, etc.

Ao mesmo tempo, desdobrava-se a "marcha para o povo". Os jovens intelectuais que iam trabalhar para as aldeias como professores, enfermeiros, etc., "não pensavam ainda na revolução, em reestruturar a sociedade pela força, segundo um plano. Desejavam apenas ensinar o povo a ler e a escrever, auxiliá-lo a livrar-se do obscurantismo e da miséria e, ao mesmo tempo, descobrir com ajuda do povo qual era o *seu* ideal de vida social".

Os jovens de ideias revolucionárias passaram com o tempo a dedicar-se cada vez mais à propaganda revolucionária contra o governo e, mais tarde, descontentes com os seus modestos resultados, parte deles sob a bandeira da "Naródnaia Vólia" escolheria a via do terror. Outros punham ao serviço da cultura os seus co-

nhecimentos, intelecto, os nobres impulsos do seu coração. Encontravam muitos obstáculos no seu caminho principalmente porque, sob a ameaça da crescente propaganda revolucionária, as efémeras tendências liberais que se notaram no governo davam lugar à reacção. Estes obstáculos, todavia, não desanimavam os melhores deles, que continuavam a criar novas escolas, a introduzir novos métodos de ensino, a eliminar palmo a palmo a desconfiança do povo na escola, desconfiança inculcada ao longo de séculos de castigos corporais, absurdas lições memorizadas ou plena inactividade dos estabelecimentos escolares.

Iliá Uliánov, originário de uma camada social inferior, que conhecera desde a infância as dificuldades do "povo simples" para instruir-se, homem de convicções humanitárias, "animado pelas melhores ideias do fim dos anos 60 e do começo dos anos 70", não podia ficar indiferente ao movimento libertador e à aspiração de educação do povo por ele suscitada. A docência nas escolas secundárias deixou de satisfazê-lo. Queria "uma esfera de ensino mais larga, desejava exercê-lo em proveito não dos alunos mais abastados do liceu, mas dos mais necessitados, daqueles para quem é particularmente difícil obter instrução, os filhos dos escravos de ontem".

O nosso pai "era um dos que trabalhavam pacificamente em prol da cultura". "O obscurantismo e o analfabetismo de nossa aldeia

eram, em sua opinião, uma das principais causas da infelicidade e da pobreza do povo russo".

Ele, na opinião unânime dos contemporâneos, era o primeiro daqueles que faziam avançar a instrução pública e na "primavera" da vida social russa apareciam em toda a parte, incluindo na atrasada província de Simbirsk. Iliá Uliánov não era um funcionário burocrata que se contentasse em seguir instruções.

Devotado à instrução pública, consagrava todas as forças ao ensino. Não se resignava ao ouropel dos relatórios, segundo os quais na segunda metade da década de 60 funcionavam na província mais de 600 escolas; visitando-as ele revelou a mentira oficial à qual se havia adaptado a direcção escolar. Descobriu que a maioria das escolas só existia no papel, que os padres e madres (registados como professores) nunca iam às escolas, os seus alunos não sabiam ler e escrever, desconheciam as orações mais usuais.

Como foi dito acima, na província de Simbirsk "as relações do zemstvo e do Conselho escolar com as escolas eram fictícias. No fundo ninguém, além do inspector, sabia ou queria saber algo sobre o estado da instrução pública".

Iliá Uliánov, dinâmico por natureza, começou a agir nesse novo terreno com uma energia e tenacidade que contagiava todos.

"Sucedera algo de inesperado...– diria sobre este tempo Nazáriev.– Como se no meio de um Inverno rigoroso e prolongado se tivesse aberto uma janela pela qual os raios de sol passaram iluminando tudo à sua passagem. Era uma verdadeira Primavera, uma época de surpresas e milagres. Foi, de facto, um milagre que nas nossas paragens aparecesse um homem como Iliá Uliánov, naquela época o único inspector das escolas públicas de toda a província que desde o primeiro dia se entregou de coração e alma às suas obrigações".

A sua energia despertou a melhor parte da sociedade de Simbirsk; os dados que comunicou depois de verificar a situação nas escolas da província eram tão tristes que obrigaram a encarar a questão seriamente, a renunciar ao "optimismo oficial" que reinara antes. Devia ser realizado um enorme trabalho, com as poucas forças e meios existentes. Em 1874, quando Iliá Uliánov foi nomeado inspector das escolas públicas, recebeu inicialmente dois e depois cinco ajudantes. Mas, sobrecarregados de tarefas e devendo deslocar-se continuamente, eles mal conseguiam executar o seu trabalho. No começo, portanto, Uliánov, aquele homem frágil à primeira vista e já de certa idade, encarregava-se sozinho do grosso das funções.

Iliá Uliánov esforçou-se imenso por organizar melhor a instrução pública primária. Paralelamente, "o inspector era o iluminador da região, o construtor de novas escolas, o arquitec-

to, o eterno solicitante que suplicava importunamente (persistentemente – M. U.) e na maioria dos casos inutilmente ao zemstvo mais alguns vinténs para as escolas, dirigia os cursos fundados pelo zemstvo junto à escola paroquial da cidade", etc.

Tinha que "percorrer estradas vicinais, enfrentar as geladas noites de Inverno, as tempestades de neve, ir por caminhos arruinados pelo degelo primaveril, passando fome ou intoxicando-se com óxido carbônico nos distantes albergues perdidos."

Num sítio, era preciso verificar como se construía uma nova escola, noutro, se os professores ensinavam bem, num terceiro, conversar com os camponeses para levá-los a ajudar mais as escolas, procurar um curador abastado disposto a auxiliar materialmente uma escola, etc.

As revistas sobre o ensino público redigidas por Iliá Uliánov e os seus relatórios dão uma ideia do seu trabalho, daquilo a que prestava atenção ao fiscalizar as escolas, os resultados que conseguia obter.

Iliá Uliánov verificava a situação geral em que se encontravam as escolas. Esta situação dependia em grande medida, claro está, dos meios de que dispunha a escola fiscalizada. E os meios por seu turno estavam dependentes da atitude da população para com as escolas, pois após a reforma do zemstvo as escolas eram mantidas com meios locais, provenientes principalmente das comunidades camponesas e postos à disposição da administração do *volost** que o repartia.

Ao fiscalizar as escolas, Iliá Uliánov prestava atenção aos diversos aspectos da sua situação, tomava medidas para superar os defeitos constatados. Quando apontava aos professores as suas falhas no ensino devido à sua insuficiente preparação pedagógica Iliá Uliánov fazia-o como colega mais experiente e não como chefe. Nunca fazia observações publicamente. Conversava a sós com a pessoa. Mas não podia tolerar negligência e desleixo da parte dos professores para com o seu trabalho, faltas e nesses casos era extremamente rigoroso e exigente. Tendo verificado, por exemplo, ao percorrer a província que numa escola "o professor faltava às aulas e não preenchia o livro de ponto", Iliá Uliánov observou-o ao professor e avisou-o de "que se na próxima inspecção fossem detectados os mesmos defeitos ele seria substituído por outro professor, mais zeloso".

O caso seguinte, que teve lugar quando Iliá Uliánov já era inspector das escolas públicas, é um bom exemplo de como ele encarava o cumprimento dos deveres pelos professores. A jovem professora de uma escola paroquial era en-

* *Volost* – unidade da divisão administrativa e territorial que existiu na Rússia até os anos 1928-1930, quando foi efectuada uma reforma que substituiu o sistema antigo pelo novo, a divisão por distritos, assente no agrupamento económico da população destes para um determinado centro.

tusiasta de espectáculos de amadores. Para participar neles precisava da permissão do inspector. Quando esta lho pediu Uliánov disse-lhe, que não era contrário desde que isso não prejudicasse as aulas. A jovem ficou encantada e para ter tempo de preparar-se disse aos alunos que no dia do espectáculo podiam ir para casa depois do intervalo. Mas os seus planos não se realizaram. Naquele dia, indo às aulas com papelotos na cabeça, ela viu que Iliá Uliánov se dirigia para a escola. Arranja rapidamente os cabelos. Iliá Uliánov instala-se no último banco ao lado dos alunos e assiste às quatro lições regulares sem dizer uma palavra. No dia seguinte também passou pela escola para se convencer de que as aulas corriam normalmente.

Não escapava à atenção de Iliá Uliánov a atitude dos professores e professoras para com os alunos e vice-versa. "Da parte da professora – escreveria depois de inspeccionar uma escola,– não observei nenhum amor pelo estudo, pelo contrário, vê-se, que as meninas têm medo da professora".

Iliá Uliánov concedia grande atenção aos métodos de ensino, assistindo às aulas e verificando os conhecimentos dos alunos. Devido à fraca preparação dos professores, aqueles métodos na maioria dos casos não eram satisfatórios. Frequentemente, ele convencia-se de que "a instrução geral dos professores e professoras era incompleta, de que os conhecimentos da língua materna que tinham adquirido não eram firmes,

assinalando que este ou aquele professor ou professora "devia ainda tomar conhecimento dos métodos de ensino das disciplinas compreendidas no curso das escolas públicas primárias".

Iliá Uliánov dava depois das lições minuciosas instruções aos professores. Instruções que o caracterizaram "como professor por vocação", que ama as crianças, a sua causa, e ao mesmo tempo não tolera qualquer falta de escrúpulos dos colegas. Luta contra as "leituras mecânicas", isentas da compreensão do que é lido, luta contra as "repetições livrescas" em lugar de o aluno narrar com palavras próprias, insiste na organização de leituras explicativas, mostra-se descontente por que numa escola "o professor de catecismo não utiliza nas leituras leigas livros acessíveis às crianças apesar de existirem alguns na escola", propõe adquirir diversos novos manuais, etc., dá opinião favorável para que o ensino de aritmética numa escola seja feito em conformidade com a principal ocupação dos habitantes, na ocorrência o ofício de sapateiro", etc.

Ao mesmo tempo em 1871, "pela primeira vez foi comunicada por iniciativa de Iliá Uliánov a lista dos livros existentes nas bibliotecas escolares". Claro que esta se revelou insatisfatória: "Há pouquíssimos", escrevia Iliá Uliánov. Os manuais que as escolas tinham eram já velhos, faltava uma série de manuais para as aulas. Mas o trabalho para superar tudo isso não

cessava e, além disso, "fora proposto aos zemstvos distritais organizar inicialmente em cada distrito uma biblioteca, com livros e revistas de conteúdo pedagógico e com manuais necessários ao ensino de disciplinas que fazem parte do programa das escolas públicas".

V.

A atitude de Iliá Uliánov para com os professores e alunos. A afeição que eles lhe tinham. Reforço da reacção.

Na atitude de Iliá Uliánov em relação aos professores não havia nada de burocrático, do comportamento do chefe com os subordinados, tão característico dos que ocupam altos cargos administrativos. Era mais um colega experiente, sempre disposto a ajudar os outros com os seus conselhos e indicações. O trabalho unia-os. Os professores iam a sua casa para ele os ajudar a resolver problemas que os preocupavam.

"Quando comecei a ensinar, era raro o dia que Iliá Uliánov não vinha às minhas aulas – conta a professora V. V. Kachkadámova, que travou conhecimento com ele em 1880, quando dava os primeiros passos na actividade pedagógica, – acompanhava as minhas lições, fazia observações e mostrava-me como devia ensinar.

Habituei-me tanto a ver o director nas aulas, aos seus conselhos que, se não aparecia alguns dias, ia eu mesma visitá-lo, para esclarecer mal-entendidos, conversar sobre os livros que tinha lido e as contradições que por vezes descobria neles. Iliá Uliánov ouvia-me atentamente, aconselhava-me. Algumas vezes, digo-o agora, os meus problemas eram tão insignificantes que outro director no seu lugar me teria admoestado por incomodá-lo com ninharias. Mas Iliá Uliánov escutava-me pacientemente, sem a mínima alusão ao facto de eu abusar do seu tempo e eu aproveitava-me largamente da sua condescendência".

Conservou a sua atitude atenciosa com os professores também quando em 1874 foi nomeado inspector das escolas públicas da província de Simbirsk.

Iliá Uliánov visitava sempre as escolas, assistia às aulas, mostrava como era preciso ensinar, quando achava as explicações do professor pouco claras, conversava com ele depois das aulas sobre os métodos do ensino. Assistia das aulas sentado modestamente nas últimas cadeiras, no meio dos alunos. Estes adoravam-no por saber que gostava de conversar com eles e mal o viam chegar acenavam-lhe oferecendo um lugar a seu lado.

Os alunos que ficavam perto de Iliá Uliánov estendiam-lhe os seus cadernos, e certa vez, durante uma aula de V. V. Kachkadámova, uma menina da primeira fila, sem temer a presença

dos "superiores", engatinhou entre as cadeiras para lhe mostrar o seu trabalho. As crianças não tinham medo dele como superior procuravam-no. No fim das aulas os alunos rodeavam-no empurrando-se para lhe mostrar os cadernos e os resultados em russo e aritmética e ouvir a sua opinião sobre qualquer assunto. E se não aparecia durante alguns dias, as crianças crivavam V. V. Kachkadámova de perguntas: "Porque não vem o inspector? Quando virá?"

A sociedade dedicava pouca atenção na altura às escolas primárias. Nelas estudavam na maioria os filhos dos pobres. As pessoas mais ou menos abastadas, geralmente, convidavam professores para preparar os seus filhos para o liceu. Para que a sociedade se mostrasse mais interesada nestas escolas, no seu funcionamento e nas suas necessidades, para chamar a sua atenção para elas e levá-la a ajudá-las, por iniciativa de Iliá Uliánov era organizado todas as Primaveras, no fim das aulas, um acto solene na municipalidade. Eram convidados a assistir a este acto, além dos alunos que haviam terminado a escola, seus professores e parentes, representantes da sociedade média e superior, entre os quais conhecidos curadores e curadoras (gente rica que ajudava as escolas e as crianças pobres, etc.). Iliá Uliánov atraía também a este acto os funcionários municipais tentando interessá-los pelo ensino primário.

Os convidados instalavam-se em torno de

uma mesa, onde eram previamente colocados louvores e livros, e os alunos sentavam-se na sala, ao lado dos seus professores. Iliá Uliánov apresentava o relatório sobre o estado das escolas e a actividade escolar e depois os convidados, principalmente senhoras, distribuiam prémios aos melhores alunos. Para demonstrar os êxitos das escolas, eram expostos num local vizinho vários trabalhos, composições, desenhos, bordados, etc. dos alunos. A aspiração de Iliá Uliánov de transformar a escola numa obra viva, social reflectia-se também nisso.

Depois do acto, no mesmo dia ou no dia seguinte, os recém-formados encontravam-se de novo às 4 da tarde na câmara municipal de onde, com uma banda de música, Iliá Uliánov e os seus professores, se dirigiam para o jardim público, em que era organizada a festa da criança. Recebiam-nos à entrada os curadores das escolas e funcionários camarários. Eram distribuídos às crianças pacotes de guloseimas e iguarias aos professores que as acompanhavam. No jardim, especialmente enfeitado para esta ocasião com pequenas lanternas e bandeirolas, ouviam-se até bastante tarde as alegres vozes da criançada que cantava e dançava ao som da orquestra, brincava e divertia-se. As crianças ficavam com boas recordações da festa, que deixavam com muita pena já quando se começavam a apagar as luzes no jardim. Tal atenção para com as crianças era um fenómeno raro naqueles

dias longínquos e os alunos das escolas secundárias, privados dela, tinham pena de não se poder divertir numa festa de fim de curso igual.

Iliá Uliánov substutuía frequentemente os professores que faltavam às aulas por doença, e certa vez deu aulas durante mês e meio em lugar da professora enferma de uma escola.

Com o seu zelo profissional, solicitude para com os professores, desvelo por eles (pronunciava-se sem cessar, por exemplo, pelo melhoramento da sua situação material), ele conquistou o amor sincero e o respeito dos colegas. "Nunca mais teremos outro Iliá Uliánov", dizia-se após a sua morte entre os professores de Simbirsk, que a sentiram como a de um próximo.

"Durante o meu longo trabalho na esfera da instrução pública, notou V. V. Kachkadámova, que era professora há mais de 40 anos, vi muitos chefes bons e maus, solícitos para com os mestres, mas nunca um pedagogo que amasse a sua profissão tão sincera e calorosamente, lhe fosse tão abnegadamente fiel".

A par disso, "as escolas da província de Simbirsk eram as melhores daquele tempo. Isso sabia-se lá e por essa razão (Uliánov) era estimado pelos círculos mais progressistas e avançados da opinião pública de Simbirsk".

VI.

As convicções de Iliá Uliánov.
O poeta preferido.
Conhecia Uliánov os ânimos revolucionários do filho mais velho?
Os conhecidos.
O carácter.
Semelhança entre Vladímir e o pai.
Iliá Uliánov na família.
Costumes e inclinações.

Iliá Uliánov fez um enorme trabalho para desenvolver a instrução pública na província de Simbirsk, mas, "extremamente modesto e exigente consigo, achava que esse intenso trabalho no domínio das ideias não era mais que o seu dever..."

A modéstia e a simplicidade acompanharam-no sempre tanto no plano pessoal como nas relações com os outros, marcadas pela democracia e sensibilidade. Eram-lhe conferidas ordens e patentes pelo seu trabalho como funcionário do Ministério da Instrução Pública, mas isso não o ligava ao espírito burocrático do seu tempo de que eram próprios o servilismo e o carreirismo. Ele valorizava não as ordens e as patentes, mas o trabalho no domínio das ideias, o florescimento da obra que amava, a organização melhor possível da instrução pública à qual ele dava todas as suas forças. Os superiores, que de começo o estimavam como funcionário zeloso e cumpridor

dos seus deveres, não tardaram a olhá-lo de soslaio ao constatar que a sua actividade não se coadunava suficientemente com o espírito da época. Ele continuava a ser nos anos 80, o mesmo "idealista dos anos 60", incapaz de adaptar-se à nova linha. Na cidade chamavam-lhe "grande liberal".

Não é por acaso que os motivos cívicos das poesias de Nekrassov eram partilhados por Iliá Uliánov. Nekrassov era o seu poeta favorito. Conservou-se até agora na nossa família o caderno onde o pai copiava do *Sovreménnik* certas poesias de Nekrassov. E um pequeno volume das primeiras poesias de Nekrassov, editadas em 1863, que ele dava igualmente a ler aos filhos.

Iliá Uliánov não era revolucionário e os dados de que dispomos são insuficientes para julgar como ele apreciava a actividade revolucionária da jovem geração do seu tempo. Ana fala nas suas recordações apenas de dois casos em que pôde observar a sua atitude para com tais questões. Certa vez, ela e o pai ouviram uma prima nossa falar da detenção de professora de aldeia, "mulher de ideias", uma populista, que sem se limitar a insinar as crianças a ler e escrever reunia depois do trabalho os camponeses e lia-lhes, conversava com eles tendo-lhes elevado a consciência e sendo muito estimada por eles. Finalmente denunciaram-na, a polícia fez uma busca ao seu domicílio, interrogaram camponeses e a professora foi afastada ou presa. "Recordo, escreve a irmã, o tom veemente e indignado com

que a narradora descreveu a imagem ideal da professora sublinhando que a sua acção não tinha nada de anti-governamental; lembro-me do nosso pai, taciturno, concentrado, cabisbaixo. Lembro-me também que quando depois eu lhe fazia perguntas sobre aquela professora ele se esquivava a responder. Eu tinha então 13 a 14 anos, era no fim dos anos 70, quando o movimento entrara já na via revolucionária".

Minha irmã recorda também a emoção com que o pai acolheu a notícia do assassinato de Alexandre II e que ele não falou com ela a esse respeito. Considera no entanto que "o pai não pôde não falar disto com o nosso irmão /Alexandre/, com o qual ele conversava mais de assuntos públicos desde criança".

Surge involuntariamente a questão: sabia o pai das ideias revolucionárias do nosso irmão mais velho? Sem dúvida. Sabendo a que ponto eles se queriam, a amizade que os unia, não se pode imaginar que Alexandre não lhe tenha confiado as suas convicções, pelo menos de um modo geral. Eis o que diz a esse respeito Dmitri:

– Ficou-me na memória da infância o seguinte caso. Foi em Simbirsk, no Verão de 1885, meio ano antes da morte do nosso pai. Os nossos estavam todos fora, em casa só ficara o pai, Alexandre e eu. Eu tinha então 11 anos.

O pai e o meu irmão passeavam pela alameda central do jardim. Passeavam durante muito tempo, falando em voz baixa, concentrados. Com um ar particularmente grave, conversavam

tão mergulhados em si que não prestavam a menor atenção às minhas tentativas de intervir para que passassem a algo de interesse mais alegre. Por vezes, falavam veementemente, mas era mais frequente de falarem em voz baixa, assim que era impossível distinguir o que diziam. Compreendi pela expressão dos seus rostos que discutiam algo de extremamente importante e que não devia incomodá-los. Aquela impressão gravou-se nitidamente na minha memória.

De que falavam? Então não compreendi nada, o que me surpreendeu foi o tom desta longa e insólita conversa. Lembrei-me desse episódio muito mais tarde, já depois da morte trágica do meu irmão mais velho, na prisão, ligando-o vagamente ao que aconteceu e, não sei porque, ao telegrama de Alexandre em Janeiro de 1896: "Telegrafem-me a dar mais detalhes da morte do pai".

Estou hoje profundamente convencido que a conversa acima descrita era de carácter político e que, sem dúvida, não foi a única. Não podia ser de outra maneira naqueles anos, quando acabara de terminar a luta heróica dos *narodovoltsi* contra a autocracia. Se considerarmos que, como tudo indica, as relações entre o pai e Alexandre eram estreitas e amistosas, que o pai se interessava por todas as preocupações do meu irmão, não se pode admitir que este pudesse ter escondido do pai as suas convicções políticas. Outra coisa é a medida em que se teriam então cristalizado nele as suas ideias sobre o terror.

As minhas suposições são confirmadas pelas palavras que o pai disse a Ana quando ela partiu para Petersburgo: "Diz a Sacha que se poupe pelo menos para nós!"

O círculo de amigos de Iliá Uliánov mostrava que ele era um homem de convicções. Não contactava os latifundiários de Simbirsk, excepto os que se interessavam pela instrução pública, tinham esses ou aqueles interesses comuns neste domínio.

Eram principalmente os seus colegas inspectores das escolas públicas e o director da escola chuvaca I. Iá. Iákovlev*, que fez imenso pelo desenvolvimento do ensino entre os chuvacos, professores do ensino primário e secundário, etc., que frequentavam a nossa casa. Iliá Uliánov, taciturno e reservado na alta sociedade, tornava-se entre eles um interlocutor alegre e espirituoso. Ele gostava de falar sobre a escola com os conhecidos, as pessoas que simpatizavam com o seu trabalho. E fazia-o apaixonadamente, "andando depressa de um lado do quarto para outro, afagando a mecha de cabelos pretos "que tinha no cocuruto".

Quando se animava, gracejava, pilheriava, os seus olhos iluminavam-se e brilhavam como os de Lénine quando este estava bem disposto e conversava animadamente com os camaradas.

Lénine era muito parecido fisicamente ao

---

* I. Iá. Iákovlev (1848-1930), eminente pedagogo e educador chuvaco, escritor e tradutor, criador do alfabeto chuvaco, de abecedários e manuais em língua chuvaca.

nosso pai. Herdou a sua estatura, largas maçãs e traços do rosto, o rasgo dos olhos, a ampla fronte. Tal como o pai, distinguia-se pela sua vivacidade. Também o seu riso era semelhante, contagioso, frequentemente até as lágrimas. Os dois tinham muito de comum no carácter e hábitos. Iliá Uliánov e Vladímir possuíam igual força de vontade, energia, capacidade de entregar-se inteiramente e sem reservas a causa que defendiam, de morrer por ela, cumprimento zeloso dos seus deveres, bem como profunda democracia e solicitude para com os outros. Vladímir, como o nosso pai, carregava um pouco o "r".

Iliá Uliánov era um chefe de família exemplar, nunca se zangava com a nossa mãe, a que estava ligado por uma profunda afeição e amizade. Tinham ideias iguais também no que concerne à educação dos filhos, que viam sempre diante de si uma "frente única".

O nosso pai dedicava-nos inteiramente os seus tempos livres. Nós, entretanto, amavamo-lo e respeitavamo-lo imenso.

"Mal voltava das suas deslocações e, fatigado, sentava-se diante do samovar, conta Ana, nós cercávamo-lo e ele perguntava-nos como iam os nossos estudos, a escola. E nada o alegrava mais que os nossos sucessos".

Mas ele não acompanhava apenas os nossos estudos propriamente ditos, seguia as nossas leituras, indicava-nos as melhores obras da literatura russa, fez-nos conhecer todos os escritores notáveis, o que contribuiu, sem dúvida, para desenvolver o nosso gosto. Deixámos de nos interessar pela maior parte dos romances banais que os rapazes de nossa idade se deleitavam a ler.

Tudo nele, as suas palavras, personalidade, cheia de fé na força do saber, e bondade exerciam uma influência positiva e humanizadora em nós, crianças; cedo tomamos consciência da necessidade e importância do saber.

"Não o vendo frequentemente semanas a fio durante as suas deslocações, os filhos cedo se fizeram à ideia de que a obra é algo a que se sacrifica tudo. A sua descrição animada da construção de novas escolas nas aldeias e da luta que para consegui-lo moviam, por um lado, contra os de cima – os potentados e latifundiários, e, por outro lado, contra os de baixo – os representantes do obscurantismo e dos preconseitos – impressionava vivamente as crianças".

Temendo que os filhos negligenciassem os deveres, Iliá Uliánov era contra os "elogios em demasia", como dizia, e frisava que a excessiva fatuidade era nociva às crianças. As correcções que fazia nesse sentido repercutiram-se na vida e actividade dos filhos. O rigor para consigo e o cumprimento dos deveres, por exemplo, que sempre distinguiu Lénine foi-lhe, em grande medida, inculcado desde a infância pelo exemplo e influência do nosso pai.

Iliá Uliánov "temia a complacência doméstica, estragar os filhos com mimos, achava útil submeter antes mais cedo os meninos à influência masculina" e, por isso, preconizava que "as

12–412

crianças fossem admitidas mais cedo na escola, se acostumassem especialmente os meninos ao trabalho e à disciplina desde os primeiros anos do liceu". Era igualmente rigoroso com os filhos no respeitante ao cumprimento dos deveres escolares. "Acompanhando os estudos dos dois filhos mais velhos, ele habituava-os antes e durante os primeiros anos do liceu a executar escrupulosa e precisamente todas as lições".

Possuindo, ao mesmo tempo, um temperamento alegre e convenicativo, amando-nos e desejando ver-nos sempre contentes e satisfeitos, sem limitar desnecessariamente a nossa liberdade, os nossos pais inculcavam-nos um profundo optimismo e amor pela vida. A infância feliz, cheia de amor e solicitude que tivemos exerceu influência positiva em toda a nossa vida. Os mais velhos deviam muito ao pai.

A atmosfera na nossa família e o desejo dos nossos pais de estimular o desenvolvimento dos filhos reflectia-se na sua atitude para com o semanário manuscrito editado pelos mais velhos. Era o *Subótnik*, aparecia aos sábados e nele participavam o Alexandre, a Ana, o Vladímir e a Olga.

O semanário era ilustrado com caricaturas sobre episódios da vida doméstica, incluía rébus, adivinhas, etc., que estavam a cargo de Alexandre.

"Cada número era lido à noite, na presença dos nossos pais, que demonstravam o mais vivo interesse pelo nosso empreendimento, que lhes

agradava muito", conta Ana Uliánova.

"Lembro-me da sua animação e da alegria que lhes iluminava os rostos – escreve ela – lembro-me da atmosfera especial de unidade espiritual que envolvia estes nossos serões. Agora, quando olho para trás, parece-me que eles marcavam o apogeu da proximidade entre nós, – os quatro mais velhos, e os nossos pais. Que clara e radiosa recordação eles deixaram".

O nosso pai, que procurava estar sempre a par dos métodos pedagógicos mais recentes e aperfeiçoados, seguia a literatura nesse domínio, assinava os melhores manuais escolares e livros para crianças. Apareciam frequentemente no seu gabinete diversos aparelhos de física e outros que mostrava com prazer aos filhos.

Impressionou-me profundamente, quando era criança, a visita à escola de cadetes onde, pela primeira vez em Simbirsk, se demonstrava um fonógrafo.

O nosso pai adorava falar connosco nos tempos livres e quando toda a família se juntava na sala de jantar à mesa de chá ou ia passear. Vivo e alegre, contava anedotas sobre a escola, animava todos com os seus gracejos.

Participava com prazer nos nossos jogos (no croquet, por exemplo), "como camarada e com o mesmo fervor que nós". Lembro-me das suas correrias, inclusive comigo, a mais pequena, pela casa. Lénine parecia-se muito com o pai na sua maneira de tratar as crianças, tornava-se rapidamente seu amigo, correndo, fazendo barulho e

participando nos jogos com um entusiasmo infantil.

Tinham também em comum a capacidade de limitar-se ao estritamente necessário, de não gastar nada de supérfluo e uma espécie de conservadorismo em matéria de roupa e outros objectos pessoais. Uma vez habituados a qualquer objecto, só muito contra vontade o substituíam.

Ambos amavam a natureza. V. A. Kaláchnikov conta que certa vez, a bordo de um navio, o nosso pai lhe falou do seu amor às viagens quando estudante: "Ele sorria, lembra Kaláchnikov, os olhos brilhavam-lhe, a sua figura irradiava dinamismo e entusiasmo".

Passávamos normalmente o Verão na propriedade de Kokúchkino, do nosso avô materno. Lá, o nosso pai dava longos passeios pelos campos e bosques vizinhos. Ele, a nossa mãe e numerosos sobrinhos e sobrinhas passeavam toda a manhã. A chegada de Iliá Uliánov à aldeia, como testemunha o meu primo N. I. Veretennikov, era para elas, as crianças, uma verdadeira festa. Elas acompanhavam-no alegremente nos passeios, durante os quais ele não cessava de gracejar e brincar.

"Os adultos, recorda N. I., por vezes repreendiam-nos quando trepávamos pelas costas de Iliá Uliánov, mas ele não protestava e nós continuavamos "pendidos" nele".

"Nas férias de Verão, relata a minha irmã, quando dispunha de mais tempo para descansar (interrompido por reuniões e relatórios), o nosso

pai dedicava-nos mais tempo e convidava os mais velhos de nós a passear pelo Volga, o que os deixava radiantes e era objecto de conversas e planos antecipados". Querendo que aquelas excursões dessem prazer aos filhos, ele cercava-os de uma solicitude comovente.

O xadrez era um dos passatempos preferidos de Iliá Uliánov. Bom xadrezista, ele incutiu nos filhos o gosto por esse jogo. Os meus irmãos adoravam que o pai os convidasse para uma partida de xadrez no seu escritório. Eles tornaram todos óptimos xadrezistas. Vladímir vencia o seu mestre, o pai. "Lembro-me, escreve a minha irmã, de um Outono, quando o pai e nós, os três filhos mais velhos, fascinados pelo jogo a quatro, estávamos agarrados ao tabuleiro até altas horas da noite. Mas quando começaram as aulas tivemos de abandonar o xadrez por nos ocupar muito tempo".

Iliá Uliánov jogava xadrez frequentemente com o seu amigo Arseni Belokryssenko. Belokryssenko era membro do Conselho escolar e o trabalho aproximava os dois. Belokryssenko visitava-nos habitualmente aos sábados, passando o tempo com o pai diante do tabuleiro jogando xadrez com figuras que o nosso próprio pai torneara quando vivia em Níjni-Nóvgorod.

Belokryssenko morreu alguns meses antes do nosso pai e lembro-me do nosso pai dizer tristemente certa vez: "É sábado e não tenho com quem jogar xadrez..."

VII

Doença e morte de Iliá Uliánov. A sua popularidade em Simbirsk. Opiniões dos contemporâneos sobre Iliá Uliánov e sua actividade

Iliá Uliánov morreu a 24 de Janeiro de 1886, sem estar doente. No dia 18 à tarde visitou o inspector das escolas públicas Strjalovski, que havia reunido vários colegas. "Nessa tarde, escreve V. V. Kachkadámova, ele estava como de costume alegre, não parava de gracejar e ironizar..." Os médicos não viram nada de sério na leve indisposição que sentiu dias depois. Uma dor de estómago. O nosso pai continuava a trabalhar no relatório anual.

Não se prestou suficiente atenção à doença – conta a minha irmã.– O nosso pai andava, continuava a trabalhar e a receber ajudantes. Quase não dormiu na noite de 24 de Janeiro.

No próprio dia da morte, trabalhou até as duas horas da tarde com um dos ajudantes. Recusou-se a almoçar, dizendo que se queria deitar. Mas quando já estávamos todos à mesa, apareceu na sala de jantar e lançou um longo olhar em redor como se não se sentisse bem. Havia algo de peculiar nesse olhar. "Parecia que vinha despedir-se", notou mais tarde a mãe. Aquele olhar triste e concentrado, gravou-se na nossa memória. Dirigiu-se em seguida ao seu escritório, onde a nossa mãe daria pouco depois com ele estendido no sofá com calafrios. Ela, assustada, agasalhou-o e mandou chamar o doutor Lekguer, que já não o encontrou vivo.

A morte do pai impressionou-nos profundamente, sobretudo aos mais velhos. Os menores não compreendiam plenamente o que sucedera.

Sobre a reacção do Alexandre, então em Petersburgo, I. N. Tchebotarev, seu colega de universidade, conta que no Natal de 1885 "ele passava os dias e noites no laboratório e depois redigia em casa a sua tese. Lembro-me que não dormira três noites seguidas procurando terminá-la. O trabalho já estava quase pronto quando recebeu a notícia da morte súbita do pai. Esteve alguns dias afastado dos estudos, correndo de um canto para outro do quarto como um ferido. No segundo ou terceiro dia, encontrei-o medindo a largos passos o quarto, com o olhar fixo num ponto distante. A sua figura inspirava medo".

De que morreu o nosso pai? A autópsia, que poderia responder a esta questão não foi feita. O seu coração pode não ter resistido ao trabalho intenso. Ou pode ter sido, como diriam depois hipoteticamente os médicos, pode ter sido uma hemorragia cerebral que o levou ao túmulo aos 55 anos de idade.

"A sua morte e o funeral mostraram a popularidade e a afeição de que gozava em Simbirsk". Quase toda a cidade lhe veio render homenagem, no seu caixão foram depositadas inúmeras coroas de flores.

A revista *Nov* disse que I. N. Uliánov "fizera muito pela instrução pública, tornando-a melhor em Simbirsk e na sua província que em outros lugares da Rússia. A sua morte prematura deve ser amargamente lamentada por todos os amigos e adeptos da instrução".

A. Amóssov, inspector das escolas públicas, escrevia no necrológio publicado nas *Notícias Provinciais de Simbirsk*:

"Desde que veio para a província de Simbirsk, Iliá Uliánov sentiu um amor profundo pelas escolas do povo. Mas o amor era insuficiente. A criação da instrução pública exigia-lhe um trabalho enérgico, infatigável e variado: ele tinha não só que introduzir o regulamento nas escolas com meios e professores experientes, como abrir novas escolas, arranjar meios para a sua manutenção e organizar o regime e sistema da parte pedagógica. Dotado de inteligência clara, experiência pedagógica e tacto, acompanhando com compreensão e atenção a criação do ensino primário na literatura e na prática, ponderando e discutindo se era aplicável às escolas um ou outro método de ensino, Iliá Uliánov organizava as bases da escola, definindo as tarefas e objectivos do ensino, determinando e fixando o volume e duração do ensino. Repartia-o por anos, escolhia os manuais, explicava a cada professor como utilizá-los, como aplicar este ou aquele método, a técnica de ensino e assim formava professores... Fazia isso não só numa localidade ou distrito, mas em toda a província.

E eis que começam as inesquecíveis deslocações ao longo de semanas e meses à província, ora para fiscalizar as escolas, determinar as possibilidades de melhorá-las, ora para abrir novas; num lugar dirigindo o curso pedagógico; noutro controlando a construção do edifício de uma futura escola; lá requerendo aos dirigentes locais os meios para as escolas, aqui conversando com sociedades rurais procurando ganhá-las para o ensino. Compreende-se como eram fecundos esses esforços de Iliá Uliánov. O sucesso decorria também, em grande medida, da sua aptidão de contactar pessoas de diferente posição, condição social e grau de instrução, da simpatia que emanava. Ele estabelecia as relações necessárias tanto com gente de alta posição como dos mais simples, com a numerosa classe das pessoas que de uma ou outra medida lhe estavam subordinadas. A sua solicitude e atenção pelos últimos eram invulgares, ele nunca usava a sua autoridade e posição para oprimir alguém, sabia dispensar atenções a um, aprovar outro, repreender um terceiro sem o indispor contra si.

Iliá Uliánov gozava de raro respeito e solicitude na sociedade de Simbirsk. A notícia da sua morte percorreu instantaneamente a cidade e chegou até aos rincões mais afastados da província. Todos se apressavam à casa do defunto para se inclinarem diante dos seus restos mortais. E era muito grato ver exprimir em torno do caixão a estima geral pelo falecido e pelos seus reconhecidos méritos"...

A MÃE DE LÉNINE, MARIA ALEXÁNDROVNA ULIÁNOVA

A nossa mãe, Maria Uliánova, nascida Blank, era uma pessoa muito dotada, excepcional. Nasceu em Petersburgo a 6 de Março de 1835. O seu pai, Alexandre Blank, de origem pequeno burguesa, terminou em 1824 a Academia imperial médico-cirúrgica, como era então chamada. Ele foi promovido da camada inferior para a dos "negociantes". No fim do seu serviço médico, passados mais de 20 anos, recebeu o título de nobre hereditário. Era um homen progressista, de convicções, robusto e independente, alheio a todo o carreirismo e servilismo. Esses traços do seu carácter influíam nas suas relações com os chefes, e Alexandre Blank mudava muitas vezes de emprego. Exerceu funções sucessivamente na província de Smolensk, em Petersburgo, onde em 1838 o reconheceram cirurgião, foi durante certo tempo inspector do departamento médico de Perm e depois director do hospital da fábrica Iúgovski, na província de Perm. Também na medicina, Alexandre Blank seguia uma via diferente, invulgar para o seu tempo, aplicando as suas próprias ideias. Era grande adversário dos medicamentos, considerava que os médicos os empregavam por todo o lado às cegas, sem conhecer todos os seus efeitos no organismo humano, sem tomar em conta que ao dar um alívio temporário este ou aquele remédio exerce uma influência nociva em diversos órgãos. Alexandre Blank minimizava o emprego dos remédios na sua prática. Tratava doenças internas e de nervos com hidroterapia, organizou um estabelecimento hidroterapeuta na fábrica de Iúgovski, onde o seu prestígio era grande.

Ao demitir-se, Alexandre Blank comprou uma pequena propriedade perto da aldeia de Kokúchkino e dedicou-se à agricultura, ao mesmo tempo, que prestava assistência médica aos camponeses da vizinhança.

A nossa mãe contava-nos muitas coisas sobre o nosso avô, deixando-nos gravada na memória a imagem de uma individualidade intelectual e moralmente viva. Alexandre Blank adorava ler e jogar xadrez, era um alegre interlocutor. Gostava de pregar partidas às crianças. Certa vez por exemplo no 1° de Abril, dia do santo da mãe, as crianças durante o almoço esperavam impacientemente o último prato, o doce. Tinha-lhes sido prometido que serviriam à sobremesa natas batidas. Qual não foi, pois, a sua decepção quando não receberam os seus pratos de doce mas sim de neve branca e fofa: a brincadeira de Abril do seu avô!

A nossa mãe parecia-se muito com ele. Mas o aspecto exterior e o carácter de Dmítri, o nosso

irmão mais novo, eram extraordinariamente aos do avô. Essa semelhança é, aliás, visível na fotografia do avô.

Quanto à educação dos filhos o nosso avô tinha ideias próprias, sensivelmente diferentes das dos latifundiários daqueles tempos. Procurava temperá-los física e moralmente, dar-lhes uma educação simples e austera, sem mimos excessivos. Os filhos deviam na medida do possível servir-se a si mesmos. De manhã cedo, lançando à pressa algo quente sobre os vestidinhos de chita, os únicos que tinham na infância, eles corriam à cozinha pelo saguão frio para aquecer em potes o leite para pequeno almoço. Não lhes davam nem café, nem chá na infância e, mesmo, quando já eram adultos, achando-os nocivos para eles. "O samovar era servido apenas ao avô e à avó", contava a mãe. Mesmo quando iam a casa dos vizinhos, o que era muito raro, e lhes ofereciam café ou chá, eles achavam isso tão extraordinário que não ousavam infringir a regra do pai.

As irmãs mais velhas da mãe recebiam lições de professores convidados para o irmão prematuramente falecido quando o avô ainda trabalhava como médico, mas não se podia permitir convidar professores à aldeia para os seus filhos pequenos, não tendo podido juntar dinheiro especulando os pacientes. Quanto aos internatos, eles eram caros e poucos e o avô era contra a educação que neles se fazia. Deste modo, a nossa mãe com notáveis capacidades e ardente desejo de estudar teve que limitar-se à instrução em casa. Aprendeu três línguas com a tia que lhe substituía a mãe e que ela adorava apesar da austeridade: o alemão, em que falava com os filhos, o francês e o inglês. Aprendeu música quase sem mestre e tocava piano muito bem. A sua compreensão da música, a expressividade e a delicadeza da execução eram tais que mais tarde, os nossos conhecidos não podiam acreditar que ela tivesse aprendido a tocar quase sem ajuda, tanto mais que as condições de que dispunha para tocar eram péssimas. O piano encontrava-se em Kokúchkino numa grande sala mal aquecida, em que fazia tanto frio que os dedos lhe enregelavam durante os seus persistentes exercícios musicais ao longo de horas e horas.

"O tédio nas longas tardes do Inverno era enorme", contava-nos depois a mãe. Mas a educação simples e rígida que recebera, temperara o seu carácter e tornara-a firme e paciente. Tanto na infância como na adolescência desconhecera o que eram nervos, sempre enérgica e saudável. Suportando pior o tédio e a solidão da vida campestre, Sófia, sua irmã mais nova, chorava muito. A nossa mãe encontrava sempre que fazer, sabia dominar-se. Preparou-se sozinha para o exame de professora confiando-me mais tarde a sua satisfação por dispor desse certificado que em caso de necessidade lhe permitiria ajudar o marido cujos ganhos eram modestos.

No Verão, as irmãs mais velhas vinham a Kokúchkino com os filhos e a vida na aldeia animava-se. A mãe ocupava-se da horta e do pomar.

Ela e a irmã mais nova tinham canteiros próprios que deviam cultivar, semear e regar. O amor da nossa mãe pela horticultura e fruticultura acompanhou-a toda a vida. Em toda a parte onde o destino a levasse ela aproveitava da mínima possibilidade para plantar uma horta e um pomar e cuidar deles.

A mãe conheceu o nosso pai em Penza, onde fora passar uns tempos em casa da irmã mais velha, Ana, cujo marido, I. D. Vereténnikov, inspector do Instituto da Nobreza de Penza, era colega de Iliá Uliánov.

A prima de I. D. Vereténnikov conta que enquanto esteve lá a mãe, a preparava para o liceu, ensinava-lhe línguas estrangeiras, lia com ela textos em francês e alemão. Essas leituras eram interrompidas à tarde, quando chegava alguém conhecido. Juntavam-se na casa deles muitos jovens, sobretudo professores do Instituto da Nobreza de Penza. Também Uliánov os visitava frequentemente. Às vezes trazia um novo livro ou revista que lia em voz alta. V. A. Aunóvski *, conhecido por "rouxinol" devido à sua voz maviosa, cantava com Maria Alexándrovna, cuja voz sem ser muito alta era agradável. Ela praticava inglês com Iliá Uliánov.

Maria Alexándrovna casou-se no Verão de 1863. Ela e o nosso pai passavam todos os Verões, sobretudo nos primeiros tempos, em Kokúchkino.

* V. A. Aunovski, professor e colega de I. N. Uliánov.

A nossa mãe como já disse, distinguia-se pela firmeza de carácter e força de vontade. Sempre calma, alegre, solícita, amável, nunca elevava a voz com os filhos, raramente recorria a castigos. Só depois de muitas travessuras é que alguém ia parar à "poltrona preta" (era o nome que as crianças deram a uma poltrona no escritório do pai), para se acalmar. Geralmente bastava uma séria observação da mãe para que os filhos, que a amavam e estimavam profundamente, lhe obedecessem, sentindo-se já castigados pelo aborrecimento causado à mãe. A nossa mãe, por seu lado, amava-nos ardentemente, a nossa vida era a sua vida. Tanto a mãe como o pai não gostavam de vida mundana, raramente faziam visitas. Tinham um círculo reduzido de amigos íntimos, principalmente colegas do pai, com os filhos dos quais brincávamos. I. V. Ichérski, o inspector das escolas públicas, que depois da morte do pai foi nomeado director das escolas públicas, era um deles. Tinha uma voz agradável e muitas vezes cantava em nossa casa acompanhado pela mãe, o que ele achava especialmente bom dizendo que o ajudava imenso.

Tocando muito também em Simbirsk a mãe educou em todos os seus filhos o gosto pela música. Só a nossa irmã Olga que se distinguia pelas suas capacidades musicais e assiduidade, se tornou boa executante, mas todos tocavam mais ou menos. Também Vladímir em criança apreendia a tocar piano, executava bastante bem pequenas peças e valsas infantis e tocava a quatro mãos

com a mãe. Mais tarde, porém, ao ingressar no liceu ele abandonou a música, do que se arrependeu em adulto (no início da década de 90). A mãe reunia-nos muitas vezes à volta do piano e cantávamos canções infantis.

Sempre ocupada, a mãe não gostava que andássemos sem fazer nada e sabia acostumar-nos ao trabalho engenhosamente para que este, no início, não nos parecesse obrigatório, nos interessasse e atraísse Lembro-me de como achava interessante aprender a costurar e tricotar. A mãe ofereceu-me um grande novelo de lã vermelha e uma agulha de crochê. Pus-me a trabalhar e fiquei muito surpreendida quando, logo de início, senti nele algumas coisas duras; à medida que eu desfazia o novelo, dele desprendiam-se brinquedos, bombons, etc. Eu apressava-me, ansiosa por revelar os outros segredos do maravilhoso novelo. Ou: sempre pequena faço a bainha de um lenço pela primeira vez, nem tudo corre mas faço-o apesar de tudo ao lado da minha mãe que se ocupa do mesmo. Ao acabar, encontro no último canto do lenço um bocado de chocolate envolto em papel. Estou estupefacta donde apareceu? O lenço esteve sempre nas minhas mãos, sendo este truque da mãe tão ágil que me era impossível explicá-lo. Nós acostumávamo-nos facilmente ao trabalho graças às capacidades pedagógicas da mãe, ao seu tacto e imperturbável serenidade. Nunca se mostrava áspera ou levantava a voz. Tanto ela como o nosso pai não limitavam inutilmente a nossa liberdade.

Ficaram-nos também claras recordações da árvore de Natal que nós próprios arranjávamos, fazendo e pregando enfeites, dourando nozes, etc. sob a direcção da nossa mãe e irmã mais velha. Esta interessante ocupação formava em nós os primeiros hábitos de trabalho. Isso faz-se largamente nos actuais jardins de infância mas então quase não havia estabelecimentos do género. Ora, esse era o aspecto mais atraente da árvore de Natal. Lembro-me que as árvores de Natal que víamos ao visitar conhecidos me impressionavam muito menos que as que nós armávamos e enfeitávamos. Acendiam-se as luzes na árvore habitualmente na consoada, a que assistia somente a nossa família, não sendo convidados nesse dia os filhos dos nossos conhecidos. Precisamente nisso residia o encanto desses encontros. De costume sempre ocupados, os nossos pais, irmãos e irmãs mais velhos reuniam-se esta tarde, o que já era, por si, motivo de alegria. Uma vez acesas as luzes, os presentes eram distribuídos (os filhos também preparavam algo para os pais), os mais velhos brincavam com os mais pequenos e éramos todos felizes. Quando nos dias seguintes crianças conhecidas nos vinham visitar, a árvore iluminava-se de novo – ela continuava na sala de estar até desfolhar – a nossa alegria já não era a mesma, pois o que mais nos impressionava no Natal não era a árvore com as luzes acesas, mas a atmosfera de amor e atenção que nos rodeava; a árvore era apenas um pretexto festivo. A capacidade inventiva da

13–412

nossa mãe e irmã mais velha em matéria de surpresas era inesgotável. Lembro-me de terem oferecido uma vez a Vladímir um grande pacote envolto em papel de embrulho. Ele pôs-se a desembrulhá-lo e o papel a amontoar-se. Pensando que lhe haviam pregado uma partida, Vladímir ia renunciar, mas convenceram-no a continuar e depois de mais uns montes de papéis, surgiram finalmente umas abotoadeiras.

As charadas eram um dos nossos jogos preferidos na infância. O que devia adivinhar a charada saía da sala e os outros escolhiam a charada e distribuíam as palavras entre si. Era preciso responder à pergunta que ele dirigia a cada um na ordem que lhe era indicada de modo a devolver a palavra da charada o mais engenhosamente possível. Uma vez decifrado o enigma, o jogador que não havia disfarçado bem a sua palavra, ajudando assim a adivinhar a charada, abandonava a sala e propunham-lhe outra. Os pequenos tinham mais dificuldades em ligar logicamente a resposta à pergunta e esconder a palavra, mas eles habituavam-se aos poucos contribuindo este jogo para desenvolver a sua perspicácia e capacidade de expor os pensamentos. A nossa mãe gostava muito desse jogo e participava nele com muito prazer. Outro jogo frequente entre nós consistia em adivinhar objectos, personalidades, etc. (De que reino?–perguntava o adivinhador.–Mineral, animal e vegetal–respondiam-lhe, etc.), o jogo de sinónimos.

A atmosfera de amor e amizade, solicitude e

carinho tornava feliz a nossa infância e nós devíamo-lo em grande medida à nossa mãe, que nos dedicava todo o seu tempo livre, procurava sempre alegrar-nos e distrair-nos.

Pelo seu carácter e mentalidade, Maria Alexándrovna não gostava de perder tempo em tagarelices mundanas, de saídas em carruagens e vestidos de luxo. Além disso, com uma família tão numerosa, e os modestos vencimentos do marido conseguia dar um jeito na vida apenas graças à sua habilidade e às economias que fazia. Era ela quem cuidava das crianças, dos filhos e acompanhava a sua educação. Nós não tínhamos perceptora, e a velha ama, Bárbara,* uma simples aldeã, vivera em nossa casa cerca de vinte anos cuidando dos mais pequenos, a começar do Volódia. Mas, apesar dos afazeres de casa, a mãe arranjava sempre tempo para ler. Lia muito, conhecia bem a literatura russa, consultava novas revistas, entre as quais *O Mensageiro Histórico*, dividindo depois as impressões connosco. Lia imenso também em línguas estrangeiras e uma vez traduziu mesmo alguns contos para a imprensa.

"Após a tua partida–escreveu-me a 26 de Outubro de 1898–Ánia** e eu pusemo-nos a traduzir contos do inglês e como Gorbunov nos apressava já terminámos e enviámos tudo há muito; agora estou a traduzir um pequeno conto do alemão. Ocupar-me-ia disso com prazer se

* Bárbara Sarbátova.

** A. I. Uliánova-Elizárova.

houvesse material interessante!"

Dotada de boa memória, a mãe conhecia de cor muitas obras de poetas russos. Recordo em particular a sua declamação do *Demônio, Mtsyri* e *A Vizinha* de Lérmontov.

A nossa mãe era muito bonita: traços regulares, olhos inteligentes e vivos, uma expressão amável, serena com algo de majestoso. A sua pessoa irradiava grande força moral, domínio de si, integridade. Embranqueceu muito cedo, na noite do parto que por pouco lhe custava a vida. Lembro-me dela sempre com os cabelos inteiramente brancos, prateados, que ela cobria com uma coifa preta. Ela deixaria mais tarde de usá-la e cortaria os cabelos cujos aneis sedosos lhe emolduravam suavemente o rosto.

Criada no campo entre prados, relvados e vastidões, amava a natureza. Adorava passear nos bosques, apanhando flores, bagas, etc. Como se animava então, com que ardor juvenil se entregava aos passeios. Para ela era um verdadeiro suplício viver no Verão nas cidades abafadas e poeirentas. "Aqui sufoco, quero ir para o campo!" – declamava ela por vezes. A proximidade da natureza transformava-a: os olhos cintilavam, toda ela rejuvenescia!

Tinhamos em Simbirsk um pomar vasto, com arbustos bacíferos, macieiras e muitas flores. Do pomar cuidava principalmente a mãe. Com a ajuda dos filhos que regavam as flores, ajudavam a colher maçãs, etc., a ordem nele era perfeita. Podiamos deliciar-nos com os frutos, mas

também isso era regulado. Indicavam-nos quando e que frutos era permitido arrancar e nós observavamos escrupulosamente essas indicações da mãe. Lembro-me ficar muito surpreendida quando uma conhecida nossa, ao ver que o nosso pomar estava cheio de frutos, disse à mãe que no nosso lugar os filhos dela apanhariam tudo. Ana contava que certa vez mãe nos pediu para não tocar em três cerejeiras cobertas de frutos até 20 de Julho, dia do santo do pai. Quando conhecidos perguntavam porque não comiamos cerejas ao alcance da mão, a mãe dizia-lhes: "Os meus filhos podem comer frutos no outro canto do pomar. Quanto a estas árvores, pedi-lhes para não tocarem nelas até ao dia 20".

Ela gostava de surpreender assim os seus próximos. Lembro-me de, muito mais tarde, quando vivíamos em Podolsk, numa casa de campo em cujo pomar havia muitas nogueiras, ela nos pedir para deixar as nozes nas árvores até à libertação de Dmítri então preso. Naquele ano havia muitas nozes e os arbustos curvavam-se sob o seu peso e os que passavam pela nossa casa não podiam compreender porque ninguém as apanhava. Quando Dmítri saiu da prisão (sabíamos que devia ser posto em liberdade), colhemo-las todos juntos.

Plantámos um jardim e uma horta em Alakáievka, província de Simbirsk, quando vivemos lá, e, em Sáblino, na casa de campo de M. T. Elizárov, onde morámos nos anos 900. A nossa mãe participava sempre com prazer em tais

iniciativas.

A nossa mãe sofreu muito na vida. Um ano e pouco depois da morte do pai, que a abalou profundamente, Alexandre e Ana foram presos em Petersburgo sob a acusação de terem participado no atentado contra Alexandre III. A nossa prima E. I. Peskóvskaia, que vivia em Petersburgo, comunicou-o à professora V. Kachkadámova, nossa amiga íntima, pedindo-lhe para dar a notícia à mãe depois de a preparar. Ela foi buscar Vladímir ao liceu e mostrou-lhe a carta de Peskóvskaia. Ele veio ter comigo, contaria ela depois, alegre e jovial como sempre mas, ao ler a carta, mudou de cor. Já não era um rapaz mas um homen. "As coisas, disse ele a Kachkadámova, podem acabar mal para Sacha!"

"Decidimos, escreve V. Kachkadámova nas suas recordações, que Vladímir comunicaria previamente a Maria Alexándrovna a chegada da carta, sem lhe dizer até que medida Alexandre estava envolvido no caso". "À noite virei ver-vos e poremos Maria Alexándrovna ao corrente". Mas menos de uma hora depois de se ter ido embora, Maria Alexándrovna apareceu pálida e grave, pronta a suportar nos seus frágeis ombros a nova desgraça.

"Dá-me a carta" – disse gravemente. Dei-lha. Ela leu-a e exclamou: "Parto hoje mesmo. Visite por favor os meus filhos durante a minha ausência".

Antes de partir deu calmamente as suas disposições a Vladímir, como o mais velho dos que

ficavam.

Partiu para Petersburgo com ideia de fazer tudo para salvar os filhos, aligeirar as suas penas. Fazia-o manifestando um carácter e uma força de vontade excepcionais. Ela não só não perdia a coragem, como apoiava moralmente os filhos, frisa Ana Uliánova nas suas recordações sobre Alexandre. Isolada do mundo pelas grades da prisão, a minha irmã não conhecia toda a gravidade da situação.

"A serenidade e a impressionante firmeza da mãe enganavam-me... Ao vê-la triste e abatida, mas em perfeito domínio de si não podia supor o que se preparava nos últimos dias da detenção, que já acontecera algo de irreparável... A sua coragem era tão grande que já depois da execução do meu irmão, de que ela soube através de uma tarjeta distribuída aos transeuntes na rua, ela veio ver-me à prisão sozinha e, pedindo às guardas para não me dizer nada sobre o que se passara, procurando animar-me insistia para não me preocupar com ela.

Não sabendo mentir como Alexandre, quando lhe perguntei como estava ele, disse-me apenas: "Reza por Sacha". Apesar dessas palavras me angustiarem eu não compreendi então todo o seu verdadeiro sentido. Só reparei no respeito com que depois da visita os representantes da administração da cadeia a deixaram passar, vestida de luto. Tanta firmeza sofrendo como sofria impunha-se-lhes".

A mãe manifestava o mesmo amor abnegado

durante as visitas a Alexandre. Voltando por pouco tempo a Simbirsk, durante a detenção de Alexandre e Ana, ela disse a Kachkadámova que se esforçava por atenuar a pena e consideraria uma imensa felicidade os trabalhos forçados: "Em tal caso partiria com ele, os meus filhos mais velhos já são adultos e levaria comigo os mais pequenos".

De regresso a Petersburgo, Maria Alexándrovna assistiu ao julgamento em que Alexandre pronunciou a última palavra. "Admirei-me como Sacha falava bem, convincente e eloquentemente,–contaria depois à minha irmã. Nunca pensei que ele pudesse falar assim. Mas magoava-me tanto ouvi-lo que não pude ficar até ao fim do seu discurso, tive que sair da sala".

Quando soube a sentença restava-lhe uma só esperança para salvar a vida do filho: convencê-lo a pedir indulto. Ela havia-lho pedido na audiência, mas Alexandre respondeu-lhe que isso seria traição da parte dele depois daquilo que tinha feito, do que dissera no tribunal. "Vendo como sofria, diria a mãe mais tarde a Kachkadámova, não insisti mais".

A mãe visitou-o mais uma vez já depois do tribunal na fortaleza de Pedro e Paulo, para onde foi transferido depois de pronunciada a sentença. Mesmo isso lhe foi muito difícil de conseguir. O senador N. S. Tagántsev, antigo discípulo de Iliá Uliánov no Instituto da Nobreza de Penza, conta como ela lhe veio pedir certa tarde em Petersburgo para a ajudar a receber a permissão

para ver o filho. "Pelo amor de Deus!, ajude-me!–implorou-lhe–disseram-me que o Sr. o pode fazer, quero ver o meu desditoso filho mas não me deixam, recusam..." Estava muito agitada e chorava. Voltou no dia seguinte, conta Tagántsev, mas ele não estava em casa. Não se sabe o que ela lhe queria ainda pedir, mas a mulher de Tagántsev, que a recebeu, disse depois ao marido que Maria Alexándrovna a impressionara profundamente ao murmurar-lhe ao ouvido com uma voz trémula: "Vi o meu filho. Ele foi condenado à morte".

A mãe levou muito tempo sem conseguir falar de Alexandre aos conhecidos. E, passado algum tempo, quando os visitei, conta Kachkadámova, ela estendeu-me um envelope sem dizer nada e saiu logo para a outra sala. Ao abri-lo, encontrei lá duas fotografias de Alexandre, uma de perfil e outra de frente. As fotografias tinham sido tiradas na prisão e entregues a pedido dela.

Via-se que, graças à sua firmeza e presença de espírito na desgraça, ela havia conquistado o respeito dos guardas e dos funcionários responsáveis que encontrava ao interceder pelo seu filho ou visitá-lo.

Assim, Kniáziev, o substituto do procurador, que devia assistir ao encontro da mãe com Alexandre na prisão preventiva, contou já depois do processo que, procurando tornar a visita o menos possível formal, fez a mãe passar para a solitária onde Alexandre era mantido, ficando ele no corredor junto da porta aberta.

"Passaram mais de quarenta anos, contara ele nas suas recordações, mas continua viva na minha memória a cena penosa desse encontro entre uma mãe cheia de amor e consumida pela mágoa e um filho condenado à morte que procurava sossegá-la com a sua coragem e comovente carinho".

E quando a mãe perguntou a Alexandre se queria algo e este lhe disse que desejava ler Heine, Kniáziev "com profunda compaixão por ela e desejoso de auxiliá-la" ofereceu-se para arranjar o livro e passou-o ao prisioneiro.

A última visita de Maria Alexándrovna a Alexandre teve lugar na fortaleza de Pedro e Paulo. "Corriam rumores, conta Ana, de que a execução não teria lugar e, claro, o coração da mãe acreditou neles facilmente. Era impossível comunicá-lo nas rigorosas condições da visita na fortaleza, mas para lhe transmitir pelo menos parte da sua esperança e ânimo face às provações que o esperavam repetiu duas vezes ao despedir-se: "Coragem!"

Tendo-se revelado falsos os rumores, fora com essa palavra que ela lhe dissera adeus, o acompanhara à execução..."

A dor que a execução de Alexandre causou à mãe tornou-se menos aguda com o tempo, mas nunca desapareceu. As detenções e buscas de que eram objecto os seus outros filhos avivavam a velha ferida que nunca cicatrizava. Tinha que correr de novo as prisões a que estava ligada por tão amargas recordações, passar horas a fio nas

ante-salas dos gendarmes pedindo autorização para visitar os filhos, para os soltarem sob caução. Nesses momentos ela, como sempre, manifestava firmeza, domínio de si. O caso que M. B. Smirnov relata é bem característico nesse sentido.

Ele fora chamado em 1899 ao departamento da polícia para visitar a mulher e viu lá "a mãe de Lénine que viera a Petersburgo solicitar que o transferissem da província de Ienissei para, pelo menos, Pskov. O director do departamento saiu do gabinete e, esquecendo de que tinha diante de si uma mãe, dirigiu-se-lhe com o cinismo gritando para a sala inteira ouvir:

– Pode orgulhar-se dos seus filhinhos, um foi enforcado e outro também merece a corda!

É difícil descrever (só um artista o pode fazer) a atitude e a expressão do rosto da mãe de Lénine quando, ao levantar-se plena de dignidade, respondeu:

– Sim, eu orgulho-me dos meus filhos!"

A deportação de Ana em relação com o processo de Alexandre para a Sibéria Oriental, graças aos esforços do nosso parente M. L. Peskóvski, que invocava o grave estado de saúde da nossa mãe, foi substituída pelo exílio na província de Kazán e a nossa família mudou pouco depois de Simbirsk para Kazán. A atitude da sociedade de Simbirsk para com a nossa família mudou sensivelmente nos últimos tempos: parecia temer-nos e evitar-nos. As relações da mãe com os poucos conhecidos que tinha romperam-se com a nossa partida e ela encerrou-se ainda

mais na vida familiar, entregou-se inteiramente aos filhos. Por eles ela estava disposta a sacrificar tudo: tranquilidade, comodidades, tudo!

Boa e abnegada, ela preocupava-se pouco consigo, com o seu bem-estar. Colocava os filhos no primeiro plano, o seu coração sangrava constantemente por eles; renunciava ao que mais necessitava para regozijá-los, aliviar a sua situação. Extremamente económica, reduzia os seus gastos ao mínimo: andou vários anos com um único vestido para sair que conservava cuidadosamente e que passou depois às filhas. Quando lhe pediam para comprar algo para si, ela recusava-se habitualmente dizendo que já era velha, que podia passar sem isso. As filhas arranjavam-lhe geralmente a roupa de que precisava; ela procurava conservar a melhor para elas, no fim de contas, ou para dar àquelas que mais necessitavam. É que, não se preocupava apenas com os filhos, o seu generoso coração estava sempre aberto a todos os infortunados, aos necessitados a que nunca recusava nada. Lembro-me da sua cordialidade com os camaradas que nos vinham ver, como ela os impressionava. Perspicaz, compreendia logo cada um, por vezes prevenia-nos relativamente aos que a seu ver não inspiravam confiança.

Comunicativa, a mãe travava rapidamente conhecimento, gozava sempre da estima e do amor de todos os que a contactavam. Era igualmente carinhosa e fraternal no trato com a gente "simples", os trabalhadores braçais. Como o pai,

quando vivia no campo gostava de conversar com os camponeses que a respeitavam pela sua bondade, simplicidade, ausência de altivez e desejo de ajudá-los.

Uma nova desgraça atingiu em 1891 a nossa família: a nossa irmã Olga morreu em Petersburgo de febre tifóide e erisipela. Era uma jovem dotada, enérgica, laboriosa. Ao saber que adoecera, a mãe fez logo as malas para ir a Petersburgo cuidar dela. Mas Olga havia esgotado o organismo durante os intensos estudos nos Cursos Femininos Superiores e não foi possível salvá-la.

A sua morte foi um duro golpe para a mãe mas como sempre não a privou da sua firmeza e domínio de si. Voltou todo o seu carinho e cuidades para os outros filhos.

Ao receber alguns anos depois a notícia de que Vladímir tinha uma pneumonia, ela pôs-se logo a caminho de Petersburgo, para cuidar dele, ajudá-lo a restabelecer-se. Um ano mais tarde, quando ele foi preso, voltou a mudar para lá na Primavera, para visitá-lo na prisão, passar-lhe alimentos, etc. Estava sempre ao lado dos filhos que mais necessitavam da sua ajuda, ao que podia ser mais útil.

A nossa mãe, quando soube que Vladímir ficaria exilado na aldeia Chúchenskoie e que nenhum dos seus companheiros ia para lá, escreveu-lhe a dizer que se preparava para partir para lá, esperando entre outras coisas conseguir que o transferissem para a aldeia de Tessínskoie onde viviam companheiros seus.

"De modo nenhum vale a pena, respondeu ele, vir aqui apenas para tentar obter a minha transferência".

Saudável, forte e resistente, ela trabalhou até a velhice, tendo sempre algo para fazer. Activa por natureza, não tolerava a ociosidade: costurava, tricotava, cuidava como de costume dos afazeres domésticos, lia muito nos tempos livres. Quando estava fatigada de trabalhar e ler, tocava piano. Às vezes tocava a quatro mãos com uma das filhas, gostava de ouvi-las. Não deixaria a música quase até à sua morte. No Verão de 1916, um mês antes de morrer, fomos a uma casa de campo na Finlândia onde não havia piano. Prontos a ir à estação, esperávamos somente o cocheiro. Já vestida, a mãe aproximou-se do piano e executou uma das suas melodias preferidas, como que se despedindo da distracção amada. Gostava também de jogar xadrez e fazia-o frequentemente com os filhos sobretudo nos últimos anos de vida.

A nossa mãe não era religiosa. Para isso contribuiu, certamente, em grande medida, o facto da sua família não ser devota. O seu pai não era religioso. A mãe ia muito raramente à igreja, mesmo quando vivia em Simbirsk. Com os anos, a religião passaria a ter cada vez menos significado para ela e já muito velhinha, renunciou inteiramente à fé. Nisso sem dúvida, influía sensivelmente a transformação da sua visão do mundo, para o que contribuíram os filhos.

Em Moscovo, para onde nos mudámos em

1893, a nossa mãe ainda frequentava a igreja mas raramente. Eis o que contou Dmítri Uliánov sobre uma conversa que tivera com ela a esse respeito. Ao chegar certa vez à casa disse-lhe que de caminho passara pela capela de Iversk. "Como são cúpidos, insolentes, com que desfaçatez esses monges mendigam dinheiro! Basta olhar para eles para perder toda a fé!" Tinha então quase 60 anos. Depois, já muito mais velha, diria sobre a vida no outro mundo: "São tudo histórias!" – e acrescentaria: "Seria bom morrer serenamente, como quando se adormece..."

Eram duros golpes para Maria Alexándrovna as buscas policiais e detenções dos filhos, que se tornaram particularmente frequentes na nossa família a partir dos anos 90. Muitas vezes, quando isso sucedia, ela via-se completamente só numa cidade desconhecida, porque nós tinhamos que mudar continuamente de terra e ela seguia-nos sempre. As detenções ligadas às duras recordações do passado afligiam-na muito, mas as dos filhos causavam-lhe profunda dor. Conhecendo mal as condições de vida dos presos, imaginava-as ainda piores; além disso tinha medo de que a permanência no cárcere abalasse-lhes a saúde. Sentia-se tão inquieta, que além das visitas permitidas, andava em torno do edifício da prisão animada pela esperança de ver algum dos filhos na janela ou ouvir algo sobre eles.

A detenção dos filhos trazia a Maria Alexándrovna numerosos afazeres e cuidados. Vladímir tinha razão ao escrever-lhe quando prenderam

Dmítri: "Andar pelas diversas "repartições públicas" é bastante desagradável, mesmo mais que estar preso!" Era preciso lutar para ser recebida pelo guarda ou oficial encarregado do prisioneiro, a fim de saber como iam as coisas, pedir autorização para vê-lo, interceder para que o libertassem. Era preciso ir à prisão dar dinheiro, roupa ou alimentos sempre que o permitiam e ver os filhos. Em todos os casos tinha que se esperar ou voltar outra vez se o guarda respectivo não estivesse lá. Tinha de se resignar a ouvir desses representantes das autoridades grosserias do género das que relatou M. Smirnov e toda a espécie de ameaças. Os guardas, por vezes, persuadiam a mãe do detido de que a causa deste era mais grave do que na realidade, para, por intermédio dela, tornar o prisioneiro mais maleável durante o interrogatório. Em Kiev em 1904, por exemplo, os guardas disseram à mãe horrores sobre o que esperava Dmítri Uliánov, exagerando desmesuradamente a acusação de que este era alvo. Não conseguiram alcançar os seus objectivos. Mas as suas fábulas faziam a nossa mãe sofrer imenso.

Implicados no processo do Comité Central e do Comité de Kiev do Partido foram também presos então junto com Dmítri sua mulher*, Ana e Maria Uliánova ficando Maria Alexándrovna completamente só, quase sem conhecidos naquela cidade estranha para onde nos haviamos mudado apenas alguns meses antes da detenção. Tinha de ocupar-se de quatro pessoas que além disso foram encerradas em diferentes prisões.

* A. I. Uliánova (Nachtcheretova), a primeira esposa de Dmítri Uliánov.

Mas por mais duras que fossem para ela as nossas detenções, ela simpatizava com a nossa actividade revolucionária e ajudava-nos por todos os meios a enganar os gendarmes, a esconder a literatura ilegal, etc. Graças a ela conseguimos algumas vezes sair de apuros. É elucidativo a este respeito o caso que teve lugar aquando da nossa detenção em Kiev. Dmítri levava consigo 500 rublos no momento em que foi preso na rua. Era, claro, dinheiro do Partido. Também os gendarmes consideraram como tal, estimando que uma pessoa que não possuía em Kiev nenhum ganha-pão fixo não podia dispor de uma soma tão importante para aquele tempo. Se Dmítri não pudesse refutar essa suposição, o dinheiro seria confiscado e, além disso, constituiria uma prova suplementar da sua actividade partidária. De início, os gendarmes encaravam o caso do Dmítri como muito sério. Encerraram-no na fortaleza e não permitiam que a mãe o visitasse. Dmítri, no entanto, arranjou um plano para livrar-se da complicação com o dinheiro, e mandou a mãe uma carta normal, na qual soltando algumas letras pedia em código que combinassem com o marido da Ana, M. T. Elizárov, que ele havia emprestado esse dinheiro (os 500 rublos numa única nota) para "montar a casa". Apesar de nunca se ter ocupado antes de leituras

14—412

em código, que conhecia apenas de nos ouvir falar, a mãe decifrou o conteúdo da carta e comunicou-o a Mark Elizárov. Este, ao ser interrogado pela polícia, como Dmítri o solicitara, confirmou tudo ponto por ponto. A polícia não podia suspeitar dos contactos de Dmítri com o exterior, pois o regime de detenção que reinava na fortaleza era extremamente rigoroso, e levantou a acusação de que ele guardava fundos do Partido.

Em 1910 eu e a mãe vivíamos em Moscovo em quartos mobilados, em frente da administração provincial do *zemstvo* onde eu trabalhava. De súbito apareceu lá a polícia. Como o apartamento não nos pertencia não podiamos demorar a abrir a porta. Bateram à porta. Lembro-me como a mãe, então já com 75 anos, me disse sem perder a presença de espírito: "Se tens algo para esconder dá-mo depressa!" Meio acordada enfiei-lhe uma carta que não escondera antes e abrimos. Era como de costume uma busca pessoal e ela também foi objecto dela, mas menos atentamente. Além disso, ela tinha dissimulado a carta tão bem e se mantido tão calma que não pareceu suspeita a ninguém. Sem me prender, os gendarmes armaram uma cilada no nosso alojamento não deixando ninguém sair da casa. Umas jovens que moravam lá e que deviam ir ao serviço e a proprietária, zangadas por terem sido detidas por nossa causa, agastavam a mãe por todos os meios. Decorria a semana pascal, a administração do *zemstvo* não funcionava e os camaradas que iam lá procurar-me, não me encontrando, iam à minha casa. Um policial disfarçado, abria a porta da rua ao toque da campainha, respondendo a quem perguntava por mim que eu estava em casa, conduzia o visitante à cozinha, onde se achavam o inspector de polícia e os esbirros que o revistavam, e começavam o interrogatório. Mas no segundo e no terceiro dia da emboscada a vigilância dos nossos guardas afrouxou e eles entregavam-se ao jogo de damas numa sala vizinha. Circunstância que a mãe e eu, naturalmente, aproveitámos. Ela vigiava para que ninguém entrasse no nosso quarto, e prestava atenção ao que faziam os esbirros, enquanto que eu procurava mostrar com sinais através da janela aos conhecidos que vinham ver-me, que não deviam entrar. Ficava assim à janela horas a fio afastando-me do peitoril a cada sinal da minha mãe. Consegui avisar alguns camaradas que se dirigiam à nossa casa que tínhamos cá a polícia e que deviam voltar para trás.

Em 1912, depois de Ana e Maria terem sido presas em Saratov, Maria Alexándrovna achou-se de novo completamente só. Arrastariam provavelmente ao processo M. T. Elizárov, que estava no momento em viagem. A mãe, para adverti-lo de que estavamos detidas, para aconselhá-lo a não parar em Saratov e ir instalar-se provisoriamente em outro lugar, foi ao cais onde se esperava o navio que devia trazer Mark Elizárov. Mas depois, quando ela foi à gendarmeria interceder pelas suas filhas, alquebrada, sentiu-

-se mal. Foi, talvez, por isso, que Ana Uliánova, sobre cuja participação no grupo social-democrata local a polícia não dispunha de dados concretos, não tardou a ser libertada. De qualquer modo, a minha mãe e a minha irmã vaguearam todo o Verão na sufocante cidade procurando aliviar a sorte da prisioneira que restava.

Durante a emigração de Lénine a nossa mãe viveu pouco a seu lado. Desolada por ter de viver longe dele, consolava-se com a ideia de que no estrangeiro ele não corria o perigo de ser preso ou deportado. Ainda em 1895, quando Lénine foi passar alguns meses ao estrangeiro, a mãe nas suas cartas aconselhava-o a ficar lá mais tempo.

"Não penso ficar aqui muito tempo, respondeu Vladímir, não há nada melhor que a nossa casa".

Vladímir tinha grande afeição pela mãe. Durante a emigração, a separação era-lhe tão dolorosa que propôs mais de uma vez que ela fosse viver com ele. Em 1908, por exemplo, convidando-me a deixar a Rússia "por um longo período", escrevia: "Seria magnífico se a mãe viesse também... Aqui, espera-se bom tempo para Setembro. Venham!"

"No Verão iremos passear (aproximadamente nos fins de Junho ou começo de Julho...),– levá-la-emos (a Maria – *N. da Red.*) connosco – escrevia Vladímir a 21 de Maio de 1909, e depois quando chegar ela esperar-te-á aqui e em Paris tudo se arranjaria".

Este plano não pôde ser realizado porque, como já disse, a mãe estava sempre com os filhos que mais necessitavam da sua ajuda, que eram perseguidos pela polícia na Rússia. Durante a emigração de Lénine a mãe só conseguiu ir duas vezes vê-lo por pouco tempo. A primeira, no Verão de 1902. Passou então cerca de um mês com Vladímir e Ana no Norte da França, na aldeia Longuivy, à beira-mar.

A segunda, em Outubro de 1910. Vladímir partia então de Paris para assistir ao Congresso de Copenhaga e propôs-nos que ela e eu juntássemos a ele depois do Congresso em Estocolmo. Chegou àquela cidade antes de nós, alugou um quarto por um anúncio de jornal e veio buscar-nos ao cais. Na breve estada de mãe em Estocolmo, Vladímir cercava-a de cuidados e atenção comoventes, mas sem interromper o seu trabalho corrente. De manhã ia habitualmente à biblioteca onde permanecia até ao almoço, depois do que passeávamos na cidade e arredores.

Em Estocolmo, a mãe assistiu também a uma intervenção de Lénine numa reunião do grupo bolchevique. Era o primeiro discurso dele que ouvia e pareceu-me que lembrava-lhe outro, aquele que Alexandre pronunciara no tribunal. Testemunhavam isso as suas feições transformadas, mas ela escutava-o com enorme atenção, estando evidentemente emocionada. "Ele falou bem, com expressão e energia – dir-me-ia depois – mas para que tal tensão, para que falar tão alto, isso faz-lhe mal à saúde. Ele não se poupa!"

No dia da nossa partida ele acompanhou-nos

até ao vapor. Ficou para sempre na minha memória a expressão do seu rosto quando no cais olhava para a mãe. Quanta dor! A mãe tinha já feito 75 anos e era pouco provável que ele a visse outra vez. E assim foi, de facto.

Mas mantinha sempre correspondência regular com a mãe, manifestando nas suas cartas infinitos cuidados por ela. Escrevia-lhe especialmente – muitas das suas cartas não se conservaram – quando a polícia prendia algum de nós. Inquieto, longe dela e não podendo com a sua presença e cuidados atenuar-lhe os sofrimentos, procurava, pelo menos, escrever mais.

"Receio que te sintas demasiado só agora – escreveu à mãe a 2 de Junho de 1912 ao saber que Ana e Maria haviam sido presas em Saratov –... Se a nossa correspondência for mais frequente poderá, talvez, atenuar um pouco a tua tristeza".

As cartas de Vladímir alegravam-na sempre. Também pedia a Nadejda Krúpskaia que lhe escrevesse com mais frequência. "Quando vivíamos no estrangeiro – conta Nadejda Krúpskaia – eu tentava descrever-lhe do modo mais vivo possível a nossa vida, para que ela não sentisse tanto a falta do filho".

Alexandre, segundo Ana Uliánova, disse uma vez cheio de indignação, que sob o czarismo os melhores homens eram mantidos na prisão. Ouvi a nossa mãe repetir essas palavras mais de uma vez. "Como será bom – dizia ela – quando não existirem nem prisões, nem grades. Os homens serão livres!" Pronunciava-as com grande fé no futuro, grande paixão, com a mesma paixão cantava connosco canções revolucionárias. Nessas ocasiões, apesar dos cabelos brancos e profundas rugas, parecia jovem, tão jovem como os que cantavam com ela.

Os seus conhecidos e interesses eram os dos filhos. Por isso, os nossos camaradas do Partido e da luta revolucionária se sentiam tão bem na sua companhia. Então, as pessoas idosas gostavam de passar o tempo com gente da sua idade, com interesses por vezes muito diferentes dos jovens, e da qual se sentiam em todo o caso mais próximas. Mas a nossa mãe andava toda a vida de terra em terra com os filhos. Não conseguia manter relações com pessoas da sua idade. Com o tempo, também os seus interesses e opiniões se aproximaram da nova geração.

Mas, além de simpatizar com o trabalho revolucionário, a nossa mãe queria agir em proveito da causa. Lembro-me como me surpreendeu quando certa vez em Vólogda – ela já tinha então quase 80 anos – me disse: "Não gosto viver sem fazer nada e, se fosse possível, iria a uma aldeia qualquer para ensinar os filhos dos camponeses a ler e a escrever".

Adorava ajudar os filhos. Certa vez em Samara vendo-me ocupada começou a ajudar-me copiar uns papéis urgentes e fazia-o com grande aplicação. Era com grande alegria que deixava as suas ocupações para ser útil aos outros.

Pouco antes de morrer disse-me: "Que bom

seria acordar dentro de alguns decénios e ver o mundo de então, como viverão os homens!" Nem ela nem nós sabíamos que alguns meses depois dar-se-iam a revolução e a liberdade tão longamente esperadas e pelo triunfo das quais pereceram os melhores homens. Morreu alguns meses antes da revolução de Fevereiro de 1917, do regresso de Lénine da emigração. Com que alegria teria visto a liberdade na Rússia, que belo coroamento seria da sua magnífica vida!

Nós evocá-lo-íamos ainda muitas vezes, sobretudo nos dias seguintes à chegada de Lénine e em Outubro de 1917. E, também, nos ansiosos dias de Julho e de Agosto do mesmo ano, quando diariamente temíamos pela liberdade e a vida de Lénine.

"Talvez seja bom, dizia Nadejda Krúpskaia, que as nossas velhinhas não tenham vivido para ver isto. Não se sabe como suportariam tais emoções. Talvez, não as aguentassem".

A nossa mãe morreu a 12 (25) de Julho de 1916. Pensou até ao último alento nos filhos. "Eu vou-me... vou-me... vou-me para o túmulo, murmurava ela, enfraquecendo, que sejas feliz na nossa família que eu tanto amo".

Ela jaz no cemitério Volkov, ao lado de Olga Uliánova.

"É triste pensar que já não vive Maria Alexándrovna, pessoa extraordinária e simpática, escreveu-nos um amigo depois da morte da mãe. Os que a conheciam um pouco nunca mais esqueciam essa pessoa excepcionalmente simpática, simples, afável e majestosa... Que vida íntegra! Poucos puderam viver assim".

Sim, foi uma vida íntegra, plena da mais luminosa harmonia e força. Ela dedicou aos filhos as suas grandes e excepcionais capacidades, que as condições de vida não permitiram que se desdobrassem, inteligência e coração. As cruéis provações que o destino lhe reservou não a desanimaram. Conservou sempre a sua força de vontade, profunda fé em que a vida melhor cedo ou tarde se estabeleceria na Terra, optimismo, cordialidade e atenção com os outros.

"Este magnífico exemplo de mãe de revolucionários (e que revolucionários!) – escreve Krjijanóvskaia – deve entrar na história da vida dos seus filhos, pois a sua vida esteve indissoluvelmente ligada à deles, consagrou-a a eles, e ninguém sabe em que medida influiu com a sua esplêndida e forte natureza espiritual na formação do carácter e mundividência dos filhos".

Lénine não se parecia exteriormente com a nossa mãe. Herdara as feições, a figura, vários hábitos, gostos e outros traços do pai. Mas os seus olhos eram os da mãe. Dela herdara, também, a solicitude e a excepcional atenção com aqueles que o rodeavam. O rosto mudava-lhe de cor, agitava-se e sofria tal como ela se lhe parecia que não havia cuidado suficientemente de um próximo ou camarada, que não lhe tinha prestado toda a ajuda possível, etc. A sua vida foi tão íntegra e elevada como a da mãe, se bem que noutra esfera.

À MEMÓRIA DE ALEXANDRE ULIÁNOV

Faz hoje 50 anos que o irmão mais velho de V. I. Lénine – Alexandre Uliánov – e seus quatro companheiros foram executados pelo governo czarista a 20 de Maio de 1887, por participarem na organização do atentado contra Alexandre III.

Esses representantes da juventude estudantil lutaram contra a autocracia czarista na sinistra época da reacção, em meados da década de 80 do século passado. Eram os duros anos da encruzilhada entre os *narodovóltsi* e os social-democratas... O partido *Naródnaia Vólia* encontrava-se destroçado. Foi com meios cruéis – enforcamentos e prisão perpétua – que o governo czarista deu cabo aos seus corifeus. Mas a ideologia populista para a qual a realidade russa de então constituía um terreno propício, não foi morta. Seria ainda percorrido um longo caminho de luta, até à vitória do marxismo na Rússia. No entanto notou Lénine, no primeiro período da história da social-democracia (1884-1894 aproximadamente) "o número de partidários da nova tendência na Rússia contava-se por unidades; a

social-democracia existia sem movimento operário atravessando, como partido político, um processo de desenvolvimento uterino" *.

Não se deve esquecer que "... a justeza desta teoria revolucionária – e só desta – foi demonstrada não só pela experiência mundial de todo o século XIX como, em particular, pela experiência das divagações e vacilações, dos erros e desilusões do pensamento revolucionário na Rússia. Ao longo de cerca de meio século, aproximadamente dos anos 40 aos anos 90 do século passado, o pensamento avançado na Rússia, sob o jugo de um czarismo inauditamente selvagem e reaccionário, procurou avidamente uma teoria revolucionária justa... Foi verdadeiramente *através de duras provações* que a Rússia *tornou seu* o marxismo, a única teoria revolucionária justa, através de uma história de meio século de sofrimentos e de sacrifícios inauditos, de heroísmo revolucionário nunca visto..." **

Alexandre Uliánov conhecia a doutrina de Marx e chegou mesmo a traduzir e a preparar para o prelo uma das suas obras. Nas suas notas sobre o livro de V. V. *Destinos do capitalismo na Rússia*, que um dos seus camaradas conservou durante muito tempo, via-se que ele "encarava de modo crítico as ideias de V. V. e punha em

---

* V. I. Lénine. *Obras Escolhidas em Três Tomos*, Edições "Avante!" – Lisboa – Edições Progresso–Moscovo, 1978, t. 1, p. 206.

** V. I. Lénine. *Obras Escolhidas em Três Tomos*, t. 3, p. 282.

dúvida a solidez da comunidade russa como base de reorganização social". Considerava *As Nossas Divergências* de Plekhánov "um livro interessante".

Ao mesmo tempo, no domínio da propaganda revolucionária entre os operários, Alexandre Uliánov dirigia diversos círculos na Vassílievski Ostrov, parte dos quais passava a camaradas seus. Ele exortava os operários à luta, não só contra a autocracia, como também contra o capitalismo.

Mas a época da encruzilhada não deixou de o influenciar. *O Programa da Fracção do Partido Naródnaia Vólia* (assim se denominara o seu grupo) redigido por ele, apesar de já revelar certas tentativas de renúncia ao programa dos *narodovóltsi* e aproximação do marxismo, era populista na sua essência. O método de luta escolhido por Alexandre Uliánov e seus companheiros era o do *Naródnaia Vólia* – o terror. Repetiram o erro dos narodovóltsi que consistiu, como escreveu Lénine, "em se ter baseado numa teoria que, na realidade, não era de modo algum uma teoria revolucionária, e de não ter sabido, ou não ter podido, estabelecer uma ligação firme entre o seu movimento e a luta de classes no seio da sociedade capitalista em desenvolvimento" *.

Alexandre Uliánov era um jovem magnífico e talentoso que se entregava sem reservas à causa

* V. I. Lénine. *Obras Escolhidas em Três Tomos,* t. 1, p. 174.

que ele acreditava ser justa. Desde a adolescência que reagia vivamente a toda a injustiça e opressão social.

"Eu posso datar dos meus anos mais juvenis – disse Alexandre Uliánov no tribunal – o sentimento confuso de descontentamento com a ordem geral que, dominando mais e mais a minha consciência me conduziu às convicções que me inspiraram no presente caso. Mas a minha convicção de que o regime existente é anormal consolidou-se definitivamente só depois de estudar ciências sociais e económicas e o vago sonho da liberdade, da igualdade e da fraternidade tomaram para mim formas científicas estritas, justamente socialistas. Compreendi que a modificação do regime social não é só possível, como inevitável".

... Existe um único caminho justo para expectar a vida social, que é o caminho da propaganda escrita e oral... Mas "as tentativas neste sentido que eu via empreender à minha volta... persuadiam-me de que os resultados obtidos de modo algum não compensariam os sacrifícios".

Alexandre Uliánov viveu numa época em que as massas operárias ainda não haviam saído para a arena de luta, quando a vida social no país era paralizada por uma reacção sem precedentes no mundo, que esmagava toda a palavra, que recorrendo a detenções e deportações acabava não só com toda a actividade socialista, mas também com a pacífica cultural. Nessas condições, a juventude julgava que os resulta-

dos obtidos "não compensariam de modo algum os sacrifícios".

A manifestação organizada pela juventude para celebrar o vigésimo quinto aniversário da morte de Dobroliúbov* (17 de Novembro de 1886) foi dispersada pela polícia e cossacos. Muitos dos que nela participaram foram presos e exilados. Esta repressão foi a gota que fez transbordar o cálice da paciência.

Alexandre Uliánov não seguiu um caminho correcto, mas ele e os seus companheiros deram o mais que podiam pelo bem do povo: a vida.

Não foram somente as suas qualidades inatas que contribuíram para que Alexandre se tornasse uma pessoa fora de série, inteiramente dedicada à causa dos oprimidos. Foram também as condições do seu desenvolvimento, o meio em que viveu a infância e a juventude, meio exclusivamente favorável. Desde criança (ele nasceu a 31 de Março de 1866), tinha sempre presente o exemplo do pai que, com enorme obstinação e tenacidade, consagrava todas as forças à causa da sua vida, a instrução dos escravos de ontem, o ensino primário do povo. Alexandre não podia deixar de ver quanto custava ao seu pai naquele tempo lutar contra os obstáculos erguidos no seu caminho pelos graúdos, para os quais era muito mais vantajoso ter à sua disposição "bestas ignorantes". Via a sua alegria quando conseguia que fosse fundada uma nova escola,

* N. A. Dobroliúbov–crítico literário russo, publicista, democrata revolucionário.

quando dos cursos especialmente organizados por ele saíam novos professores, homens de convicções, "os de Uliánov". Via que as simpatias do pai, animado pelas ideias libertadoras avançadas dos anos 60 do século passado, chegavam ao povo simples, aos oprimidos pelos poderosos deste mundo.

Excelente pai de família, ele era amigo dos filhos e consagrava-lhes todo o tempo livre. Alexandre e Vladímir deviam a excepcional capacidade de trabalho que os distinguiria mais tarde em considerável medida à influência paterna. Quanto a Alexandre, a sua capacidade de trabalho era excepcionalmente grande, até que certa vez, quando estudante, se lamentou a irmã mais velha: "Não consigo trabalhar mais de 16 horas por dia!"

O nosso pai influía no desenvolvimento espiritual dos filhos, fazia-os conhecer as melhcres obras dos clássicos russos e estrangeiros, recomendava-lhes, em particular, aquelas poesias de Nekrássov, seu poeta preferido, que eram notáveis pelos seus motivos cívicos.

Era um bom exemplo da nossa família, coesão que deixou a sua marca benéfica em toda a nossa vida o facto de os filhos mais velhos editarem o jornal manuscrito, *Subótnik*. Era redigido por Alexandre, auxiliado pelo irmão e irmãs, e era lido pela família toda, com a mais viva participação do pai e da mãe.

Sendo o pai a única fonte de subsistência da família, era preciso economizar para que bas-

tasse. Alexandre, ao ingressar na Universidade aos 17 anos, insistia para que o pai lhe enviasse para viver em Petersburgo não mais de 30 rublos por mês. Como este apesar de tudo começou a mandar-lhe 40 rublos, ele punha de lado todos os meses 10 rublos e nas férias devolveu a soma assim economizada.

O pai era companheiro de jogos dos filhos em croquet, xadrez, etc. Apesar dos estudos intensos, Alexandre não tinha nada de livresco e participava activamente nesses jogos. Atingira tal perfeição no xadrez que chegava a vencer mesmo o seu mestre – o pai.

A mãe, de exclusiva beleza espiritual, desempenhava particular papel na nossa família. Alexandre parecia-se mais com ela que os outros filhos. Tinha "a mesma rara combinação do carácter firme e equilibrado com solicitude, carinho e equidade, sendo porém ainda mais austero e recolhido, intrépido" (Colectânea *Alexandre Ilitch Uliánov e o Processo do 10 de Março de 1887,* Recordações de A. Uliánova).

Todos na nossa família, inclusive Vladímir, amavam profundamente Alexandre, procuravam imitá-lo. A sua figura moral era extremamente alta. Com apenas onze anos à questão da sua irmã mais velha: "Quais são os piores vícios?" – respondeu sem hesitar: "Falsidade e cobardia!" Óptimo aluno, Alexandre era admirado pelos seus amigos que ajudava a fazer os seus deveres, chegando para isso ao liceu meia hora antes do começo das aulas. Na opinião de

um dos seus colegas, ele "trabalhava por toda a turma".

As ciências naturais eram a sua disciplina preferida no liceu. Já então estudava com afinco Mendeléev, fazia experiências químicas na cozinha do pátio onde instalara o seu laboratório.

Terminado o liceu com medalha de ouro, ingressou na faculdade de ciências naturais da Universidade de Petersburgo. Continuou também lá a ser a alma da turma, o colega predilecto dos estudantes.

"O primeiro encontro com Alexandre produzia logo uma irresistível impressão... Junto com a pureza cristalina da alma, aptidão de entregar-se totalmente às convicções que defendia, fascinava ao mais alto ponto em Alexandre Uliánov a sua atitude delicada e respeitosa pela personalidade humana...

Com tais qualidades morais, aliadas à sua grande inteligência, Alexandre não podia deixar de ocupar um notável lugar entre a juventude".

Alexandre consagrou os primeiros dois anos e meio em Petersburgo principalmente à sua disciplina predilecta, as ciências naturais, o que fez o reputado zoologista N. Vagner, e, também o professor de química Bútlerov prestar-lhe atenção. No terceiro ano da Universidade foi atribuída a Alexandre Uliánov a medalha de ouro pelo seu trabalho em zoologia, reconhecido como uma nova contribuição a esta ciência. Erudito e talentoso naturalista, teria sido no-

15–412

meado para uma cadeira de professor se vivesse noutros tempos, mas a arbitrariedade, o despotismo que reinavam por todo o lado lançaram-no na luta revolucionária. No último ano e meio de vida, sem abandonar os estudos na Universidade, Alexandre Uliánov dedicava muito mais tempo às questões político-económicas, à participação em diversos círculos, à leitura de conferências, à vida social dos estudantes, à participação em toda a sorte de actos de protesto (manifestações por ocasião do aniversário da libertação dos camponeses, da morte de Dobroliúbov, composição de volantes, etc.), e, finalmente, aderiu a um círculo que preparava um atentado contra o czar.

Não sendo o principal organizador do atentado, tomava parte activa na fabricação dos projécteis aplicando os seus conhecimentos em química. Mas após a partida de dois membros do círculo (Alexandre ajudou um deles, Govorúkhine, a refugiar-se no estrangeiro, empenhando para isso a sua medalha de ouro) assumiu toda a responsabilidade pela preparação do atentado que, como se sabe, malogrou devido à inobservância da conspiratividade por certos membros do círculo. Alexandre Uliánov não era lançador – o seu papel no acto revelou-se na sequência das confissões.

O comportamento de Alexandre Uliánov no tribunal foi heróico. Recusando ser assistido por um advogado, pronunciou um vigoroso discurso argumentando a necessidade de lutar contra a autocracia czarista por todos os meios possíveis que o transformou na figura central do processo. A impressionante personalidade de Alexandre Uliánov revelou-se completamente não só durante o processo, mas também no cárcere, na sua atitude para com a irmã que fora presa com ele e especialmente em relação à mãe.

O filho e a mãe mostraram-se dignos um de outro nesses dias trágicos.

Chegando a Petersburgo logo depois de receber a notícia da detenção dos filhos, Maria Alexándrovna trouxe-lhes não reprimendas, mas o seu ardente amor materno. Alexandre fazia tudo o que podia para acalmá-la, resigná-la ao inevitável desfecho, demonstrava-lhe que, se ele havia decidido matar uma pessoa, também lhe podiam fazer o mesmo. Tendo perdido toda a esperança de ajudá-lo, ela disse-lhe apenas à guisa de adeus antes da execução: "Coragem!"

E por mais dor que lhe causasse a punhalada que jamais cicatrizaria, ela arranjou forças para esconder de Ana, que se encontrava na prisão, a morte do irmão, implorava também aos outros que nada lhe dissessem temendo que isso fosse fatal. A rara coragem que demonstrou na ocorrência aproximou-a ainda mais de nós, tornou-a ainda mais querida. Nos anos que se seguiram ela seria a nossa companheira por convicções, ajudando-nos sempre, a Vladímir inclusive, no nosso trabalho revolucionário, dando o exemplo de mãe-amiga, camarada firme e inabalável.

Nos primeiros anos do Poder soviético foi erigido um monumento sobre os túmulos dos participantes executados do acto de 1 de Março de 1887, mercê dos cuidados de M. V. Novorússki.

Alexandre Uliánov e os seus companheiros seguiram um caminho errado que não podia assegurar a vitória da classe operária e do campesinato, libertá-los do jugo da autocracia e do capital. Agiam isolados das massas, sem o seu apoio e activa participação.

"Mas a sua obra não foi vã".

"Ao homenagear Herzen, escrevia Lénine, vemos claramente três gerações, três classes, que actuaram na revolução russa. De início, os nobres e os latifundiários, os dezembristas e Herzen. É estreito o círculo desses revolucionários. Estão terrivelmente longe do povo. Mas a sua obra não foi vã. Os dezembristas despertaram Herzen, Herzen desenvolveu a agitação revolucionária.

Ela foi retomada, alargada, reforçada e temperada pelos revolucionários *raznotchíntsi**, a começar por Tchernichévski e terminando nos heróis de *Naródnaia Vólia*. Tornou-se mais largo o círculo de lutadores e mais estreitos os seus laços com o povo. "Jovens pilotos da futura tempestade" – assim lhes chamou Herzen. Mas aquilo não era ainda a própria tempestade.

A tempestade é o movimento das próprias massas. O proletariado, a única classe revolucionária até ao fim, ergueu-se à frente delas e pela primeira vez levantou milhões de camponeses para a luta revolucionária aberta. A primeira arremetida da tempestade teve lugar em 1905. A seguinte começa a crescer diante dos nossos olhos"*.

Alguns anos depois de terem sido escritas estas palavras, a tempestade tomou as proporções de um verdadeiro furacão e, sob a direcção de Lénine, derrubou a autocracia, os capitalistas e os latifundiários, abrindo caminho para a construção e vitória do comunismo não só no nosso país mas também no mundo inteiro.

A obra dos "jovens pilotos da futura tempestade", entre os quais estava A. I. Uliánov e os seus companheiros no processo, que sacrificaram abnegadamente as vidas em plena juventude pela felicidade do seu povo, contudo, não foi vã. A sua memória deve ser querida a todos os cidadãos da União socialista, a todos os operários dos Estados capitalistas que na sua luta seguem o exemplo da grande União Soviética...

* *Rasnotchíntsi* – "gente de classes e ordens diferentes", uma camada social média na Rússia nos séculos XVIII-XIX, oriundos do clero, negociantes, pequenos funcionários e nobreza empobrecida, educados e que se afastaram do seu antigo meio social.

* V. I. Lénine. *Obras Escolhidas em Três Tomos*, t. 1, p. 490.

A NOSSA IRMÃ OLGA

Olga era na infância a irmã mais ligada a Vladímir. Ela era um ano mais nova do que ele e correspondia-lhe mais pela idade*. Não cedendo a Volódia em vivacidade e mobilidade, quando pequena foi até apelidada de "macaquinha". "Garotinha vivaz, conta Ana Uliánova, ela não gostava quando, ao anoitecer lhe diziam: "Estás na hora de te deitares!" Assegurava que nunca dormia e ao deitar-se fechava apenas os olhos, acolhendo a ordem desagradável com gritos, os "uivos de Ólia", como dizíamos".

Mas se como Vladímir Olga gostava de jogos ruidosos e correrias, ela apaixonou-se cedo também pela leitura, tendo aprendido a ler com ajuda da mãe ao mesmo tempo que Vladímir, quando não tinha ainda quatro anos. Os dois liam muito e Olga gostava de decorar poesias,

* O. I. Uliánova nasceu a 4 de Novembro (estilo antigo) de 1871.

por vezes bastante longas.

Olga e Vladímir terminaram o liceu ao mesmo tempo, em 1887, mas Olga estudou nele apenas quatro anos, tendo entrado no liceu logo no quarto ano. Como a maioria das escolas secundárias daquele tempo, era um liceu antediluviano, mas Olga estudava com gosto e zelo, assimilava tudo o que ele podia dar. Numa carta a uma amiga, ela, ao contrário de Vladímir, tinha muitas amigas, falava do liceu: "É com pesar que penso ter reinado no nosso liceu um clima de colégio feminino, que se devia principalmente às alunas internadas. É que fora raras excepções, ninguém da nossa turma amava a ciência, a encarava seriamente, desejava conhecer algo além dos manuais, conhecer para si e não só para responder às perguntas dos professores. Ora, o liceu podia fornecer noções bastante úteis apesar de sucintas. A maior parte das alunas era boa. E quantas boas alunas havia entre nós, boas no sentido das aptidões e não da atitude para com o estudo. Deitavam todas a perder as tolices do pensionato: correrias, lacinhos, fitinhas, bailes, cadetes, etc.– tornando todos os interesses mesquinhos e triviais".

Olga fora sempre a primeira aluna do liceu, que terminou com medalha de ouro muito jovem, não tinha ainda 16 anos. Mas era já então uma jovem séria e ponderada. Ela própria qualificava a sua correspondência com uma amiga "de bastante séria, filosófica, por vezes mesmo demasiado séria para nós, que acabámos de

terminar o liceu, e que nos livros são comparadas (não sem razão) a borboletas em busca de flores multicolores". Assim eram, com efeito, na maioria, as jovens que terminavam a escola secundária naquele tempo: "passavam quase toda a vida entre os muros do liceu, ali se concentravam todos os seus interesses". Entre estes muros não existiam interesses sociais como não existiam no mundo em redor. Esta juventude enfrentaria a vida real mais tarde, e mesmo então no quadro dos interesses pessoais, saindo apenas alguns da preocupação da sua felicidade individual e do seu próprio bem-estar.

Além dos seus notáveis dotes e desenvolvimento precoce, muito favorecidos pelas condições familiares, Olga distinguia-se ainda pela sua enorme capacidade de trabalho. Só não trabalhava quando dormia. Olga deixava-se arrebatar tanto pelos estudos, sobretudo pela matemática, que adorava, que à noite quando a família se reunia na sala de jantar para tomar chá a mãe só a muito custo a conseguia arrancar aos livros e cadernos para se juntar a nós.

Fora do liceu, Olga lia muito, estudava línguas e música, nas quais chegou a ter grandes êxitos. Também isso devia a sua tenacidade extraordinária. A nossa irmã Ana conta que certa vez vendo-a treinar-se como de costume horas a fio ao piano Vladímir exclamou: "Só pode invejar-se tal capacidade de trabalho!" Ela amava a música clássica, compreendia-a – em Kazán estudava na escola musical de Orlov-Sokolóvski – mas não era esse o domínio a que poderia dedicar-se inteiramente. "A música é uma coisa sublime, magnífica, uma fonte de puro deleite, escrevia ela a uma amiga, mas parece-me que teria vergonha de entregar-me à música, podendo ser mais útil noutro domínio qualquer". Posteriormente, ocupar-se-ia cada vez menos de música. Na Primavera de 1889, não podendo tocar piano por ter magoado um dedo, escrevia: "Eu não estou de modo algum tão aflita por não poder tocar piano como todos pensam: tenho a cabeça cheia de sonhos sobre a minha viagem a Helsingfors" (para entrar na Universidade).

Mas, enquanto permanecia entre os seus, Olga continuava a tocar. Por vezes, podia-se ouvir alguém a cantar na nossa casa. Era Vladímir que cantava acompanhado pela irmã. Ele tinha bom ouvido, captava facilmente os motivos musicais e gostava de música e de canto. Olga também cantava. Até agora conservou-se na nossa família um grande caderno de notas, recopiadas por Olga com o esmero habitual, que lhe emprestavam seus conhecidos. Esse caderno dá-nos uma ideia da música que os dois gostavam.

Olga ensinava-me música e não me lembro de nenhum mal-entendido com a minha mestra, não por eu ser boa aluna, mas graças à extrema paciência e condescendência da minha irmã. Eu tinha-lhe muito apego e já por isso tudo saía melhor nas nossas lições de música.

O carácter de Olga era muito parecido ao de

Alexandre. Como ele, ela aliava a firmeza e rara rectidão, delicadeza e bondade. Querida por todos nós, ela era a irmã preferida dele. Ela ajudava frequentemente a mim e ao nosso irmão mais novo * a fazer os deveres da escola. Dmítri Uliánov recorda que, quando lhe acontecia pedir a Vladímir que o ajudasse nisso, a resposta era: "Foi a ti e não a mim que deram os deveres, resolve, pois, tu mesmo". Não se podendo conformar sempre com tal método, Dmítri dirigia-se a Olga que lhe explicava tudo detalhadamente.

Dotada de boa memória, Olga contava-nos muitas vezes as suas leituras, sobretudo a mim, a mais pequena. Eram, por vezes, longos contos e novelas, e ela narrava-mos por partes. As suas narrativas impressionavam-me profundamente. Gostava muito delas, talvez naquela altura até mais que ler e esperava a continuação com a maior impaciência. Recordo a este respeito particularmente o último Verão da nossa vida comum em Alakáievka. Dávamos grandes voltas com Olga, eu escutava sempre com prazer o que ela me contava. Era tão carinhosa e amável que seduzia todos.

Olga, como todos na família, adorava a natureza. Vivendo na aldeia, passeava pelos campos e bosques vizinhos, andava a cavalo e de barco. Por vezes ia ver os trabalhos de campo.

A execução do Alexandre, a que era muito

* D. I. Uliánov.

apegada, abalou-a profundamente. Isso é particularmente visível na sua correspondência com as antigas colegas de liceu. "Nós as duas somos demasiado sérias e desiludidas, escrevia Olga a uma delas em Abril de 1888. – Eu tenho motivos mais que suficientes para tal, mas tu?" A tragédia de 1887 marcou-a. "Onde está a gente feliz? – escrevia. – Não, eu não creio na felicidade, penso apenas que se pode esquecer as desgraças – as suas e as alheias – (e só em parte) cumprindo o seu dever. A meu ver, esta palavra exprime todo o sentido da vida". Como isto faz lembrar o pai e Alexandre, para os quais todo o sentido da existência concentrava-se nesse termo. Mas como eles, Olga era dotada de grande firmeza e força de vontade: "Não aceito a compaixão dos outros, escreve a uma amiga, não por orgulho, mas simplesmente porque não fica bem com o meu carácter".

Mas por mais que Olga suspirasse pelo seu querido irmão, na sua vida espiritual haviam vislumbres. "Na alma humana, escrevia em outra carta, vive a aspiração à verdade, ao ideal, – o homem deve ter sempre fé no homem, na possibilidade de uma vida melhor na Terra, apesar das desilusões pessoais... Schiller dizia: "Os mortais procuram sempre, esperam sempre o melhor!" E Olga tenta encontrar no trabalho um bálsamo para a sua tristeza.

O carácter de Olga, muito parecido ao de Alexandre, distinguia-se igualmente pelo espírito de sacrifício, a disposição natural a imolar-se

pelos outros. Isso estava em particular presente na sua atitude quando foi lido entre nós em voz alta o conto de G. Uspénski *Três cartas*. Enquanto Vladímir e Ana repudiaram categoricamente o sacrifício da personagem do conto, Olga, pelo contrário, aprovou-o.

Todos os seus pensamentos centram-se cada vez mais no desejo de procurar "ser útil pelo menos um pouco". Esta jovem de carácter profundo e forte prepara-se para a acção social com uma gravidade invulgar para os seus verdes anos. "Já não quero ler romances – escreve em Janeiro de 1888 (com 16 anos) – leio obras sérias". E lia muito. Certos resumos, notas dela que conservo até agora mostram como trabalhava intensa e sistematicamente. Olga estudava escrupulosamente história, lia numerosos livros consagrados às ciências sociais, inclusive a economia política. Mais tarde, leria Marx, em Samara e Petersburgo, traduziria alguns dos seus artigos para russo. Dá uma ideia de como ela trabalhava o caderno onde apontava o que fazia durante o dia: quantas páginas de um ou outro livro lera, quanto avançara no estudo das línguas, quanto tempo consagrara à música, etc. Era, provavelmente, Vladímir que influía na escolha dos livros de Olga. Por vezes, liam juntos. Em Alakáievka, na quinta onde passávamos o Verão quando vivíamos em Samara, Olga pedia-me algumas vezes para substituí-la, na tarefa que nos, a ela e a mim, era incumbida (lavar a louça depois do chá da tarde; um dia lavava

ela, outro eu), para ir ler com Volódia.

Como a nossa Ana "cuja primeira aspiração consciente fora ser professora", tão grande era o exemplo e a influência do nosso pai, Olga considerava também que "o ensino era uma das ocupações mais úteis e nobres", "sendo-lhe mais simpática a função dos professores das escolas primárias do povo". Ela encarava esse género de actividade com extrema seriedade. Tinha a inveja das pessoas que eram verdadeiramente úteis por desejar sê-lo, não simpatizava com as naturezas práticas. "Eu não gosto dela – escreve sobre uma rapariga – precisamente por estar absolutamente afastada da idealidade, isto é, da aspiração ao *melhor* não do ponto de vista material, mas moral". Olga, todavia, não tardou a compreender, o que mais uma vez confirmou o seu insucesso ao pedir o lugar de professora em Samara – que depois de 1887 o magistério era inacessível para ela. Decide matricular-se na Faculdade de medicina. Na Rússia isso era impossível, pois o Instituto feminino de Medicina de Petersburgo estava fechado e na Universidade, naquele tempo, não admitiam mulheres. Planeia ir estudar para a Suiça. Mas a viagem não se concretizou, essencialmente, talvez, para não causar à mãe a dor de uma longa separação. É possível, também, que tenha sido por razões materiais. Como Helsingfors ficava mais perto, decide-se por esta cidade e começa a estudar intensamente o sueco. "A minha cabeça está cheia de sonhos sobre a viagem a Helsing-

fors – escreve a uma amiga na Primavera de 1889 – já falei sobre isso à mãe e apesar das suas múltiplas objecções, boa como ela é, sei que não recusará. Mas quando diz que é preciso esperar por ser demasiado jovem, devo concordar, com pena. Terei que aprender perfeitamente a língua para compreender as aulas. Serão necessários, sem dúvida, muitos outros esforços, mas quando penso no que poderei atingir sinto crescerem-me asas". Olga assimilou a fundo o sueco, aprendendo-o quase sozinha (mais tarde ela faria traduções do sueco) mas não conseguiu entrar na Universidade de Helsingfors. Além do sueco, exigiam ainda o conhecimento do finlandês, e, para não perder tempo a aprendê-lo, Olga decidiu ingressar na faculdade de física e matemática dos Cursos Superiores Bestújev, de Petersburgo, para onde partiu no Outono de 1890. Lá também ela trabalhou muito, as suas respostas aos exames que fez logo na Primavera mereceram dos examinadores a nota máxima, Z. P. Krjijanóvskaia e A. A. Iakubova-Takhtareva que frequentavam os Cursos com Olga qualificavam-na como uma jovem exclusivamente dotada.

"Olga Uliánova era igualmente uma estudante pouco comum naquele tempo – escreve nas suas recordações Z. P. Krjijanóvskaia – um modesto besourinho preto sem destaque à primeira vista, mas jovem de talento, cabeça lúcida que perseguia o objectivo com obstinação e uma força de vontade calma e concentrada. Profunda, séria, apesar dos seus 19 anos, e excelente camarada".

Mas Olga só conseguiu estudar um ano. Na Primavera de 1891, adoeceu gravemente de febre tifóide agravada já no hospital onde se encontrava (hospital Alexandrov) com erisipela. O seu organismo não suportou a doença e ela morreu a 8 de Maio*.

Faltam-nos dados para definir as convicções políticas de Olga, sobretudo no último período da sua vida em Petersburgo. Mas considerando a sua mentalidade e carácter não se pode duvidar que ela, se continuasse a viver, seguiria o caminho revolucionário, consagraria o seu talento invulgar e o seu grande coração à causa da classe operária, como o fez Lénine.

* O. I. Uliánova foi a enterrar a 10 de Maio de 1891 no cemitério Vólkov, de Petersburgo.

ÍNDICE

PREFÁCIO 3

O MEU CAMINHO NA REVOLUÇÃO

(AUTOBIOGRAFIA DE MARIA ULIÁNOVA) 13

RECORDAÇÕES SOBRE LÉNINE

EXTRACTOS 17

EM SIMBIRSK 23

NO LICEU

EXTRACTO DO DISCURSO NA SESSÃO FÚNEBRE DO SOVIETE DE MOSCOVO A 17 DE FEVEREIRO DE 1924 27

COMO COSER UM CADERNO BRANCO COM LINHA PRETA? 29

O NOSSO IRMÃO MAIS VELHO 32

O PERÍODO DE SAMARA (ALAKÁIEVSK) (1889-1893) . . . 35

NA ALDEIA E NA CIDADE 35

TEMPOS LIVRES E CAÇA 42

LÉNINE NAS CARTAS AOS PARENTES 44

LÉNINE CHEGA À RÚSSIA 70

DAS CARTAS A LÉNINE 77

PRIMEIRO ATENTADO CONTRA LÉNINE 86

REPOUSO 88

LÉNINE FERIDO 91

RECORDAÇÕES SOBRE LÉNINE 95

GUIA, CAMARADA, HOMEM 108

ESMERO, PONTUALIDADE, PRECISÃO 113

UM DOS LADOS MAIS FORTES DE LÉNINE 116

LÉNINE E GÓRKI 120

LÉNINE E A MÚSICA 123

CARTAS 125

ENSAIOS 146

O PAI DE LÉNINE – ILIÁ NIKOLÁEVITCH ULIÁNOV (1831-1886) 146

A MÃE DE LÉNINE, MARIA ALEXÁNDROVNA ULIÁNOVA 186

À MEMÓRIA DE ALEXANDRE ULIÁNOV 218

A NOSSA IRMÃ OLGA 230

ERRATA

Na fotografia número 8 do segundo bloco de fotografias onde na segunda linha se lê Ana Iliánova-Elizárova deve ler-se Ana Uliánova-Elizárova.

Neste livro são reproduzidas cartas de Maria Ilínitchna Uliánova, irmã e companhneira de luta de V. I. Lénine, enviadas em diferentes períodos da sua vida a Vladímir Ilitch, a Ana Ilínitchna (sua irmã), a Dmítri Ilitch (seu irmão) e à sua mãe, Maria Alexándrovna.

Nele foram também incluídas as suas notas: *O Pai de Vladímir Ilitch – Iliá Nikoláevitch Uliánov, A Mãe de Vladímir Ilitch – Maria Alexándrovna Uliánova, À Memória de Alexandre Ilitch Uliánov* e Nossa Irmã, Olga Ilínitchna.

O prefácio é de Olga Dmítrievna Uliánova, filha de Dmítri Ilitch Uliánov.

Edições Progresso

M. I. Uliánova · *Lénine e a Família Uliánov*